

CAROLINA CAMPOS RODEGHIERO

**VIOLÊNCIA NA INTERNET:
UM ESTUDO DO *CYBERBULLYING* NO FACEBOOK**

**Pelotas
2012**

CAROLINA CAMPOS RODEGHIERO

**VIOLÊNCIA NA INTERNET:
UM ESTUDO DO *CYBERBULLYING* NO FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Lingüística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel da Cunha Recuero

**Pelotas
2012**

CAROLINA CAMPOS RODEGHIERO

**VIOLÊNCIA NA INTERNET:
UM ESTUDO DO *CYBERBULLYING* NO FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Pelotas, 30 de Maio de 2012

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Raquel da Cunha Recuero, Doutora em Comunicação (UCPEL)

Profª. Dra. Eliane Terezinha do Amaral Campello, Doutora em Letras (UCPEL)

Profª. Dra. Rosária Ilgenfritz Sperotto, Doutora em Educação (UFPEL)

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós Graduação em Letras da UCPEL, por ver na Comunicação Social uma real contribuição para os estudos da Linguística Aplicada.

Aos meus queridos professores, que com total dedicação e sabedoria tornaram cada aula uma parte emocionante do meu caminho rumo a Letras.

À coordenadora e professora do PPGL da UCPEL Dra. Carmen Lúcia Matzenauer, pelo entusiasmo em relação a minha participação no PPGL, e de demais graduados em Jornalismo.

À Raquel, minha professora e orientadora desde a graduação, por exigir sempre mais de mim e ter o dom de me motivar para a pesquisa. Por ter tido paciência em todos os momentos e por ser principalmente o exemplo que tenho de como é gratificante dedicar tempo e trabalho à pesquisa científica.

Aos meus pais, por terem me proporcionado a liberdade de escolher o caminho profissional que eu quisesse.

À minha mãe, exemplo de paciência e amor. E também a mulher mais batalhadora e inteligente que eu conheço.

Ao meu pai, que não teve as mesmas oportunidades que eu, mas que desde que entrei na pré-escola prioriza minha formação intelectual e me oferece todas as condições e incentivos para que eu vá sempre em frente nas minhas escolhas.

Ao meu irmão César, que há 23 anos é meu colega da vida, errando e aprendendo diariamente junto comigo.

Ao meu irmão Nicolas, cujo coração é maior do que ele e cuja companhia alegra qualquer dia triste.

Ao meu sobrinho e afilhado Arthur, que mesmo tão pequeno consegue ser inspiração para muitas das minhas escolhas.

Ao João, por ter lutado comigo a batalha do Mestrado e por compreender o quanto sou feliz ao ler, pesquisar e me isolar do mundo escrevendo um trabalho acadêmico. Obrigada por ser a força que eu preciso quando a minha se acaba.

A todos aqueles que me acompanharam nesta jornada e que com sinceridade torcem por ela. Como o querido amigo Lourenço Tomaz, cuja pergunta mais intensa que faz toda vez que me encontra é “E a dissertação?”.

E a Deus, cujo papel não há palavras para descrever.

MUITO OBRIGADA!

“Nós conseguimos enxergar tudo num espelho, obscuramente. Às vezes conseguimos espiar através do espelho e ter uma visão de como são as coisas do outro lado. Se conseguíssemos polir mais esse espelho, veríamos muito mais coisas. Porém, não enxergaríamos mais a nós mesmos.”

(Jostein Gaarder)

RESUMO

O site de redes sociais mais aderido de hoje está prestes a ter mais de 900 milhões de pessoas conectadas a ele. Este é um ponto de partida para as relações sociais e suas características, no qual se pode encontrar não só comunicação, mas exemplos concretos sobre como a violência pode ser grande em tal ambiente. Este estudo faz uma análise sobre o *bullying* em seu contexto virtual, mostrando como o *cyberbullying* pode mudar as relações sociais com a participação massiva de pessoas no Facebook. Para isso, apresentamos como as tecnologias da informação se desenvolveram até os dias de hoje com as redes sociais e sites de redes sociais, estudando a violência em sua história e conceito, baseando o estudo em autores como Hannah Arendt (2009) com teorias de como estão relacionados poder e dominação, e comparando isso com a contribuição de Foucault (2009) de como a vigilância é sobre punição e controle. Em seguida, fechando as teorias sobre a violência, vigilância e *cyberbullying* com Smith *et al.* (2009), falando sobre a violência virtual e sua relação com sites de redes sociais. Depois, como referencial teórico e metodologia, usamos Análise Crítica do Discurso com ênfase na concepção tridimensional do discurso de Fairclough (2003) e na Gramática Visual de Kress & Leeuwen (2006) para fazer uma análise em publicações do Facebook que apresentam sinais de violência. Por mantermos o foco não só na própria publicação, mas na sua produção, distribuição e recepção, este estudo é sobre como o *cyberbullying* pode ser encontrado fora do ambiente escolar ou adolescente, no contexto virtual, de adultos e público, o que faz esse tipo de *bullying* ser ainda mais violento e sem preocupação com o abuso de poder nele existente.

Palavras-chave: discurso da violência, sites de redes sociais, perspectiva tridimensional do discurso; análise crítica do discurso; Facebook.

ABSTRACT

The most popular social network website of nowadays is about to have more than 900 millions of people connected by it. This is a start point to social relations and its features, in which we can find not only good communication, but concrete examples about how violence can be significant in such environment. This study makes a deep analysis about bullying in virtual context, showing how cyberbullying is being part and changing social organization with the massive participation of people on Facebook. For that, we show how communication technologies arrived until today with social networks and social networks websites, studying violence and its history and concept, showing through authors like Hannah Arendt (2009) how this is related to power and dominance, and comparing it to the contribution of Foucault (2009) about how surveillance is about punishment and control, then closing the theories about violence, surveillance and cyberbullying with Smith et al. (2009), talking about virtual violence and its relations to social networks websites. After that, as theoretical reference and methodology, we use Critical Discourse Analysis with emphasis in Tridimensional Discourse Concept from Fairclough (2003) and Visual Grammar from Kress & Leeuwen (2006) to make a deep view into Facebook publications that present violence signals. For that we have a perspective not only at the publication itself, but in its production, distribution and reception, which makes this study characterized like how cyberbullying can be found not only at school environment, but at virtual, adult and public context, what makes of bullying even more violent and full of abusive power.

Keywords: violence discourse; social network sites; tridimensional discourse perspective; critical discourse analysis; Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 A lixeira na tela inicial do Mac OS X – ícone da direita	29
Figura 2 Ícones de interface gráfica WYSIWYG em um computador com sistema Mac OS X	30
Figura 3 Publicação no Facebook com característica de interatividade	32
Figura 4 Questionário sobre bullying online como ferramenta de interação reativa	33
Figura 5 demonstrando nós e arestas descrito no Teorema de Euler sobre as pontes da cidade de Königsberg.....	35
Figura 6 Exemplo de perfil publicado no Facebook.....	39
Figura 7 Segundo exemplo de perfil publicado no Facebook.....	40
Figura 8 A apresentadora de TV Americana Oprah Winfrey no Twitter.....	42
Figura 9 Millor Fernandes no Twitter.....	42
Figura 10 O humorista Rafinha Bastos no Twitter.....	43
Figura 11 Exemplo de apropriação de um blog para ter função de SRS.....	44
Figura 12 Exemplo de apropriação do Twitter para ser SRS.....	45
Figura 13 Imagem de uma página (<i>fan page</i>) no Facebook.....	85
Figura 14 Imagem do Feed de Notícias no Facebook.....	86
Figura 15 Imagem de uma lista de amigos no Facebook.....	87
Figura 16 Imagem de uma publicação sendo restrita a uma lista de amigos no Facebook.....	87
Figura 17 Exemplo de grupo no Facebook.....	88
Figura 18 Exemplo de Timeline no Facebook: Bill Gates.....	89
Figura 19 Exemplo de timeline no Facebook: publicações de Bill Gates em ordem cronológica.....	90
Figura 20 Imagem que apresenta um exemplo de publicação de fotos no Facebook....	91
Figura 21 Exemplo de como a publicação de um álbum aparece no Feed de Notícias.	92
Figura 22 Exemplo de um vídeo do YouTube compartilhado no Facebook.....	92
Figura 23 Exemplo de como um vídeo ou imagem pode vir acompanhado de texto e marcação de pessoas no SRS.....	93
Figura 24 Imagem de como o Facebook marca a localização de alguém no mapa.....	93
Figura 25 Exemplo de publicação no Facebook com 32 “curtir”, 13 compartilhamentos e comentários.....	94
Figura 26. Concepção tridimensional do discurso de Fairclough.....	102
Figura 27 Imagem do Objeto 1: “ <i>Culpa das Casas Bahia</i> ”	107
Figura 28 Comentário “48 vezes”	110
Figura 29 Comentário “ <i>ricos também são feios</i> ”	111
Figura 30. Comentário “ <i>acasalamento de hipopótamos</i> ”	111
Figura 31. Comentário “ <i>Viva as Casas Bahia!</i> ”	112
Figura 32. Imagem do Objeto 2: “ <i>Machismo nosso de cada dia</i> ”	114
Figura 33. Comentário “ <i>Intolerância nossa de cada dia</i> ”	117
Figura 34. Comentário “ <i>todas nasceram com uma única meta</i> ”	118
Figura 35. Imagem do Objeto 3: “ <i>Vire político!</i> ”	119
Figura 36. Comentário “ <i>Para ser ladrão precisa de diploma?</i> ”	122
Figura 37. Comentário “ <i>Analfabeto é o povo</i> ”	123

Figura 38. Imagem do Objeto 4: “ <i>É só 10% do teu salário</i> ”	125
Figura 39. Comentário “ <i>Crentes cegos, ignorantes, otários</i> ”	127
Figura 40. Comentário “ <i>Religiosos nos deixem em paz</i> ”	128
Figura 41. Comentário “ <i>Quero que o pior aconteça com quem postou</i> ”	129
Figura 42. Comentário “ <i>Sua fé não será ofendida com essa imagem</i> ”	129

Quadro 1. Quadro demonstrativo de análise.....	105
Quadro 2. Análise do Objeto 1 “ <i>Culpa das Casas Bahia</i> ”	107
Quadro 3. Análise do Objeto 2 “ <i>Seu cartão de crédito estourou</i> ”	114
Quadro 4. Análise do Objeto 3 “ <i>Vire político!</i> ”	119
Quadro 5. Análise do Objeto 4 “ <i>É só 10% do teu salário</i> ”	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TIC: Tecnologias de Informação e Comunicação

SRS: Site de Redes Sociais

WYSIWYG: What You See is What You Get

CMC: Comunicação Mediada por Computador

IP: Internet Protocol

ACD: Análise Crítica do Discurso

GV: Gramática Visual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 INTERNET E REDES SOCIAIS	17
1.1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TIC.....	17
1.1.1 O computador: de objeto militar a computador pessoal.....	20
1.1.2 INTERNET: facilidade em explorar o mundo.....	23
1.1.3 Hipertexto.....	26
1.1.4 Interatividade.....	27
1.2 REDES SOCIAIS NA INTERNET.....	35
1.3 SITES DE REDES SOCIAIS (SRS).....	38
1.3.1 Exemplos de SRS.....	41
1.4 CAPITAL SOCIAL NOS SRS.....	47
2 VIOLÊNCIA, VIGILÂNCIA E <i>CYBERBULLYING</i>	50
2.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA.....	51
2.1.1 Origem da violência.....	52
2.1.2 Natureza da violência.....	53
2.2 VIOLÊNCIA, ÓDIO E PODER.....	55
2.2.1 Violência e ódio.....	55
2.2.2 Violência e poder.....	58
2.2.3 Violência e governo, segundo Arendt.....	62
2.3 VIGILÂNCIA COMO VIOLÊNCIA.....	65
2.3.1 Vigilância e visibilidade na Internet.....	65
2.3.2 Vigilância e performance.....	67
2.3.3 Vigilância e os SRS.....	69
2.4 <i>BULLYING</i> COMO VIOLÊNCIA.....	72
2.4.1 A origem do <i>bullying</i>	75
2.5 CIBERVIOLÊNCIA.....	77
2.5.1 <i>Cyberbullying</i>	77

3 ESTUDO DE CASO	82
3.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO.....	83
3.1.1 O Facebook.....	84
3.2 METODOLOGIA.....	95
3.2.1 Histórico da ACD.....	96
3.2.2 Fundamentos da ACD.....	97
3.2.3 A linguagem como fenômeno social.....	98
3.2.4 A ACD como metodologia de análise.....	101
3.2.5 Uma perspectiva da Gramática Visual	103
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	106
3.3.1 Objeto 1: “Culpa das Casas Bahia”	106
3.3.1.1 Análise do Objeto 1.....	107
3.3.2 Objeto 2: “Seu cartão de crédito estourou”	113
3.3.2.1 Análise do Objeto 2.....	114
3.3.3 Objeto 3: “Vire político!”	119
3.3.3.1 Análise do Objeto 3.....	119
3.3.4 Objeto 4: “É só 10% do teu salário”	124
3.3.4.1 Análise do Objeto 4.....	125
3.4 DISCUSSÃO.....	130
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	144
GLOSSÁRIO	150

INTRODUÇÃO

Quando estava na 7^a série do Ensino Fundamental – assim chamado na minha época -, participei de um concurso de redação chamado Manifesto 2000: por uma cultura de paz e não-violência. Àquela época, fiz o que mais gostava de fazer: escrever, usando para isso o tema que mais me interessava: as relações humanas. O concurso resultou em um livro e também em uma premiação realizada oficialmente em evento para entregar certificados de embaixadores da Cultura de Paz e Não-Violência aos vencedores.

Esta situação fez despertar em mim mais do que orgulho quanto ao concurso, uma responsabilidade quanto àquilo que eu havia escrito e como eu, por ter sido reconhecida pelas idéias quanto ao tema, deveria tentar levar o que escrevi na escola para as demais áreas da vida. Hoje tenho a oportunidade de apresentar um trabalho cujo tema é a violência na Internet, o que, junto com a paixão que tive pela Cibercultura ainda na graduação, e posteriormente também pela Análise Crítica do Discurso, no mestrado, me faz pensar que um mínimo do que desejei ser como embaixadora de uma cultura de paz posso realizar a partir desta dissertação.

Meu motivo para escolher tal tema não se resume a um desejo de criança, apesar de ter talvez alguma origem nele, mas é constituído do meu interesse pela Cibercultura no que diz respeito ao comportamento pessoal que existe nas redes sociais, especificamente pela cultura de visibilidade e vigilância, onde fui iniciada a partir das teorias de Foucault durante o trabalho de conclusão de curso no Jornalismo. E ainda, pela minha admiração pelos estudos da Análise Crítica do Discurso, conhecida e aprofundada no mestrado em Letras, e cuja metodologia pretendo usar posteriormente para outras pesquisas de fenômenos nas redes sociais da Internet.

Usando então o tema violência e tornando-o mais específico aqui, o trabalho busca a resposta do seguinte problema: como está constituído o *cyberbullying* no Facebook e como esse tipo de violência reverbera na rede social?

Uma perspectiva sobre o *cyberbullying* no Facebook é relevante devido ao seu enorme crescimento entre os sites de redes sociais atuais, e principalmente por ser o

principal utilizado no Brasil, onde os usuários ultrapassam 46 milhões¹ atualmente², constituindo o segundo país do mundo que mais acessa o site³. A participação ativa no Facebook faz com que sua rede social seja um meio de comunicação influente sobre a maneira de pensar e agir de quem ali está inscrito.

Podemos considerar a importância do Facebook como ambiente para pesquisa o fato de que o *cyberbullying* neste site, ao se prover da rapidez e visibilidade existentes nas redes sociais da Internet, possui um poder de evolução muito rápido, devido ao imediatismo da informação, e também é dotado de uma capacidade de impacto social muito forte, pois concentra-se na violência moral.

Sob estes aspectos, procuramos alcançar com o trabalho os seguintes objetivos:

- * Discutir como a violência está inserida no dia-a-dia de uso dos brasileiros no Facebook;
- * Discutir como a vigilância pode estar ligada à violência nas redes sociais;
- * Utilizar a ACD de forma a analisar criticamente os objetos de pesquisa;
- * Estudar mais profundamente o *cyberbullying* e entender como se difere do *bullying*;
- * Expor características do *cyberbullying* no Facebook.

Aliando as teorias de visibilidade e vigilância às teorias sobre violência, *bullying* como violência e, finalmente, *cyberbullying*, é possível ter uma perspectiva mais clara dos fenômenos que ocorrem dentro da rede, e a Análise Crítica do Discurso – ACD - formador dessa violência é o ponto de partida para esse entendimento, com sua perspectiva ideológica e hegemônica, através da metodologia proposta por Norman Fairclough (2003) com a concepção tridimensional do discurso e a Gramática Visual de Kress & Leeuwen (2006).

Inicialmente buscamos nas teorias de base sobre Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como se deu o processo de evolução tecnológica para que hoje tenhamos acesso a informações através de um computador ou celular com a Internet.

¹ Fonte: blogestadao.com.br. Acesso em: 15 de fevereiro de 2012.

² Este trabalho foi realizado, a partir de seu planejamento e defesa de projeto até a finalização e entrega da dissertação, de Abril de 2010 a Abril de 2012.

³ Fonte: Folha.Uol. <http://www1.folha.uol.com.br/tec/1085118-brasil-e-o-segundo-pais-com-mais-usuarios-no-facebook.shtml>. Acesso em: 3 de maio de 2012.

Ainda no mesmo capítulo inicial fazemos um relato de como são compostas redes sociais, como são formados os laços entre pessoas inseridas nas redes e como podemos medir graus de popularidade através do Capital Social. Finalizando o capítulo sobre TIC, apresentamos os Sites de Redes Sociais, e como estes estão se diferenciando e estão inseridos no contexto das redes sociais.

O segundo capítulo trata de violência, vigilância e *cyberbullying*, trazendo para a pesquisa uma perspectiva sobre o conceito de violência moral (MICHAUD, 1989), como ela está relacionada ao ódio (LEBRUN, 2008) e ao poder (ARENDETT, 2009), além de apresentar a violência como linguagem (DIÓGENES, 1998). Em seguida o capítulo traz uma contribuição ao trabalho a partir das teorias sobre vigilância, e como esta está ligada ao poder (FOUCAULT, 2009), relações de dominação e violência. Nesta mesma parte relacionamos a vigilância aos sites de redes sociais (SIBILIA, 2008), apresentando como essas relações se dão quando há visibilidade na Internet, levando em conta que os objetos escolhidos para o estudo se encontram em páginas de grande popularidade⁴ no Facebook.

Para fechar o capítulo Violência, Vigilância e *Cyberbullying*, buscamos entender o *Bullying* como violência (SMITH et. al., 2009), suas características e origem, e assim passamos a estudar o *bullying* virtual, o *cyberbullying*, que é apresentado sob as teorias de Smith et. al. (2009) e Barbosa Silva (2010).

A partir das teorias analisadas, partimos para o terceiro capítulo, cujo conteúdo se concentra em descrever o Estudo de Caso. A primeira parte é dedicada a apresentar o objeto, no caso, o Facebook, seu histórico, funcionamento e ferramentas. Logo após, na descrição da Metodologia apresentamos a Análise Crítica do Discurso (ACD), seus fundamentos como história, diferentes tipos de ACD, a importância dos fenômenos sociais para a linguagem do discurso analisado por este método, e a perspectiva tridimensional do discurso, proposta por Fairclough (2003) e utilizada em sua concepção para a análise do *corpus*.

Após descrita a metodologia e apresentado o Facebook, o capítulo passa a expor os objetos formados por publicações no SRS, e comentários de receptores, cujas

⁴ “Popularidade” aqui se refere a *fan pages* que, além de terem um número considerável de assinantes (mais de mil, por exemplo), apresentam interação diária com usuários do Facebook.

especificações são dadas a seguir.

O *corpus* da pesquisa constitui-se de quatro publicações realizadas no Facebook em páginas públicas. Tais publicações foram escolhidas levando em conta características de discurso violento na própria publicação, como também em comentários de usuários do Facebook que a receberam e se manifestaram sobre o que foi postado. Os objetos são publicações cuja violência está em agredir diretamente mulheres, mulheres negras, pobres, políticos, religiosos e igrejas.

Selecionados os objetos formamos um quadro de observações baseado nos requisitos de análise da ACD e da Violência, e assim podemos apresentar o estudo de caso completo levando em conta as principais teorias discutidas durante todo o trabalho.

Dada a relevância do espaço conversacional que são atualmente os sites de redes sociais, este trabalho deve ser aproveitado não somente para as áreas de Lingüística Aplicada e Comunicação, mas para a pesquisa científica em Sociologia, Antropologia, Psicologia, e demais áreas que sejam, assim como este trabalho, interessadas no discurso e comportamento humano.

1 INTERNET E REDES SOCIAIS

Para compreender o *Cyberbullying*, é preciso antes entender o contexto em que esse tipo de violência está presente, ou seja, estudar a história da Internet e suas características desde o surgimento, das primeiras tecnologias em computação, e chegar às redes sociais, que é onde está inserido o *corpus* deste estudo. Este primeiro capítulo é, então, um breve histórico sobre as tecnologias de informação, passando pelo surgimento da Internet até o uso massivo que se faz da rede, especialmente de sites de redes sociais como o Facebook, que é muito importante que seja o foco da atenção na pesquisa, já que o Brasil é o segundo país que mais utiliza o site, que do início deste trabalho até o final passou de 596 para mais de 900 milhões⁵ de usuários no mundo todo.

1.1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TIC

Por tecnologias da informação entende-se todos os processos e ferramentas pelos quais a informação é transmitida, havendo assim o processo de comunicação. Segundo o relatório da International Telecommunication, em 2010 o número de usuários da Internet chega aos cinco bilhões. Segundo o mesmo relatório, o mercado brasileiro em tecnologias da informação movimentou no mesmo ano mais de 202 bilhões de reais. O Twitter, microblog criado em 2006, tem mais de 150 milhões de usuários, e há mais de 900 milhões no Facebook, site de rede social criado em 2004.

Manuel Castells (1999) defende a tese de que a revolução tecnológica compreende o uso do conhecimento e da informação de uma maneira abrangente, recíproca, e jamais concentrada em um só ponto ou pessoa. Significa que a tecnologia não é mais oferecida a algo ou alguém que não retorna o conhecimento ou trabalho que está recebendo, mas faz deste um ponto de partida para incitar uma atitude do outro

⁵ Fonte: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/facebook-ultrapassa-900-milhoes-de-usuarios>. Acesso em: 23 de abril de 2012.

lado, no caso, o seu usuário. Um exemplo concreto é o computador, que oferece sua usabilidade para o homem, e este adquire o conhecimento a partir do uso pessoal que faz dele. Assim, como no caso da Internet, a nova tecnologia não é ponto final em uma ação. Quando o homem a recebe, o processo de desenvolvimento não está acabado, pois os seus protagonistas estão em ambos seus lados: o usuário e o criador.

Dentro desta troca, atualmente o que mais cria esta possibilidade no mundo da tecnologia digital é a Internet. Com ela, a função usuário-criador se confunde tamanho o desempenho de quem recebe a tecnologia e tamanhas as diversidades com que é utilizada. Ao comprarmos uma televisão, por exemplo, podemos usá-la nos canais abertos, ou podemos acrescentar novas tecnologias, como uma conexão à cabo a outros canais, ou então ligá-la a um aparelho de DVD e só assistir filmes e documentários fora da programação de canais de TV.

Da mesma forma, informações publicadas na Internet não possuem um fim e si mesmas, mas são o ponto de partida para comentários e outras notícias, a partir do uso que seu receptor faz delas. Esse uso das ferramentas tecnológicas faz do processo de uso das TIC um processo contínuo, que não possui um fim, mas uma infinidade de pontos de partida para a continuidade de seu desenvolvimento.

Há uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta na produção não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo (CASTELLS, 1999, p. 69).

Mas e como o dinamismo dessa tecnologia se reflete no dia-a-dia da sociedade? Com o passar dos anos, as tecnologias da informação⁶ tornaram-se objetos de acessibilidade e custo cada vez menores, o que possibilitou que seu uso tivesse um crescimento expressivo em empresas e na sociedade em geral. Em 2006 foram vendidos 675 notebooks no Brasil, enquanto em 2010, quatro anos depois, este número foi

⁶ Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são aparelhos, ferramentas virtuais que possibilitam ao homem se comunicar. Ex.: Computador, telefone celular.

elevado para mais de 7 milhões de unidades vendidas⁷. Isso mostra que a acessibilidade e uso das TIC só tende a crescer com o passar do tempo.

A realidade de expansão da tecnologia e grande acesso à mesma a partir do uso da Internet torna possível dizer que a expansão das tecnologias da informação deu início a uma transformação cultural, tamanho o impacto que ela causou na sociedade com o seu uso e mudanças claramente perceptíveis na vida social e profissional das pessoas. Dertouzos (1997) inclui nesta percepção tanto donas de casa quanto diretores de corporações, isto é, a universalização da Internet e seu uso popular⁸.

Os cliques dos mouses dos computadores de toda essa gente, como giros de milhões de maçanetas, abriam infinitas portas para informações, divertimento, aventura, comércio, conhecimento e todos os tipos de surpresas, em milhões de sites – do outro lado da rua ou do oceano (DERTOUZOS, 1997, p. 25).

A maneira com que o homem vê o mundo atualmente está ligada ao seu uso das TIC⁹, em especial, da informática, do computador (DERTOUZOS, 1997). Ele vincula o seu saber àquilo que conhece e pode entender através do som ampliado de um microfone, ou de palavras escritas em um papel, por exemplo. É como o telégrafo¹⁰, quando a única forma de comunicação à distância existente estava em seu uso. Ou o telefone, a partir da utilização do mesmo em residências. Depois de usar e se habituar a ele, tornou-se praticamente impossível perceber a comunicação sem pensar nestas duas ferramentas. Assim, a informática, mais especificamente o uso do computador pessoal, possibilitou ao homem pensar em comunicar-se constantemente a partir dela, quando ao seu alcance, o que faz importante rever nesta pesquisa um breve histórico da informática, e da Internet propriamente dita.

⁷ Fonte: Comportamento da Indústria Eletro-Eletrônica – Relatório Abinee 2010. *Acesso em: 14 de março de 2011.*

⁸ É importante esclarecer que aqui se fala em Internet como algo ao alcance dos diversos tipos de pessoas, mas sem esquecer que há uma desigualdade social que impede que essa tecnologia seja acessível a todos.

⁹ Qualquer ferramenta de comunicação é considerada uma tecnologia de informação e comunicação.

¹⁰ O telégrafo era um instrumento de comunicação que utilizava um código funcional, o código Morse, para enviar mensagens. Foi inventado e aperfeiçoado por Samuel Finley Morse em 1838.

1.1.1 O computador: de objeto militar a computador pessoal

O ENIAC¹¹, primeiro computador para uso geral, foi criado e desenvolvido por dois jovens estudantes do MIT (Massachusetts Institute of Technology), Mouchly e Eckert (CASTELLS, 1999). O ENIAC era um tipo de computador e integrador numérico eletrônico que pesava nada menos do que 30 toneladas. Castells fornece uma descrição marcante sobre a primeira vez em que a grande máquina foi posta em funcionamento:

(...) o primeiro computador eletrônico pesava 30 toneladas, foi construído sobre estruturas metálicas com 2,75 metros de altura, tinha 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupava a área de um ginásio esportivo. Quando ele foi acionado, seu consumo de energia foi tão alto que as luzes da Filadélfia piscaram (p. 60, 1999).

Para Castells (1999), o grande marco após o ENIAC veio através da microeletrônica, com a capacidade de incluir um computador inteiro em um só chip¹². A “revolução da revolução”, segundo ele, “pôs o mundo da eletrônica e, sem dúvida, o próprio mundo, de pernas para o ar” (p. 61, 1999). Saber que, após o surgimento de um computador que ocupava o espaço de um ginásio esportivo, chegava à informática um microchip capaz de armazenar tudo o que aquele computador monstruoso guardava de informações, era um fato marcante da tecnologia computacional, e seu invento a se respeitar pelos melhores profissionais e estudantes da área na época. Ainda assim, o computador não havia chegado nas casas de usuários domésticos.

Foi a partir da iniciativa de dois jovens californianos que viveram sua história acadêmica em *Silicon Valley*¹³, onde a sede por tecnologia imperava no início dos anos 70, em sintonia com os movimentos *hippies* e outras manifestações, que surgiu o

¹¹ ENIAC – *Electrical Numerical Integrator and Computer*

¹² Chip, ou semicondutor, constitui-se do processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida. Quanto mais transistores tiver um chip, maior a sua capacidade de processamento. Seus inventores – Bardeen, Brattain e Shockley – ganharam o prêmio Nobel pela sua descoberta no ano de 1947. Fonte: Castells (1999)

¹³ Vale do Silício: Região situada na Califórnia, EUA, onde há mais de 50 anos estão localizadas empresas e universidades ligadas à tecnologia informática e eletrônica.

chamado *personal computer*¹⁴, ou PC (LÉVY, 1999). No mesmo pedaço de mapa encontravam-se empresas como a *NASA*, a *Atari* e a *Intel*. Das universidades às garagens californianas, jovens de todas as idades brincavam e trabalhavam com a eletrônica e tinham a atividade como algo extremamente particular e dentro de uma filosofia de vida.

Steve Jobs e Steve Wozniac faziam parte deste contexto e participavam de um dos clubes de discussão e partilha de tecnologia de *Silicon Valey* chamado *Homebrew Computer Club*¹⁵, onde pessoas se reuniam para discutir as últimas invenções eletrônicas, partilhar as novidades que cada um trazia, e trocar e vender peças de computador e diversos eletrônicos a todo o momento, como se fosse uma feira de tecnologia totalmente voluntária e desorganizada (LÉVY, 1999).

Assim, desta movimentação entre os membros do clube apaixonados pela pesquisa e experimentação com eletrônica, surgiu o computador pessoal, aquele que faria parte então da residência das pessoas, e não somente do laboratório de tecnologia de grandes empresas e projetos militares.

Não o objeto definido simplesmente por seu tamanho, não o pequeno computador de que os militares já dispunham há muito tempo, mas sim o complexo de circuitos eletrônicos e de utopia social que era o computador pessoal no fim dos anos setenta: a potência de cálculo arrancada do Estado, do exército, dos monstros burocráticos que são as grandes empresas e restituída, enfim, aos indivíduos (LÉVY, 1999, p.44 e 45).

Jobs e Wozniac já haviam criado a empresa *Apple* quando a primeira loja de informática pessoal, em 1975, procurava produtos para vender. Originalmente, a *Apple* montara um computador pessoal vendido em peças separadas, sem monitor e sem teclado. Para um público que vivia montando computadores, não fazia sentido para Wozniac vender um computador pronto. Então, quando o dono da loja, Paul Terrel, aceitou vender o *Apple 1* em seu estabelecimento com a condição de que o computador viesse montado, os primeiros sinais de uma nova era da tecnologia da informação

¹⁴ Computador Pessoal. A sigla em inglês, PC, é utilizada também pelos brasileiros ao se referir ao computador.

¹⁵ A Homebrew Computer Club foi um clube onde hackers do Vale do Silício se reuniam para trocar informações e computadores, de 1975 a 1977 aproximadamente.

começavam a se formar: o computador passaria do uso exclusivo de profissionais para o uso do aprendiz em informática.

A montagem foi o primeiro princípio de interface com os usuários dos novos computadores. Essa característica da interface implicava uma modificação no significado da máquina: o essencial não era mais montá-la, mas sim usá-la (LÉVY, 1999, p. 45).

O Altair, uma “caixa de computação”, segundo Castells (1999) inventada por Ed Roberts. Tal caixa de computação foi a máquina que serviu de base para o design do Apple I e do Apple II, que veio a tornar-se o primeiro computador de sucesso comercial. Apesar da ascensão da *Apple* a partir da venda comercial, a empresa enfrentou inúmeros problemas no início, como exemplo a incompatibilidade que possuía em relação ao *Altair*, grande sucesso da microinformática na época. Todas as dificuldades foram aproveitadas para evoluir ainda mais no quesito tecnologia e praticidade, e assim Jobs e Wozniac surgiam com versões mais práticas e compactas do seu computador pessoal, que trouxe algo que até então nenhuma empresa de microcomputadores havia colocado em prática: ícones de fácil acesso a usuários não informatizados, através do *Apple Macintosh*¹⁶. Ao trabalho de Jobs e Wozniac durante este capítulo na história dos computadores, Castells se refere como “*uma saga verdadeiramente extraordinária que acabou se tornando uma lenda sobre o começo da Era da Informação*” (p. 79, 1999)

Enquanto a Apple fechava o ano com o faturamento de 583 milhões de dólares, a IBM investia na produção e distribuição do computador chamado *Personal Computer* (CASTELLS, 1999). Mais tarde, a sigla PC começou a ser usada para descrever o computador pessoal com o sistema operacional Windows. Da mesma forma, os computadores da Apple, após o Apple Macintosh, ganharam o apelido “mac”, e tinham instalado o sistema Mac OS X¹⁷, a qual revolucionou a maneira com que o homem se

¹⁶ O nome deriva de Macintosh, um tipo de maçã, que posteriormente se tornou a identidade visual da marca Apple.

¹⁷ Atualmente, inclusive os anúncios comerciais de ambas as empresas (Windows e Apple) utilizam constantemente os nomes PC e Mac para diferenciar uma marca da outra. Os comerciais da Apple nos EUA são bastante conhecidos por serem protagonizados por dois personagens-chave: o PC – gordinho, nerd, e cheio de complicações para realizar tarefas simples, e o Mac – saudável, inteligente, prático, esperto e tranquilo.

comportava diante do computador através do hipertexto, que veremos ainda neste capítulo.

Mas como esses computadores começaram e continuaram a se conectar uns com os outros da maneira como conhecemos hoje? O melhor da evolução das TIC na informática ainda estava por vir: a Internet.

1.1.2 Internet: a facilidade em explorar o mundo

A Internet, atualmente tão utilizada por pessoas no mundo todo e local onde está o objeto deste trabalho, teve seu ponto de partida como uma ferramenta militar, criada pela *Advanced Research Projects Agency*¹⁸ (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos nos anos 60. Para tanto, somente a estratégia militar não seria o suficiente para um trabalho que envolvia o conhecimento científico em larga escala, e então diversos centros de pesquisa norte-americanos como o *Stanford Research Institute*, da Universidade da Califórnia, mantinham suas pesquisas como colaboradoras do Departamento de Defesa dos EUA. Em pouco tempo, a Arpanet¹⁹, primeira rede de computadores criada pelos militares com intervenção científica, já era utilizada também para comunicação entre os próprios cientistas, que naquela época, no final dos anos 60 e início dos 70, criavam pequenas redes de informação entre seus computadores (LÉVY, 1999).

Com a utilização da Arpanet pelos cientistas para fins próprios e fora do contexto político-militar, a rede foi ramificada para dar origem a uma segunda rede exclusivamente militar chamada MILNET²⁰. Assim, a Arpanet tornou-se a base da comunicação mediada por computador e foi crescendo no meio científico até passar a chamar-se INTERNET. Alguns anos depois, o Departamento de Defesa deixou de coordenar a rede e deu-se início a um processo de privatização da Internet, em que ela podia ser usada por pessoas civis ou jurídicas que comprassem seu serviço. Nesse tempo de transição entre rede pública e privada, a comunicação via Internet crescia

¹⁸ Tradução da autora: Agência de Projetos de Pesquisa Avançada.

¹⁹ ARPANET é a sigla para Advanced Research Projects Agency Network. Traduzindo: Rede da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada.

²⁰ MILNET é a sigla para Militar Network.

consideravelmente, e percebia-se uma necessidade urgente de que a rede sustentasse esse volume de informações que a acessavam diariamente.

Na década de 1970, a ARPANET usava links de 56.000 bits por segundo. Em 1987, as linhas da rede transmitiam 1,5 milhões de bits por segundo. Por volta de 1992, a NSFNET, espinha dorsal da Internet, operava com a velocidade de transmissão de 45 milhões de bits por segundo, capacidade suficiente para enviar 5.000 mensagens por segundo. Em 1995, a tecnologia de transmissão em gigabits estava no estágio prototípico, com capacidade equivalente à transmissão da Biblioteca do Congresso dos EUA em um minuto (CASTELLS, 1999, p. 84).

A escassa capacidade de transmissão na época exigia uma comunicação entre computadores, e não somente com a rede. Para tanto, foi criado um protocolo ao qual todas as redes estariam conectadas e assim tivessem um ponto de ligação entre si. O sistema ainda não supria a necessidade maior da conexão e transmissão dos dados entre os computadores, mas com a divisão do protocolo em duas partes, TCP (servidor- a-servidor) e IP (inter-redes), uma diversidade de problemas foi solucionada e iniciava assim o sistema de *links*²¹ entre computadores e um novo sistema de conexão entre as máquinas nos EUA. E, para completar o quadro de conexões em rede, o TCP-IP²² uniu-se a um sistema que permitia o acesso de um computador a outro chamado UNIX²³.

Com esta revolução no sistema de conexões entre computadores, a interligação entre computadores passou a ser difundida em uma escala abrangente da população, em que pessoas dos mais diversos níveis de conhecimento de computação podiam conectar-se à Internet e a outros computadores bastando um computador, um modem e uma linha telefônica.

Um passo importante para a revolução da Internet foi a origem do World Wide Web, ou WWW, criada pelo inglês Tim Berners - Lee. Lévy (1999) diz que era um sistema de pesquisa por informação desejada, ao invés de localidade, que originalmente tinha como objetivo tornar mais fácil a comunicação e troca de arquivos entre seus

²¹ Link é uma abreviação para hiperlink, aquilo que conecta uma informação a outra. Característica principal da hipertextualidade.

²² O TCP-IP é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede. Seu nome vem de dois protocolos mais importantes do conjunto: o TCP (Transmission Control Protocol – Protocolo de Controle de Transmissão) e o IP (Internet Protocol – Protocolo de Interconexão). Fonte: Wikipédia.

²³ UNIX é um sistema operacional de computador, assim como o Windows e o Linux.

colegas. Foi pela pesquisa e trabalho de *hackers*²⁴ que a WWW veio à tona e contribuiu para a história da Informática, colocando também em prática aquilo que Ted Nelson havia pretendido com o Projeto Xanadu nos anos 60: “o hipertexto aberto, auto-evolutivo, destinado a vincular toda informação passada, presente e futura do planeta” (CASTELLS, 2003).

Mais tarde, por volta de 1992, o primeiro navegador da web foi criado pelo estudante universitário Marc Andreessen, e chamava-se *Mosaic*. Ele era caracterizado pela sua capacidade gráfica de captar e distribuir imagens, ajustada exatamente para o computador pessoal, o *PC*. Em menos de um ano, milhões de cópias do *Mosaic* já estavam em uso por todo o mundo. Com a criação, Marc e Eric Bina, colaborador do projeto, foram procurados por um empresário do Vale do Silício e juntos fundaram a empresa *Netscape*, que é conhecida mundialmente por ter comercializado o primeiro navegador oficial da Internet, chamado *Netscape Navigator*, em 1994 (CASTELLS, 2003).

A informática segue, agora, desvinculada da metafísica cibernética, sendo concebida dentro dos ideais modernos de uma utopia tecnológica. Busca-se a transformação e a administração racional da sociedade. O modelo será um *pool* formado pela IBM, militares, universidades e institutos de pesquisa (LEMOS, 2010, p. 109).

Nota-se neste momento um uso diferente da Internet por quem a utiliza. De ferramenta estratégica militar passa a ser de uso pessoal àquelas pessoas que sequer conhecem os projetos do Departamento de Defesa dos EUA ou ainda que sequer façam parte ou possuam ligação direta com cientistas de grandes instituições de pesquisa norte-americanas, já que eram estes quem desfrutavam da ferramenta inicialmente.

Esta fase de uso pessoal do computador deu impulso à interatividade, mas antes de falarmos sobre ela, se faz importante explicar o conceito e histórico do hipertexto, a fim de complementar as teorias sobre as TIC.

²⁴ Hacker é um especialista em informática que não necessariamente tem formação profissional.

1.1.3 Hipertexto

O hipertexto é um texto estruturado em rede. Seus componentes são conectados por nós, os chamados links, que ligam um tipo de informação à outra, formando o hipertexto (LÉVY, 1999, p. 56). É o conjunto formado por hiperlinks, que são os canais dentro da comunicação digital para ligar um texto a uma imagem, som, vídeo ou qualquer outro tipo de mídia digital.

É como um livro de RPG²⁵, em que cada parte da história oferece ao leitor uma possibilidade de continuação para o romance ali descrito. Ao escolher um caminho para a primeira parte, o leitor não simplesmente vira a página e continua a ler, mas ele, de acordo com sua escolha, continua a história a partir de uma página que pode estar em qualquer outro lugar do livro, e assim o faz até que a aventura literária tenha fim.

Da mesma forma, o hipertexto permite ao internauta receber uma informação, um texto, um vídeo ou qualquer outro tipo de mídia de forma que um formato complementa o outro de acordo com sua vontade. Ao ler um artigo sobre violência, por exemplo, ele pode, ao final do mesmo, clicar em um link que acompanha o texto e assistir ali a um vídeo que tem uma reportagem sobre o que acabou de ler. Assim como pode clicar no nome do autor do artigo e abrir um novo navegador web com o seu site pessoal e ali encontrar diversos outros artigos sobre o mesmo assunto. Esse texto que não se limita a um texto, mas contém várias mídias, justificando assim ser chamado hipertexto.

Em 1984, com o surgimento do *Macintosh*, a noção de hipertexto volta à tona pelas características do computador de Jobs e Wozniac. Isso se deu com a conexão que o computador fazia entre imagem e textos através dos ícones e ao que levava seus comandos e cliques com o *mouse*²⁶.

A viagem da informática através do hipertexto estava, então, tornando-se nítida aos usuários do *PC*. Uma imagem que leva a um texto, um texto que leva a uma

²⁵ RPG, ou *Role-Playing Game*, é um jogo em que os jogadores narram e participam como personagens de uma história, e os mesmos determinam o rumo que a história irá tomar.

²⁶ *Mouse*, “rato” em Português, é o instrumento inventado por Douglas Engelbart em 1968 que tem como função movimentar o cursor do na tela do computador, e selecionar os comandos que o usuário deseja a partir do uso do PC. Atualmente, o mouse pode ser configurado para outras tarefas, dependendo da sua utilização.

imagem, uma palavra que remete à outra... Enfim, a possibilidade de atravessar o conhecimento começando por um simples clique passou a ser do alcance de todos os usuários do computador pessoal na nova era da informática dentro de casa.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em uma estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1999, p. 33).

A técnica do hipertexto faz-se na conexão entre uma informação à outra ou a várias outras, intencionando uma ligação abrangente entre diversos fatores em um determinado tema. Ligar um texto a uma imagem, uma palavra a um vídeo e tudo isso lembrar a memória de outro acontecimento semelhante ao que vimos no computador: objetivo do hipertexto em sua característica de instigar a memória do homem.

Toda essa interação entre máquina e usuário leva à interatividade. Inicialmente, a interatividade se dava entre máquina e homem, fazendo este estar apto a descobrir um mundo inteiro através dos nós²⁷ que o hipertexto lhe permitia com o uso da informática. Para que se compreenda melhor o hipertexto na Internet, passamos a apresentar o conceito de interatividade, seus direcionamentos fundamentados no relacionamento homem-máquina, e então a interação, que aqui é apresentada como participativa e se difere de interatividade como veremos a seguir.

1.1.4 Interatividade

Interatividade é uma “*ação dialógica entre o homem e os objetos tecnológicos*” (LEMOS, 2010, p. 119) . Significa a maneira com que se relaciona com a tecnologia, e focando no assunto deste trabalho, com a tecnologia da informação.

²⁷ “Nós” significa o mesmo que links, ou hiperlinks. Característica do hipertexto.

A evolução dos media digitais e das respectivas interfaces, proporcionando a febre da interatividade informativa, pode nos ajudar a melhor compreender a influência das novas tecnologias e a importância da noção de interatividade para a cibercultura contemporânea. (...) O imaginário alimenta a nossa relação com a técnica e vai impregnar a própria forma de concepção das interfaces e da interatividade. Daí a utilização de metáforas como forma de interatividade (LEMOS, 2010, p. 122 e 123).

O que baseia a interatividade uma interação pessoal, já que toma a personalidade de cada agente que interage para existir (LEMOS, 2010, p. 120). Castells (2003) diz que a prática da criação de uma identidade específica para a comunicação online é uma interação com um nível muito pequeno de sociabilidade que tem por base a Internet. E complementa esta teoria dizendo que quem possui por prática esse tipo de sociabilidade são os adolescentes, os quais ainda estão em fase de construção da própria identidade, mesmo se tratando da personalidade real, no mundo concreto, e interatividade no mundo virtual é uma extensão da vida no mundo real “*em todas as suas dimensões e modalidades*” (CASTELLS, 2003). Para ele, a Internet serve como um complemento das relações pré-existentes, e não uma criadora de novos relacionamentos. Lemos (2010) afirma que a interatividade é baseada em uma ordem mental, simbólica e imaginária que toma a iniciativa da relação que existe entre o homem e o restante do mundo, pois, segundo ele, a técnica por trás da interatividade é alimentada pelo imaginário do ser humano, e domina a concepção e relação do mesmo com as interfaces.

A interface gráfica se torna fator essencial quando por ela se constrói o lugar onde acontece o diálogo entre homem-máquina. Ela é o ponto de encontro e de partida para a conversação, para o relacionamento internauta²⁸-computador. Ponto de encontro, porque ela sedia a conversação. E ponto de partida, quando a partir dela e dos seus ícones gráficos é que o homem dialoga com o seu computador.

A tecnologia das interfaces gráficas²⁹ foi fundamental para que a interatividade fosse possível no mundo da informação tecnológica na Internet. O primeiro sinal dessa interface foi o *mouse*, que possibilitava uma interação homem-máquina a partir do

²⁸ Internauta é quem utiliza o computador. Fonte: Wikipédia.

²⁹ Interface gráfica é todo gráfico no computador que, através de imagens e ícones indicadores, remete a alguma utilização do PC ou outras TICS.

alcance que o usuário tinha às pastas, arquivos e funções em seu *PC* com a utilização do pequeno objeto sensor de movimentos. Segundo Lemos (2010), um dos cientistas da cibercultura³⁰, essa noção de interface foi popularizada com o *Macintosh*. Ele usava não somente o *mouse*, mas ícones que eram indicadores literários de sua significação, como algum tempo depois foram também acessíveis através do *Windows* (LEMOS, 2010).

A maneira com que a interface gráfica surge e permanece até os dias de hoje talvez seja um dos motivos pelo qual aprender a utilizar, ou seja, interagir, com o computador, é uma tarefa tida como simples para a maioria das pessoas que adquirem um computador novo (LEMOS, 2010). O sistema chamado “What You See Is What You Get”³¹, ou WYSIWYG, apresentou-se desde o princípio da interface gráfica como um conceito de encaixe perfeito para a interatividade (LEMOS, 2010), já que com o sistema WYSIWYG a comunicação fica mais fácil e o usuário encontra poucas dificuldades de usar o computador, pois o que ele vê é o que ele tem, como nos exemplos mostrados nas figuras 1 e 2. Os ícones que utilizamos desde o *Macintosh* até o *Windows 7* atual são uma representação literal das suas funções. A figura de uma lixeira no *desktop*³² do *Mac OS X* indica exatamente o local para onde são encaminhados os arquivos que não serão mais utilizados, ou seja, uma lixeira (LEMOS, 2010).

³⁰ O termo cibercultura remete a uma cultura criada a partir da tecnologia digital, como é o caso da Internet, atualmente.

³¹ “*What You See Is What You Get*” é traduzida para o Português como “O Que Você Vê é o Que Você Tem”. O termo significa que o que era visto no computador significava exatamente o que remetia sua imagem.

³² Inicialmente, a palavra *desktop* se referia ao computador de mesa. Hoje, e no texto, ele se refere à tela inicial do computador, ou Área de Trabalho.



Figura 1. A lixeira na tela inicial do Mac OS X – ícone da direita.

O gráfico de um tinteiro com uma caneta, também exposto no monitor, quando clicado, abre o Pages, *software*³³ para escrever documentos de texto do *Mac OS X*. Um exemplo ainda mais WYSIWYG é o editor de imagens, representado graficamente por uma máquina fotográfica e uma foto ao fundo, como apresentado na figura 2, junto a outros ícones do mesmo tipo.



Figura 2. Ícones de interface gráfica WYSIWYG em um computador com sistema Mac OS X.

Os exemplos de interface gráfica citados são apenas a origem de uma interatividade entre o homem e o computador, mas vale citar que o mesmo princípio foi aplicado a outros ramos da tecnologia:

³³ *Software* é o programa de computador, criado para realizar tarefas específicas em relação ao uso da máquina. Exemplos populares: navegador da web Internet Explorer, editor de texto Microsoft Word e mensageiro instantâneo MSN.

Hoje tudo se vende como interativo; da publicidade aos fornos de microondas. Temos agora, ao nosso alcance, redes interativas como Internet, jogos eletrônicos interativos, televisões interativas, cinema interativo... A noção de interatividade está diretamente ligada aos novos *media* digitais (LEMOS, 2010, p.119).

É a noção de que todos esses objetos e serviços citados não agem sozinhos, mas em relação mútua com o seu usuário, o que conhecemos por interação homem-máquina, homem-computador etc. Voltando ao foco deste estudo, uma noção de interação homem-computador foi formulada pelo fundador da empresa *Autodesk*, John Walker (LEMOS, 2010). Ele usava a palavra *conversationality*³⁴ para dizer que a interatividade era simplesmente um diálogo, uma conversação, como lembra o termo usado por ele, entre o computador e o ser humano. Este diálogo tem uma via de mão dupla, uma reciprocidade. O que o internauta faz ou fala é respondido pelo computador. E o que este faz tem uma reação da pessoa que o utiliza.

Nenhuma outra tecnologia permitiu ao ser humano relacionar-se virtualmente com tamanha interatividade como no caso da Internet e mídias digitais. Ao que se chama hoje interatividade digital se dá a nova fase do relacionamento homem-computador. Não somente o internauta aperfeiçoou a sua comunicação com a máquina, mas pode influenciar, ou seja, interagir, no conteúdo existente nela e também com outros usuários de outros computadores, não necessariamente localizados no mesmo espaço físico.

A essa tecnologia interativa está somada também o que é perceptível com o uso da Internet para fins de conversação simultânea através de *chats*³⁵ e programas específicos de interatividade social, como *MSN*³⁶ e *Skype*³⁷, além de estar em *sites*³⁸ relacionados a redes sociais, como *Orkut*³⁹ e *Facebook*. Ainda que os *softwares* e *sites*

³⁴ *Conversationality* é uma expressão que indica algo próximo da palavra *conversation*, que em Inglês significa conversação. John Walker se referia a algo que fosse uma qualidade da conversação, e não ela propriamente dita.

³⁵ Em Português, chat significa conversação ou bate-papo através da Internet.

³⁶ MSN significa Microsoft Network, e é um programa de conversação instantânea criada pela Microsoft.

³⁷ Skype é um software de comunicação instantânea na Internet, que permite chats e também ligações telefônicas online.

³⁸ Site, em Português significa “sítio”. É um conjunto de hipertextos que são acessíveis na Web, ou WWW.

³⁹ Site de redes sociais na Internet filiada ao Google e que tem por característica representar e aumentar a rede de relacionamentos de seus usuários. A maior parte de seus usuários é brasileira.

aos quais hoje se relaciona diretamente a palavra interatividade sejam uma marca no conceito da geração atual, a cada dia surgem novas formas de interação entre homem-computador, homem -conteúdo, homem -tecnologia digital com a Internet. Um exemplo que cresce a cada dia é a interatividade nos chats e grupos, como no caso da página do Facebook *Viajar*, em que os usuários mantêm discussões sobre lugares para ir, preços e dicas de viagem, ou simplesmente publicam notícias para chamar os demais para interagir com a informação.



Figura 3. Publicação no Facebook com característica de interatividade

Alex Primo (2008) dá mais atenção aos modelos de interação do que a já discutida aqui interatividade. Para ele, a interação que acontece entre homem e computador pode se dar de duas diferentes formas: interação mútua e interação reativa. A interação mútua constitui-se de um contato constante entre seus interagentes, o que caracteriza um assunto que deixa margem para continuação, um problema que pode ser resolvido ainda de diversas outras formas, e constatações que abrem espaço para novas

teorias e opiniões. Desta forma, uma interação mútua tende a ter um impacto expressivo sobre as ações dos participantes (PRIMO, 2008). Não se trata de um somatório de ações isoladas e individuais, mas de ações de uma pessoa baseada nas ações de outras pessoas. É um jogo de perguntas e respostas, uma ação e reação. Quando alguém inicia uma discussão sobre qualquer assunto no Facebook, as pessoas que têm interesse no mesmo assunto provavelmente irão responder e continuar uma discussão sobre aquilo, mantendo assim uma interação mútua, com ilustrado na figura 3.

Já a interação reativa sugere uma dependência de ações iniciais para se reagir a uma ação. São ações pré-determinadas, cujos estímulos possuem previamente o resultado para suas reações. Como exemplo, temos um questionário online, onde para cada pergunta há respostas previamente estabelecidas e, de acordo com as escolhas do internauta que as responde, o questionário já possui um resultado final pré-determinado. Assim, o exemplo da figura 4 mostra-se uma situação de interação reativa. Segundo Primo (2008), ao ser ultrapassado, esse tipo de interação pode interromper bruscamente o sistema interativo.

The image shows a screenshot of the 'Guia do Estudante' website. On the left, there is a navigation menu with two main sections: 'Profissões' and 'Universidades'. The 'Profissões' section includes links for 'Guia de Profissões', 'Testes Profissionais', 'Consulte o Orientador', 'Centros de Orientação Profissional', 'Vídeos', and 'Vida de Estagiário'. The 'Universidades' section includes links for 'Onde Estudar', 'Fóruns', 'Enade', 'Pós-Graduação', 'Curta-Duração', and 'Cursos no Exterior'. The main content area features a search bar with the text 'Pesquisar no Guia' and an 'OK' button. Below the search bar, there is a breadcrumb trail: 'Profissões e Universidades > Orientação Profissional > Vestibular e Enem > Estude'. The main content area displays a survey question: '» Você pratica ou é vítima de bullying?'. The question is: '3 - Em relação à sua participação nas aulas de Educação Física, qual das alternativas abaixo mais se aproxima de você?'. There are three radio button options:

- » Faz questão de jogar com pessoas boas no esporte e não deixa as que não levam muito jeito entrarem no seu time.
- » Faz qualquer tipo de esporte, pois acha que todo mundo é capaz de praticar exercícios.
- » Se não for muito bom/boa em algum esporte, prefere não participar para a turma não caçar de você.

 At the bottom right of the survey area, there is a 'Próxima' button.

Figura 4. Questionário sobre *bullying* online como ferramenta de interação reativa

Apesar de serem interações diferentes entre si, Primo (2008) diz que há uma possibilidade de unir os dois tipos de interação e obter outra denominação para uma fusão entre os dois primeiros tipos, o que seria o funcionamento de diversas interações simultaneamente.

É preciso lembrar que esses dois tipos interativos não se estabelecem de forma exclusiva. Pode-se então pensar em algo como uma *multi-interação*, no sentido de que várias podem ser as interações simultâneas. Por exemplo, em um *chat*, ao mesmo tempo em que se conversa com outra pessoa, também se interage com a interface do software e também com o mouse, com o teclado. Nesse sentido, em muitos casos pode-se estabelecer interações reativas e mútuas ao mesmo tempo (PRIMO, 2008, p. 229).

Primo (2008) faz referência a Paulo Freire quando fala que a interação mútua é fundamental para o aprendizado, tanto no ensino pedagógico quanto nas relações humanas, já que o método de interação mútua permite ao homem ser um agente participante do processo de interação, e não apenas um ouvinte e aprendiz. Assim a interação mútua faz com que o aprendizado se dê através da troca constante de conhecimentos através de relações democráticas.

A participação interativa está presente nas teorias que compreendem atualmente a web colaborativa, que é aquela que marca o uso da web de forma a haver interatividade constantemente, mas a partir da participação do internauta nos espaços virtuais. Ao ler a notícia de um caso *cyberbullying*, num jornal virtual, por exemplo, o usuário não precisa mais só ler, mas também pode comentar, enviar *links* de notícias que são relacionadas ao assunto, mandar fotos ou vídeos que complementam a notícia etc. Desta forma, a web colaborativa está compreendida na participação interativa. Este modelo prevê que o internauta interage com o que ele utiliza e não somente responde a ações premeditadas.

Deste modo, a interação está cada vez mais presente durante o processo de participação do homem nos processos midiáticos, e sua capacidade de movimentar e transformar aquilo que lhe é oferecido pela tecnologia da informação. Assim, a interação múltipla, que mistura mais de um tipo de interação, está ligada ao clicar dos

mouses e ícones do *PC*, mas também especialmente ao modo com que o usuário do computador utiliza e modifica o que ele tem em mãos (PRIMO, 2008).

Hoje (...) as atenções se voltam para a chamada Web 2.0. Em vez de um foco nas possibilidades de publicação, busca-se valorizar as formas de participação e produção colaborativa, ou seja, a preocupação com o desenvolvimento de “arquiteturas de participação” (...) pretende cada vez mais oferecer suporte para o estabelecimento de interações mútuas (PRIMO, 2008, p. 230).

Assim, a participação no espaço interativo cria não somente relações sociais, como também o próprio espaço de interação mediada pelo computador. Enquanto participativa, a interação possibilita ao homem a troca de informações com todos os demais agentes participantes desta construção, e lhe permite modificar e inventar o próprio espaço interativo em que está inserido, de acordo com suas necessidades, desejos e curiosidades.

Observar a interação participativa dentro de interatividade se fez importante para podermos discutir mais sobre a Internet e formas específicas de interação, como a formação de redes sociais online e, mais especificamente, dos Sites de Redes Sociais, que serão apresentados nos próximos tópicos do capítulo.

1.2 REDES SOCIAIS NA INTERNET

Rede social é uma metáfora de representação da estrutura social. Esta metáfora remota ao ano de 1736, quando o então matemático Leonard Euler criou a teoria das Pontes Königsberg. Essa teoria dizia respeito à conexão da cidade de Königsberg, localizada no centro de outras diversas ilhas, e às cidades/ilhas vizinhas para mostrar que cruzar as sete pontes que cruzavam sua cidade, sem jamais repetir um dos caminhos, não seria possível, e que para se cruzar alguma das conexões, deveriam ser repetidas. Em sua teoria, Euler apresentava os grafos, que constituíam a representação de uma rede conectada por nós e arestas. Uma rede social é, então, composta de nós e arestas, que são as conexões entre os indivíduos (RECUERO, 2009).

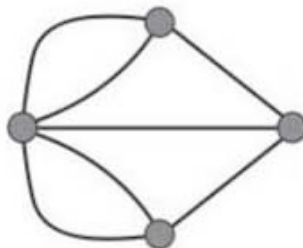


Figura 5. Demonstração de nós e arestas descrito no Teorema de Euler sobre as pontes da cidade de Königsberg⁴⁰

Uma rede social não é formada somente por um aresta ou nó, mas pelo seu conjunto, por isso a metáfora com uma “rede”. Cada nó é conectado a outro nó através de uma conexão e assim sucessivamente, até que se componha uma estrutura de rede. Em uma rede social, os indivíduos são representados por nós, e seus laços sociais são as arestas.

Laços sociais podem ser definidos como aqueles que estabelecem a relação entre duas ou mais pessoas. Recuero (2009) salienta que um laço social é composto por relações sociais, que por sua vez são constituídas por interações sociais. Granovetter (1973) diz que os indivíduos estão conectados à sociedade através de dois principais laços: para coletividades através de associação, e a outros indivíduos através de laços sociais. Breiger (1974) discorda, e afirma que não há razões para que os indivíduos não possam se conectar a outros por laços de associações comuns, ou a associações através de relações sociais. Isso significa dizer que enquanto Granovetter (1973) separa relações profissionais dentro de ambientes profissionais, e relações pessoais em ambientes somente pessoais, Breiger (1974) admite haver laços sociais entre pessoas que trabalham juntas, e laços profissionais em ambientes pessoais, como família e amigos.

Deste modo, um laço social pode ser representado de mais de uma forma, dependendo do tipo de interação social que o estabelece. Para Recuero (2009), um laço social pode ser constituído de duas maneiras: por associação ou por relação social. O primeiro constitui-se de um laço associativo, onde um indivíduo é ligado a outro por fazer parte de um mesmo grupo, ainda que não possuam qualquer tipo de interação entre si. Já o laço relacional, implica em interação social, ou seja, é considerado

⁴⁰ Fonte: Wikipédia.

verdadeiramente um laço social.

[...] entenderemos os laços associativos como meras **conexões formais**, que independem de ato de vontade do indivíduo, bem como de investimento. Neste sentido, não interferem na estrutura social, tratando-se, simplesmente, de uma classificação. Por conta disso, esses laços não serão considerados sociais, mas serão levados em conta por sua característica formal de agregação (RECUERO, 2005, p. 89).

Ainda tratando-se de laços sociais, eles podem ser considerados fortes ou fracos. Para Granovetter (1973, p. 1361), a força de um laço social é um investimento de tempo, a intensidade emocional, intimidade, e serviços recíprocos que caracterizam a sua conexão. Complementando Granovetter, laços fortes são segundo Recuero (2009) constituídos por relações de forte intimidade e grande interação social. Já os fracos possuem um baixo nível de interação e pouca proximidade entre os indivíduos.

Assim, dentro de uma rede social é possível encontrar pessoas que são conectadas através de laços sociais fortes, como mãe e filha, que, se moram juntas, supostamente podem conversar todos os dias e ter uma intimidade consideravelmente alta⁴¹, e também de laços sociais fracos, como colegas distantes de sala de aula que conversam poucas vezes durante o ano. É a partir da forma com que o indivíduo se relaciona a partir de uma rede social o que faz com que se perceba hoje a formação de uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Manuel Castells (1999) diz que uma sociedade em rede é aquela que está constantemente suscetível a mudanças e melhorias, que não faz de si uma verdade absoluta, mas se abre para o conhecimento coletivo e cresce dentro de uma idéia do compartilhamento de informações, tornando-se assim um *“sistema aberto altamente dinâmico e suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio”* (CASTELLS, 1999, p. 499).

Segundo Lemos (2010), para existir um relacionamento dentro da rede social na Internet é necessário haver uma interação. Quando se fala em interação dentro da rede, a interatividade é o termo utilizado para descrever o fenômeno social da comunicação mediada por computador, ou CMC, que norteia o relacionamento virtual através da

⁴¹ Situação que serve apenas como exemplo, levando em conta que relações de parentesco ou de proximidade física não implicam necessariamente em forte intimidade e convivência.

apropriação.

Em geral, a organização social em sua totalidade desperta para a interação social *online*⁴² devido à flexibilidade e também ao poder de comunicação da Internet (CASTELLS, 2003). As redes sociais, apesar de inseridas no contexto virtual devido à sua dependência da Internet, não se tornam desvalorizadas por este motivo. Pelo contrário, podem ser ainda mais fortes e relevantes dependendo do grupo onde e para o qual atuam.

As redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes na criação de laços e na mobilização (CASTELLS, 2003, p. 109).

Entendido como a sociedade se organiza em rede, olhamos então para a criação de *softwares* e sites específicos para essa interação, como sites de redes sociais (SRS), caracterizados pela criação de identidades online que servem como ponto de partida para a interatividade com outras pessoas que também participam e criam o seu perfil pessoal dentro desta mesma rede.

1.3 SITES DE REDES SOCIAIS (SRS)

É preciso diferenciar redes sociais dos sites de redes sociais. Segundo Recuero (2009), “*os SRS são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet*” (2009, p. 102). Boyd & Ellison (2007) definem sites de redes sociais⁴³ como aqueles que possuem as seguintes características: permitem aos indivíduos construir um perfil público com um sistema de conexão, articulam uma lista de outros usuários com quem partilham uma conexão, e visualizam e se conectam a esta lista de conexões feita por outras pessoas dentro do sistema do SRS.

Uma característica comum aos SRS são o fato de permitirem a construção de uma personalidade ou mais a partir de uma página, e assim facilitam a multiplicidade de “eu”s dentro da rede. Nos SRS há também a interação entre os atores que utilizam a

⁴² *Online* se refere àquilo que está conectado à Internet.

⁴³ *SNSs*: sigla em Inglês para *Social Network Sites*, ou Sites de Redes Sociais. Fonte: Boyd & Ellison.

rede social, através de comentários em publicações do Facebook etc. Uma terceira característica dos sites de redes sociais é a exposição das conexões que tem o ator social⁴⁴, ou seja, ao acessar uma página do Facebook, por exemplo, é possível ter conhecimento de quem são as pessoas com as quais o ator se relaciona, independente de ser presencial ou apenas virtualmente.⁴⁵ Segundo Ellison et al. (2007), os participantes destes SRS podem usá-los tanto para interagir com quem já conhecem fora da Internet, como com quem conheceram online, apenas virtualmente.

Na concepção de Recuero (2009), os SRS se enquadram em uma categoria chamada *softwares* sociais, os quais se caracterizam por utilizarem-se diretamente da CMC. Ainda dentro deste contexto, é importante dizer que “*a grande diferença entre os sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line.*” (RECUERO, p. 102, 2009). Assim compreende-se que os sites de redes sociais são diretamente ligados à manutenção de uma rede social pelos atores que utilizam-nos. Um site de notícias, por exemplo, não utiliza-se da manutenção de redes sociais. Ele está ali para a comunicação com seus leitores, mas essa CMC não compreende a visibilidade dos atores que estão envolvidos no processo. Enquanto em site como ultimosegundo.com.br⁴⁶, os atores que utilizam o site possuem no máximo seu nome publicado no site a partir de um comentário sobre uma notícia qualquer, em um SRS como o Facebook, o ator que utiliza o *software* social tem ali uma página inteira com seu perfil publicado, fotos e informações relevantes sobre sua personalidade, além de estar, através do próprio site, conectado a uma rede social que mantém virtualmente e que provavelmente vem de um ambiente off-line.

⁴⁴ Ao longo do trabalho há três definições para pessoa: ator, indivíduo e sujeito. Esclareço inicialmente que “ator” refere-se ao campo da cibercultura, “indivíduo” é um termo geral, utilizado em toda a dissertação, e “sujeito” está especialmente ligado ao campo da Linguística Aplicada para se referir ao autor do discurso.

⁴⁵ Relacionar-se presencialmente se diferencia de relacionar-se virtualmente no que esta segunda relação é tida através de algum tipo de tecnologia da informação e comunicação que não permitem as duas ou mais pessoas se verem, tocarem, estarem na presença uma da outra a não ser assim indiretamente.

⁴⁶ Site de notícias.



Figura 6. Exemplo de perfil publicado no Facebook.

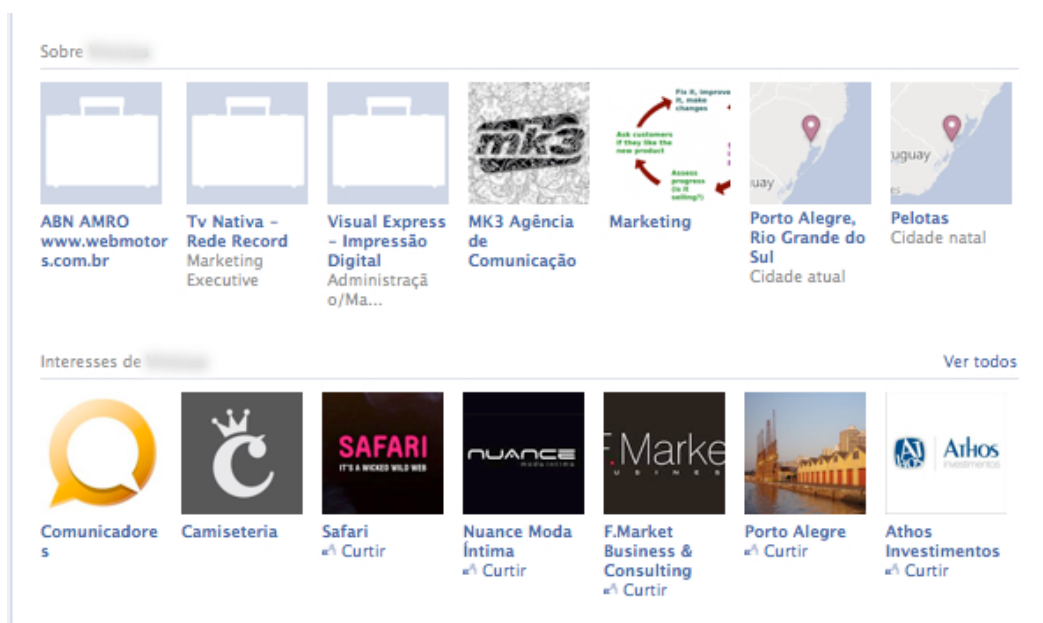


Figura 7. Segundo exemplo de perfil publicado no Facebook

Alguns exemplos de interação dentro dos SRS estão em *softwares* como o *Myspace* - os participantes interagem através de músicas, recados, vídeos, comunidades virtuais⁴⁷ e também notícias, além de outras ferramentas multimídia –, *Facebook*, objeto deste estudo – os usuários criam uma conta, preenchem um perfil com informações

⁴⁷ Comunidades virtuais são grupos de pessoas que formam uma rede social na Internet.

peçoais e profissionais, criam e participam de grupos, enviam recados para outros membros da rede, selecionam amigos em fotografias, compartilham vídeos etc -, e o *Orkut*, que possui características semelhantes ao *Facebook*, mas que atualmente tem menor popularidade no Brasil do que o primeiro.

1.3.1 Exemplos de SRS

Entre os sites de redes sociais por apropriação e os propriamente ditos, estão os mais populares no Brasil, e aqueles que já crescem diariamente e se popularizam no País. Dentre os mais populares, como Orkut, Twitter e Tumblr, escolhemos o Twitter, por se tratar de um microblog utilizado por 25% dos internautas brasileiros⁴⁸ e que recentemente foi traduzido para o Português⁴⁹ devido ao número de usuários do Brasil que utilizam o serviço.

1.3.1.1 Twitter

O Twitter é um site em formato de microblog no qual os usuários, a partir do seu nome ou de empresas, escrevem textos de 140 caracteres a cada postagem⁵⁰, respondendo a pergunta “*O que está acontecendo?*”, e assim compartilham informações com os seus seguidores na rede. O Twitter, assim como todos os outros SRS, permite que as mensagens ali compartilhadas sejam públicas ou restrita aos amigos dentro da rede. As conexões no Twitter não são recíprocas, posso escolher não seguir as pessoas que me seguem, e vice versa. Os seguidores são aqueles que receberão as minhas mensagens, e os seguidos expõem seus posts a todos os que clicam em “follow”⁵¹ em seu perfil e assim escolhem receber suas mensagens.

Não há uma maneira óbvia de apropriação do Twitter. O usuário pode usar o microblog para mandar mensagens para amigos que estão conectados com ele, pode

⁴⁸ Fonte: <http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1>

⁴⁹ Fonte: TechGuru - <http://techguru.com.br/twitter-ganha-traducao-para-o-portugues-do-brasil/>. Acesso em 8 de junho de 2012.

⁵⁰ Postagem, *post* ou *twitt*, é o texto publicado em um blog ou microblog.

⁵¹ *Follow*: seguir. Ao clicar nesta opção no perfil de um usuário do Twitter, se passa a receber suas atualizações. Quando não quiser mais seguir o perfil, basta clicar *unfollow* (não seguir).

escrever sem um receptor específico da mensagem, como quem discursa a quem quiser ouvir, pode ainda só ler o que outros usuários estão publicando, e não interagir com essas pessoas. O livro intitulado “*Tudo o que você precisa saber sobre o Twitter*”, faz uma analogia interessante para explicar o funcionamento deste site de rede social:

A melhor metáfora para representar o Twitter fora da Internet é uma mesa de bar e neste momento você está preocupado com o que vai dizer mesmo estando sentado sozinho. Primeiro você precisa encontrar pessoas!

Bares são lugares para se criar e cultivar relacionamentos. Amigos apresentam amigos a amigos e novas amizades se formam. Bares também são lugares para conversa. Às vezes você vai só para escutar, ou pode estar animado e falar pelos cotovelos.

Você pode ir a um bar e ficar só com aquelas pessoas mais queridas e conversar sobre assuntos pessoais, pode ir disposto a conhecer gente nova e falar sobre qualquer coisa ou até ficar no seu canto observando. Às vezes acontece de você ir a um bar e encontrar uma celebridade. Às vezes, inclusive, ela está sentada na mesma mesa que você. Se você entrar no assunto, até rola uma conversa, mas também pode ser legal ficar escutando. No Twitter é a mesma coisa (SPYER et Al., 2009, p. 12).

O Twitter é usado tanto por celebridades, quanto por pessoas comuns até empresas. Neste caso, o canal é usado como um aliado para o relacionamento entre consumidor e empresa, fã e celebridade.



Figura 8: A apresentadora de TV Americana Oprah Winfrey no Twitter

A participação de pessoas famosas no Twitter ajudou em um processo de humanização de celebridades, pois ali são expostos pensamentos, opiniões com as quais

os fãs se identificam.



Figura 9: Millor Fernandes no Twitter



Figura 10: O humorista Rafinha Bastos no Twitter

Ainda que seja um marco a presença de celebridades utilizando o Twitter, a característica mais marcante deste SRS talvez seja a facilidade com que a informação chega ao mundo em questão de segundos, instantaneamente. O jornalismo ganhou uma nova identidade a partir do Twitter, o qual permite que qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, noticie um fato importante no momento em que ele está acontecendo, e ainda envie imagem para ilustrar o que está dizendo através do TwitPic⁵² ou do próprio site.

Essa mudança na comunicação através do Twitter fica clara quando notamos que atualmente é comum o Twitter pautar uma notícia jornalística, e não somente o contrário. Assuntos que são muito comentados no Twitter tendem a virar manchete, e os

⁵² Site ligado ao Twitter que é usado para postagem de fotos. As fotos publicadas aí vão como um link para uma mensagem publicada nos 140 caracteres do Twitter.

usuários com opinião mais marcante sobre determinado assunto acabam nas páginas dos jornais e telas de telejornais do mundo todo.

Além de tudo já mencionado, o Twitter é uma das ferramentas que o consumidor encontra atualmente para entrar em contato mais próximo com a empresa que lhe oferece e vende um produto, além de ser uma arma poderosa no caso de uma reclamação, por exemplo. Como o site é público, as empresas cuidam para que sua imagem não seja afetada e acaba por solucionar o mais rápido possível qualquer problema, e igualmente publica no microblog que o mesmo foi solucionado.

O que compõe basicamente um site de redes sociais é sua permissão para a construção do “eu” ou dos múltiplos “eu”s, a individualização dos atores que dali participam. Boyd e Ellison (2007) definem os SRS em duas categorias: de apropriação e de estrutura. Apropriação é quando um site que não é originalmente criado para apresentar redes sociais e, através do uso por diversos atores, acaba tendo este fim. Lemos (2010) diz que a cibercultura nasce da apropriação tecnológica, já que a primeira é *“diferentemente da atmosfera eletro-mecânica do começo do século XX, favorável a novas formas de apropriação social dos objetos tecnológicos”* (LEMOS, 2010, p. 238). O weblog, por exemplo, é um site que originalmente não tem a finalidade de conter uma rede social, mas, através do uso que fazem seus usuários, pode apresentar características de SRS. O usuário de um weblog pode utilizar-se do site para criar um perfil público através da descrição do site, de fotos e textos produzidos por ele publicados no blog, além de também poder conectar outros atores, seus blogs e páginas através de *links*. Atualmente, é possível, por exemplo, mostrar em um site ou blog o nome e foto de perfil de seguidores no Twitter, como mostra a figura 11.

The image shows a screenshot of the AIESEC website, designed to function as a Social Reading System (SRS). At the top, the AIESEC logo is displayed with the tagline 'The international platform for young people to explore and develop their leadership potential'. Below the logo is a green map of Brazil with the headline 'VIVA A EXPERIÊNCIA QUE O MUNDO PRECISA. INSCREVA-SE NO PROGRAMA CIDADÃO GLOBAL NO ESCRITÓRIO DA AIESEC NA SUA CIDADE.' and a prominent 'INSCREVA-SE AGORA' button. The main content area is divided into two columns. The left column features two articles: 'Seja um Cidadão Global!' and 'Responsabilidade Social: muito além do currículo'. The right column includes a 'OLÁ' section with a welcome message, a 'Selecione o País' dropdown menu, and a 'CONECTE-SE' section with social media icons and a Facebook widget for 'AIESEC in Brazil' showing 1,757 likes.

Figura 11. Exemplo de apropriação de um blog para ter função de SRS

Além disso, os weblogs permitem uma função bem clara de rede social, que se dá através de comentários dos leitores do seu conteúdo. Como estes comentários podem referir-se tanto ao blog quanto aos demais comentários ali inseridos, e tem-se aí uma interação, característica da rede social, como demonstra a figura 12: uma página de perfil empresarial no Twitter usando ferramentas como “seguidores” e interação com outros usuários, criando assim um SRS por apropriação.



Figura 12. Exemplo de apropriação do Twitter para ser SRS

Ainda sobre a apropriação, algumas vezes, o mesmo ator se utiliza de diferentes sites para diferentes propósitos. Um usuário do Facebook pode apropriar-se do site somente para afirmar uma rede social, adicionando amigos conhecidos e pessoas próximas, e, ao mesmo tempo, utilizar-se do MSN para conversas, do Flickr⁵³ para a publicação de fotos e de weblogs para participar de discussões sobre determinados assuntos de seu interesse. Todas essas atividades podem ser realizadas no Facebook, mas o usuário tem uma apropriação específica para cada *software* de acordo com sua preferência. Enquanto isso, há aqueles que utilizam o Facebook para diversos fins, como publicação da rede social, interação através de recados, discussão em grupos e páginas em que participa, além de adicionar fotos e comentários sobre as mesmas.

Já os sites de redes sociais estruturados, ou sites de redes sociais propriamente ditos, têm como finalidade principal expor e publicar as redes sociais em que os atores participantes destes *softwares* estão inseridos. Seu foco, como analisa Recuero (2009), está na exposição pública destas redes, mostrar com quem cada pessoa está se relacionando, ao menos no ambiente virtual.

A partir daí podemos estudar o capital social para entendermos como o mesmo está ligado às relações de popularidade e visibilidade nas redes sociais na Internet.

⁵³ Site especializado em armazenar e compartilhar fotografias.

1.4 CAPITAL SOCIAL NOS SRS

Depois de observarmos as redes sociais e como funcionam os Sites de Redes Sociais, é importante apresentarmos aqui o capital social devido a sua carga de valor social presente nos ambientes estudados.

O capital social é o que está agregado de valor entre os indivíduos de um determinado grupo ou relação social. Esse capital social se dá através das relações entre os indivíduos, e os laços que as compõem, tornando a rede social uma composição de laços fracos e fortes através do capital social incluso nela.

O conteúdo das relações, e não os indivíduos atores delas, é que compõe o capital social dentro de uma rede. Esse conteúdo é o que precede e alimenta os laços sociais, e acrescenta um valor de grupo ou comunidade para a interação social.

O capital social tem, deste modo, dupla faceta: **coletivo** e **individual**. Diz respeito ao indivíduo, a partir do momento em que este é que pode alocar esses recursos e utilizá-los. É coletivo, porque faz parte das relações de um determinado grupo ou rede social e somente existe com ele. O capital social, portanto, apenas existe enquanto recurso coletivo, mas, por ter capacidade de ser alocado e utilizado individualmente, tem este caráter duplo (RECUERO, 2005, p. 90).

Essa forma de capital social coletiva existe para apresentar um grupo fortalecido dentro de uma mobilização em equipe positiva para a rede social. Ellison (2007) diz que sem o capital social, o grupo fica à mercê de desordens sociais causadas pela desconfiança gerada dentro do grupo. Isso indica que a presença de capital social é um fator positivo para que exista ordem, disciplina e harmonia entre os indivíduos que compõem uma rede social.

Quando o capital social diminui, a comunidade experimenta desordem social, redução nas atividades cívicas, e potencialmente maior descrença nos membros da comunidade. Maior capital social significa comprometimento com uma comunidade e a habilidade de mobilizar ações coletivas, além de outros benefícios. (ELLISON, 2007, p. 3)⁵⁴

⁵⁴ Tradução da autora: *When social capital declines, a community experiences increased social disorder, reduced participation in civic activities, and potentially more distrust among community members. Greater social capital increases commitment to a community and the ability to mobilize collective*

Para existir, o capital social requer tempo e investimento, uma característica também de laços sociais fortes. Putnam (2000) define os laços fortes e fracos para se referir à capital social como *bridging*⁵⁵ e *bonding*⁵⁶. *Bridging Social Capital* é o capital social que concentra um laço que serve como ponte entre duas pessoas. São os chamados laços fracos, normalmente sem relação emocional ou qualquer tipo de interação social entre elas.

Já o *Bonding Social Capital* é caracterizado como laço forte, em que as pessoas possuem uma relação de confiança entre si, e depositam tempo, interesse e interação constante umas com as outras, assim como ocorre com amigos e familiares.

Deste modo, o capital social constitui-se em um **conjunto de recursos** de um determinado grupo, obtido através da comunhão dos recursos individuais, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, e que está baseado na reciprocidade. Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu, 1983) e baseia-se no conteúdo delas (Gyarmati e Kyte, 2004; Bertolini e Bravo, 2004). Portanto, para que se estude o capital social dessas redes, é preciso estudar não apenas suas relações, mas igualmente, o conteúdo que provém delas (RECUERO, 2005, p. 90).

Segundo Ellison et al. (2007), além dos tipos *bridging* e *bonding*, o capital social pode ser classificado em um terceiro grupo, o *maintained social capital*⁵⁷, cujo conceito é o que caracteriza um tipo de capital social gerado a partir da manutenção de redes sociais. Neste grupo, se enquadram pessoas que utilizam uma ferramenta como o Facebook para manter contato com outros indivíduos, os quais, por algum motivo, deixaram de fazer parte de seu círculo de amizades presencialmente (ELLISON, 2007). Desta forma, a manutenção deste capital social é realizada de modo a preservar um relacionamento pré-existente, como uma forma de conservar uma rede social que não pode mais ser presencial, mas que tem a possibilidade de continuidade a partir do uso da

actions, among other benefits.

⁵⁵ *Brigde*, em Português, significa ponte. O autor cria o termo para referir-se ao laço social que é apenas um elo entre um ou mais indivíduos, mas que não é uma condição de intimidade em sua relação.

⁵⁶ *Bond*, em Português, significa vínculo. O autor cria o termo para referir-se ao laço social forte do capital social, aquele que implica intimidade e investimento de tempo e interação social.

⁵⁷ O termo *maintained social capital*, que em inglês significa “capital social mantido”, vem da palavra *maintanence*, o mesmo que manutenção, para, neste caso, o capital social.

Internet, e neste caso, do Facebook.

Jovens adultos se deslocando para a faculdade precisam criar novas redes na faculdade. No entanto, eles frequentemente deixam seus amigos do ensino médio com quem devem ter estabelecido redes ricas; abandonar completamente estas redes sociais da escola significaria uma perda de capital social⁵⁸ (Ellison et al., 2007, p. 6).

O capital social representa um benefício encontrado nas relações entre as pessoas em todos os seus níveis de interação social, mesmo individual ou em grupo, e oferece a essas relações um nível de relação social que conforme mantido e aplicável de investimento tende a crescer e aumentar ainda mais o seu capital social. Segundo Ellison (2007), *“pesquisadores descobriram que as várias formas de capital social estão relacionadas a índices de bem estar psicológico, assim como auto-estima e satisfação com a vida.”*⁵⁹, o que confirma ainda mais a teoria de que capital social está diretamente ligado ao relacionamento com os demais indivíduos, o que pode ser observado com as características que se percebem mais fortes quando o capital social está inserido no contexto dos SRS: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade.

Nota-se assim uma relação entre capital social e a base de objeto para este estudo, considerando como a violência está ligada a fatores sociais e como no Facebook ela ganha relevância devido ao número de pessoas e conexões que lá existem.

Apresentamos aqui uma investigação sobre a história da evolução tecnológica no âmbito da Comunicação, com um histórico da informática e Internet. Logo após, chegando às redes sociais e Sites de Redes Sociais, fizemos um estudo de como funcionam os SRS na Internet e qual o grau de participação de brasileiros nesses sites, e como o capital social está diretamente ligado a essa afiliação.

A continuação do trabalho apresenta a violência e como a mesma está conectada aos fenômenos da Internet e SRS, especialmente à vigilância e ao *cyberbullying*.

⁵⁸ Tradução da autora: *“Young adults moving to college need to create new networks at college. However, they often leave friends from high school with they may have established rich networks; completely abandoning these high school networks would mean a loss of social capital”*.

⁵⁹ Tradução da autora: *“researchers have found that various forms of social capital (...) are related to indices of psychological well-being, such as self esteem and satisfaction with life.”*

2 VIOLÊNCIA, VIGILÂNCIA E *CYBERBULLYING*

Estudar a violência é de fundamental importância para este estudo devido a sua ligação com o que é proposto aqui referente a um tipo de linguagem contida em sites de redes sociais na Internet. No que diz respeito ao que é proposto nesta pesquisa, a violência neste trabalho toma forma focando em todas as características que se relacionam diretamente à Internet (e fenômenos dela descritos até aqui) e ao método de análise que será referido posteriormente como Análise Crítica do Discurso.

Sendo assim, a pesquisa busca compreender a violência em seu sentido mais amplo e conceitual, mas especialmente nas formas mais diretamente ligadas ao objeto deste trabalho, como a vigilância, *cyberbullying* e relações de poder referentes ao objeto. Deste modo, a violência, como foco de estudo juntamente ao discurso produzido na Internet em SRS, merece um desmembramento quanto a sua origem, características e maneiras de acontecer, segundo o que nos propomos com este estudo em discutir a linguagem da ciberviolência.

O segundo capítulo, assim, se dedica a estudar o fenômeno da violência sob seu aspecto conceitual e histórico nas teorias de Michaud (1989) e Hannah Arendt⁶⁰ (2009), seu caráter como prática de um sujeito com Lebrun (2008), discutindo a violência como linguagem com Diógenes (1998) e sua relação com a mídia em Strasburger (1999), além de a violência percebida em suas diferentes manifestações, como física, virtual, moral, e com os estudos de Hering na parte do capítulo que trata da vigilância como forma de violência. Neste sentido há também forte contribuição das teorias de Foucault (2009), Sibilia (2008), Bruno (2004) e Goffman (2008) sobre a relação da violência com a vigilância e visibilidade. E, finalmente, na parte do capítulo voltada mais diretamente para o foco desta pesquisa, são expostas teorias e características da violência no formato de *bullying*, e posteriormente, *cyberbullying*, ambos levando em

⁶⁰ A escolha de Arendt para tratar da violência e relações de poder e dominação se fez propositalmente ao invés da escolha de autores como Foucault, tendo como justificativa a intenção de buscar em autores não convencionais para a Comunicação ou Linguística uma base teórica que reafirma ambas as áreas no que dizem a respeito do tema tratado neste trabalho.

conta estudos de Barbosa Silva (2010) e Smith *et al.* (200), e assim fechando este capítulo.

2.1 O CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Quando se fala em violência, logo vem à tona a imagem de agressão física, um ato presencial. Mas o conceito é muito mais abrangente. Violência engloba a agressão moral, a ofensa verbal, seja ela escrita ou falada, e até mesmo atitudes que não erradicam uma briga, mas que doem nos ouvidos e na consciência de quem a recebe (SMITH *et al.*; 2009).

Yves Michaud (1989) conceitua a violência quando um ou mais atores sociais causam danos a uma ou mais pessoas. Segundo ele, seja a violência contra a integridade física ou moral, em posse ou participação simbólica e cultural, ela pode ser assim caracterizada (MICHAUD, 1989).

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 11).

Esse conceito diz respeito a uma violência marcada abstratamente, com ou sem a agressão física. Mas se faz importante discutir especificamente sobre a agressão que fere a integridade física, já que ela é a forma mais concreta do que se chama violência.

Quando se fala de alguém violento, que feriu outra pessoa fisicamente, logo se conclui que aquele alguém é forte (MICHAUD, 1989). Tem força, e por isso bateu ao invés de apanhar. Esse pensamento leva ao que se pode chamar de relações de poder segundo o uso da violência. Quando um domina, o outro se anula. O que bate é mais forte, o que apanha é mais fraco, então o mais forte tem poder sobre o fraco e assim se faz até mesmo uma relação de respeito entre os dois. A vítima da violência (ou então

aquele que mesmo violento perdeu a briga) acaba por respeitar aquele de quem levou uma surra, ou qualquer ato violento (MICHAUD, 1989).

Para entendermos melhor como funciona este fenômeno, e depois passarmos para a vigilância e o *cyberbullying* é preciso entender qual é a origem da violência.

2.1.1 Origem da violência

Um questionamento que se faz sobre a origem da violência é o seguinte: será que a mídia incentiva a violência, ou a violência incentiva a sua retratação na mídia? Vitor Strasburger (1999) diz que a mídia pode ser responsável pela violência, mas certamente ela não é a única causa desse mal. Outros males como a pobreza, desigualdade social e falhas no sistema penal contribuem para a proliferação da agressividade na sociedade. Mas, apesar disso, não há como menosprezar os efeitos da mídia que contribuem para o seu crescimento.

Embora a violência na mídia certamente não seja a principal causa da violência na vida real, ela é um fator significativo - e um fator muito mais facilmente susceptível a mudanças do que, por exemplo, racismo, pobreza, preconceitos sexuais, diferenças psicológicas individuais ou qualidade de cuidados parentais. Virtualmente, todos esses estudos e revisões diferentes concluem que a violência nos meios de comunicação pode (1) facilitar o comportamento agressivo e anti-social, (2) dessensibilizar os espectadores para a violência e (3) aumentar as percepções dos espectadores de estarem vivendo em um mundo mau e perigoso (1999, p.32).

A violência, então, por mais que não surja na mídia, tem um poder de crescimento muito grande quando acompanhada dela, tanto pela transmissão dessa violência (agredir alguém pelos meios de comunicação é mais fácil do que presencialmente), quanto pelo poder que tem a mídia de difundir informação e formar opinião sobre determinado assunto (os espectadores de determinada mídia passariam a considerar a violência algo não tão grave se esse discurso for passado na televisão, por exemplo). Ainda dentro da concepção de Strasburger (1999), a violência mediatizada leva um certo público a crer que já vive em um mundo desvirtuado e agressivo, o que pode fazer com que as pessoas “se acostumem” à violência e não a repudiem tanto.

O comportamento violento “natural”⁶¹ passa a ganhar força ao conviver constantemente com cenas e discursos violentos na Internet, televisão e outras mídias, e isso nos faz refletir sobre os cuidados que existem ou não a partir dos meios de comunicação de massa para com a mensagem que é transmitida, e se essa mensagem passa por algum tipo de filtro ou se é simplesmente veiculada como pré requisito para a audiência. Como afirma Strasburger (1999), a mídia tem um poder de mudança maior do que os outros fatores sociais e psicológicos que prejudicam o senso de convivência do homem. Ainda que seja apenas mais um fator dentre os outros, a mídia tem a capacidade de rapidez, de comunicação fácil. A notícia sobre a garota irlandesa que cometeu suicídio por ser vítima de *bullying*⁶² nos Estados Unidos chegou quase que instantaneamente a todos os países do mundo, através do uso de celulares, Internet ou transmissões ao vivo por rádio e TV. É um exemplo do que ocorre com o fenômeno do Twitter, por exemplo, o qual permite que, de qualquer lugar do mundo, um celular publique um texto de 140 caracteres na Internet em tempo real. Esse imediatismo contrasta com o tempo de recuperação das casas e construções civis que terão de ser prioridade após o acontecido. Da mesma forma, a mídia tem o seu processo de transmissão acelerado, o que pode não acontecer com a infra-estrutura de uma escola, onde se pretende aplicar uma solução para a violência entre os alunos. O processo social é lento, enquanto com o mediático ocorre o contrário.

2.1.2 Natureza da violência

A diferença entre o ser humano e o animal não é a razão, mas o conhecimento. Da autora que defende esta teoria, também vem a ideia de que a violência não é bestial e sequer irracional, pois dizer que a violência provém da raiva é de uma opinião comum, mas o sentimento de raiva é patológico ou racional, e esta também é a origem de qualquer outro sentimento humano (ARENDDT, 2009).

⁶¹ No texto, comportamento natural significa aquele que é instintivo do homem. No caso, a violência como reação ou ato voluntário sem influência da mídia.

⁶² Notícia completa nos anexos do trabalho. Fonte: BBC Brasil.

Não há dúvida de que é possível criar condições sob as quais os homens são desumanizados – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome -, mas isso não significa que eles se tornem semelhantes a animais; e, sob tais condições, o mais claro indício da desumanização não são a raiva e a violência, mas a sua ausência conspícua. (2009, p. 81)

Ao presenciar um desabamento de casas em dias de muita chuva, a primeira reação não é a raiva. Por essa e outras situações, podemos dizer que a raiva não é uma reação ou consequência imediata e óbvia para momentos de sofrimento ou miséria. No entanto, ao assistir a uma reportagem no jornal que mostra uma catástrofe do tipo, quem assiste pode imediatamente ter um sentimento de raiva. Isso se dá porque *“a raiva aparece quando há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas mas não são”* (p.81). É o senso de justiça se manifestando em uma situação de desordem. Reagir com violência em situações extremas deste tipo é muitas vezes o que acontece durante um sentimento forte de raiva, como empurrar alguém que está no caminho e impedindo o salvamento de uma criança, entre outras situações. Desta forma, Arendt (2009) coloca a raiva como uma emoção natural do ser humano e diz que eliminar, tanto ela quanto a violência, das reações do homem, seria como castrá-lo.

Quanto às emoções relacionadas à racionalidade, Arendt (2009, p. 83) diz que emoção não é o oposto de racionalidade. O que se opõe ao emocional é a insensibilidade. Sentir nada em relação ao sofrimento ou alegria do outro é o vilão do sentimento, da emoção, e não o pensar, racionalizar. Segundo ela, entre as maiores causas da violência atualmente está a provocação da verdade, o desmascarar o inimigo, apresentando à luz suas manipulações para se valer do poder sem utilizar a violência. Esta violência não é irracional, é um ato que tem por base objetivos previamente pensados. Esta violência racional, quando manifestada em números, tem um grande impacto. É certo que uma arma de grande potência pode, através de um só soldado, matar várias pessoas ao mesmo tempo, mas a violência coletiva gera a sensação e projeção de uma violência aumentada. Ao provir de um grupo, ela deixa de ser individual, e passa a ser de caráter coletivo, sob algum tipo de estatuto que o conduz. O vínculo deste coletivo, que pode se dar tanto em espaços militares quanto criminosos, parece ser ainda mais forte do que os de relacionamentos civis como a amizade, por ser

constituído de um objetivo político comum que tem por base o poder: provocar a violência para atingir seus objetivos de dominação (ARENDR, 2009, p. 86).

A violência racional nunca sabe quais serão suas consequências. Ela *“não promove causas, nem a história, nem a revolução, nem o progresso, nem o retrocesso; mas pode servir para dramatizar queixas e trazê-las à atenção pública”* (2009, p. 99). Só permanece racional, desta forma, se objetiva resultados a curto prazo. Arendt (2009) reforça esta ideia ao dizer que a violência é mais uma arma da reforma do que da revolução. Por isso fala em curto prazo, pois a violência torna-se perigosa e fora de controle se utilizada à longo prazo. Diante de toda a questão da violência, e usando como exemplo o cenário político, Arendt expressa seu pensamento de que a violência gera violência: *“A prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é para um mundo mais violento”* (2009, p. 101).

Desde a mais profunda reflexão até um apanhado geral da origem da violência, pode-se dizer que a mesma encontra sua origem no nascer, pois a violência vem do agir, originado no ser político, que é consequência do nascer. Violência e poder são, portanto, fenômenos políticos, garantidos pela qualidade do agir, do começar.

2.2 VIOLÊNCIA, ÓDIO E PODER

Partimos agora para teorias que diferenciam a violência de palavras semelhantes, como o ódio. Aqui relacionamos ela ao poder, apresentando suas características e consequências, além de investigarmos a violência em ambientes cujo poder é de interesse geral, como o Governo.

2.2.1 Violência e ódio

Pierre Lebrun (2008) defende a posição de que a mutação na exceção dentro de um regime simbólico é o que faz surgir novas formas de violência. A mudança de quem tem legitimidade, daqueles que são respeitáveis tradicionalmente, para papéis comuns, torna o ódio mais abrangente. O lugar da exceção (chefe, mestre, presidente) já não é tão evidente, por isso a mutação de autoridade e legitimidade desses sujeitos faz das

exceções lugares transitórios. Essa mutação do regime simbólico é o não estar mais previamente definido o lugar da exceção, ou seja, das posições de pai, mestre, presidente, rei, deus. Segundo ele, a legitimidade desses sujeitos já não é mais tão evidente, e aí está o surgimento do ódio e da violência.

Diz-se especificamente do ódio que a civilização impõe ao homem uma falta, um vazio, uma restrição, e a resposta para tal carência é o ódio (LEBRUN, 2008). O ódio está presente em todos, e faz do homem seu objeto ou vítima. Para Lebrun (2008), não há como impedi-lo de existir, pois ele está dentro de cada pessoa.

Entretanto, o ódio está lá, em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, claro, mas também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, na forma como às vezes olhamos, no tom de nossa voz, em nosso desejo de dominar, em nossa voracidade, na maneira pela qual nos dirigimos ao outro ou pela qual evitamos responder-lhe, no como se não o tivéssemos visto, no suspense em que o mantemos ou na resposta imediata, no ridículo para onde o jogamos, na lama em que chegamos a arrastá-lo, em nossas pretensas gentilezas ou em nossas falsas amabilidades ou, mesmo, em nossos silêncios; enfim, examinando-o um pouco mais de perto, é preciso aceitar uma constatação: o ódio me habita, está na minha vida, desde o início, sem dúvida, e antes mesmo do que eu possa me lembrar (LEBRUN, 2008, p. 13).

O ódio, para existir, não precisa da presença do outro. Sem a presença de outra pessoa é possível sentir ódio. Ele pode ser considerado um vestígio da reação que tivemos com a atitude de outra pessoa. *“O ódio é também o vestígio de que o outro nos atingiu, pelo menos uma vez”* (p. 14). Primeiramente, o ódio refere-se à linguagem, pois ele habita-nos pelo fato de falarmos. A fala pressupõe a presença do outro, reconhecer ele ali, colocar o outro em si. *“Pelo fato de falarmos, podemos somente ter ódio”* (LEBRUN, 2008, p. 15). Lebrun utiliza o exemplo que vem da expressão “tenho ódio!” ou “Que ódio!⁶³” para mostrar que a questão não é ter ódio de algo ou alguém, mas sim de ser habitado (a) por ele *“como um parasita, como um câncer”* (p. 15).

A razão do meu ódio é esse vazio que me habita, ao qual sou obrigado a dar lugar pelo fato de que falo. Eis porque Freud punha o ódio – e não o amor – no ponto de partida do humano. Enquanto seres falantes,

⁶³ Exemplo da autora.

nós tivemos de pagar um tributo ao negativo, de uma forma ou de outra. Inscrevemos nós essa parte de negatividade. Esse constrangimento ao vazio que implica na linguagem, essa ferida que assim ela veicula, essa negatividade da qual não podemos nos excluir, o que mais poderia fazer senão suscitar nosso ódio? (LEBRUN, 2008, p.18)

É preciso lembrar que o motivo principal continua a ser o vazio que implica a fala. Lebrun (2008) faz uma comparação para melhor exemplificar esse fenômeno. Diz ele que a lei da linguagem está para o ser humano assim como a gravidade está para a massa, nas concepções de um físico. *“Nem uma única massa, por menor que seja, escapa da gravidade. Nem uma única parte do humano escapa de ser constrangida pela Lei da linguagem.”* (p. 19). A linguagem é, portanto, algo inato ao ser humano. Não há uma pessoa sequer que não tenha ou não use a linguagem, seja ela qual for.

A violência em si pode ser considerada uma linguagem, pois, segundo Diógenes (1988), a violência nada mais é do que a forma de dizer algo, de se expressar. Quando alguém que se sente isolado do mundo só encontra força para ser notado através da agressão física. O psicanalista Jurandir Freire Costa (1984) complementa essa teoria dizendo que a violência é um *“tipo de negociação que, através do emprego da força ou agressividade, visa a encontrar soluções para conflitos que não se deixam resolver pelo diálogo e pela cooperação”* (COSTA, 1984, p. 47). Desta forma, a linguagem do diálogo, da conversa, é substituída pela linguagem da agressão, tornando a violência uma forma de linguagem.

Sendo assim, a violência passa a ser uma forma de dizer aquilo que se sente quando os atores do processo não conseguem fazer uso do diálogo. As palavras já não bastam para uma resolução, quando a violência é física. As ofensas verbais são nada mais do que uma forma de agredir quando o corpo ainda não entrou em estado de descontrole da raiva para agredir fisicamente. Desta forma, a ausência de um fator implica na presença de outro.

Toda presença implica uma ausência. A palavra pode trazer um sorriso, como pode fazer brotarem lágrimas, pode trazer alegria como pode desiludir. A fala, portanto, não pode se desfazer do vazio que nela está presente. Arendt (2009) complementa esse pensamento, dizendo que a palavra é uma forma de poder, mas neste contexto, nada

mais persuasivo do que aquele domínio que sai do cano de uma arma (ARENDDT, 2009). Esta ideia está no campo da violência sob a perspectiva política. A violência, portanto, está ligada diretamente às relações de poder e dominação, o que apresenta a noção de que a palavra substituída pela linguagem da violência possui talvez a solução menos apaziguadora, mas definitivamente poderosa.

2.2.2 Violência e poder

Dentro da perspectiva política, a violência é uma manifestação de poder (ARENDDT, p.51, 2009). Assim se faz a reflexão: seria o fim da guerra o mesmo que o fim do poder? O desaparecer da violência significaria, então, a falta de um grupo dominante sobre outro dominado? Arendt lembra que o poder está inserido em algo chamado “instinto de dominação”, ter poder é dominar. Ela cita Jouvenel, quando ele afirma *“um homem sente-se mais homem quando se impõe e faz dos outros um instrumento de sua vontade”*. Sartre considera este ato de um prazer incomparável. Voltaire já dizia que o poder é fazer com que os outros ajam conforme eu escolho. *“Está presente onde quer que eu possa afirmar minhas vontade contra a resistência dos outros.”* Quando o outro/oponente faz o que eu quero, eu o domino. Elizabeth Kerry simplifica bem esta ideia, dizendo *“Quem te irrita te domina”*, ou seja, aquele que irrita, incomoda, tem sobre o outro uma influência sobre seus pensamentos e talvez sobre suas ações, o domina: tem sua importância marcada no ódio que o outro lhe confere.

Poder e violência não são sinônimos. Poder é a efetividade de comando, enquanto a violência é uma consequência, um meio de exercer este poder. Assim, um policial teria o mesmo poder do que um assassino armado, somente pela forma com que os dois representam esse comando/influência. Para uma melhor reflexão desta ideia, se faz aqui um parêntese para analisar essas diferenças.

Arendt (2009) sugere que o domínio mais tirânico de todos é o domínio de ninguém, aquele que surge da burocracia:

Se, de acordo com o pensamento político tradicional, identificamos a tirania com o pensamento político tradicional, identificar-mos a tirania com o governo que não presta contas a respeito de si mesmo, então o domínio de Ninguém é claramente o mais tirânico de todos, pois aí não há a quem se possa questionar para que responda pelo que está sendo feito. É esse estado de coisas, que torna possíveis a localização da responsabilidade e a identificação do inimigo, que está entre as mais potentes causas da rebelde inquietude espalhada pelo mundo de hoje, da sua natureza caótica, bem como da sua perigosa tendência para escapar ao controle e agir desesperadamente (p. 55, 2009).

Arendt (2009) fala sobre a relação entre dominar e se deixar ser dominado. Para ela, ausência de inclinação para obedecer significa ausência de inclinação para dominar. O princípio psicológico básico que dá forma a essa teoria é a de que quando o poder está nas mãos de quem já teve de cumprir ordens, será fácil para esta pessoa se colocar no lugar de quem lhe obedece, e saberá o que pode e deve ou não ser ordenado. Somente quando aquele que está no poder considera todos iguais – dominante e dominado – é que pode construir uma comunidade baseada no modelo mando-obediência, e não no modelo poder – domínio.

Homens da Antiguidade se voltavam a este modelo para construir um governo baseado no poder do povo, e não no poder homem sobre homem. Desta maneira, se considera assim uma maneira de governo que coloca o homem a obedecer às leis, e não a outros homens. Assim, a forma ideal de comandar, qualquer que seja o motivo, se dá quando o povo obedece de acordo com uma política de fazer daquela obediência uma contribuição para a sociedade, e não a sente como uma mera obrigação, cumprida de má vontade.

Na política, o poder, para agir, precisa de apoio. Já a violência age sozinho. O caso da teoria sobre o subordinado estar apto a comandar demonstra esta teoria claramente, já que quando o dominador considera o povo igual a ele, este governo tem uso do poder. Já quando a relação de poder se dá homem *versus* homem, aí se tem uma relação de dominação baseada na violência. O poder precisa de apoio, ele não age sozinho. Quando um grupo de pessoas se une em prol de um objetivo, e luta para consegui-lo com atitudes de quem manifesta sua vontade respeitando o outro, tem-se então o poder. Já o esquema um contra todos é um esquema baseado na violência, e

gerador dela. A tirania é uma forma de governo baseada no esquema um contra todos, e é também a menos poderosa, pois não depende dos outros para governar. Age sozinho, permanece sozinho em sua forma de dominação, ainda que muitas vezes precise de outras pessoas, dominados também, para a realização de suas artimanhas (ARENDR, 2009).

Arendt (2009) mostra que é importante selecionar os termos poder, violência, força, autoridade, e vigor, e diferenciá-los quanto ao uso destas palavras, para uma coerência com a gramática lógica e também para que sejam contextualizados sob uma perspectiva histórica.

Poder, vigor, força, autoridade e violência seriam simples palavras para indicar os meios em função dos quais o homem domina o homem; são tomados por sinônimos porque têm a mesma função. Somente quando os assuntos públicos deixam de ser reduzidos à questão do domínio, é que as informações originais no âmbito dos assuntos humanos aparecem, ou, antes, reaparecem, em sua autêntica diversidade (p. 60, 2009).

Diferenciar poder de termos aparentemente semelhantes se faz importante para a melhor compreensão do que se diz quando violência está relacionada ao mesmo. **Poder**, segundo Arendt (2009), é a capacidade humana para agir em conjunto. O poder não pertence a alguém, mas a um grupo de pessoas enquanto estas se encontram com o mesmo objetivo e linha de pensamento para o uso deste poder. *“Quando dizemos que alguém ‘está no poder’, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome.”* (p. 60-61). Quando o grupo se desmancha, aí também desaparece seu poder.

O **vigor**, ao contrário do poder, designa algo que se identifica no individual. Pode ser de um objeto ou de uma pessoa, e é essencialmente diferente dos objetos ou pessoas a quem se prova. Quando um grupo de indivíduos toma por objetivo arruinar o vigor de uma outra pessoa, o poder então coletivo vence o vigor, individual. E a **força** é, dentre os termos, o mais confundido com a violência, mas não são sinônimos. Arendt define força como uma energia liberada por movimentos físicos ou sociais, é a força da natureza.

Bastante confundida com poder, **autoridade** é algo que pode ser investida em pessoas, em relações como a de pai e filha, onde o pai tem autoridade sobre aquilo que fala, dá exemplos em suas atitudes, para a filha que olha para ele e lhe escuta porque, para ela, o pai é uma figura que tem autoridade para lhe falar, assim como seus professores, por exemplo. Mas esta autoridade não é algo permanente e inabalável. Quando a filha se decepciona com uma atitude incoerente com seu discurso, ele perde um pouco desta autoridade. Portanto, para que seja conservada, a autoridade precisa de respeito pelo outro, pelo cargo que é ocupado. *“O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e o mais seguro meio para miná-la é a risada”* (p. 62, 2009).

Um exemplo da importância da autoridade Arendt (2009) nos dá em uma nota de rodapé, ao dizer que:

Foi com o intuito de quebrar esse poder [dos estudantes]⁶⁴ que as autoridades recorreram à violência, e é precisamente porque a universidade é uma instituição baseada na autoridade e, portanto, depende de respeito, que parece ser tão difícil lidar com o poder em termos não violentos. Hoje, a universidade chama a polícia para sua proteção como a Igreja Católica o fazia antes que a separação entre Estado e Igreja a obrigasse a apoiar-se apenas na autoridade (p. 62, 2009).

Lebrun complementa a observação de Arendt sobre autoridade, quando diz que as exceções estão em mutação. As dita então como autoridades tradicionais (pais, professores, governantes) não são vistas com toda a dignidade passada pelas pessoas que deveriam influenciar, e isso as torna alvo de ódio e violência (LEBRUN, 2008).

Violência é um termo que já foi bastante discutido até esta parte da pesquisa, mas, no contexto do pensamento de Arendt (2009), considera-se importante citar aqui qual a significação que ela faz do termo, em complemento aos outros já explicados. Segundo Arendt, a violência está próxima do vigor fenomenologicamente, devido ao fato de que as ferramentas da violência são usadas com o objetivo de multiplicar o vigor natural, até que possam substituí-lo. Para completar, diz que não há fenômeno mais comum do que aquele em que há uma combinação de poder e violência, e, igualmente, do que percebê-los em sua forma mais pura e extrema (ARENDR, 2009).

⁶⁴ Observação feita pela autora.

Relacionar poder e violência é extremamente comum, mas nota-se que são distintos dependendo do uso que um grupo faz do poder. Tanto em ambientes domésticos quanto em relações de estado, a violência pode ser observada atualmente como o *“último recurso para conservar intacta a estrutura de poder contra contestadores individuais – o inimigo externo, o criminoso nativo”*. Esta concepção de violência a coloca em uma relação perigosa com o poder, como se um dependesse do outro para existir, quando, na realidade, a violência não é pré-requisito para a obtenção do poder, e o poder é mais do que uma fachada para se demonstrar autoridade.

O que gera essas coincidências constantes entre os dois termos é algo que está presente na história através da revolução, como explica Arendt. *“Em um conflito da violência contra a violência, a superioridade do governo tem sido sempre absoluta”* (ARENDR, p. 65, 2009). Quando a estrutura do poder se abala, essa superioridade tem fim. O povo, quando resolve não obedecer às ordens do governante, da polícia ou do exército, muda completamente a situação de governar. Um exemplo deste fenômeno está na rebelião contra qualquer forma de governar, pois, ao não se submeter a uma ordem dos três poderes do governo, a violência utilizada por policiais ou exército se torna inútil para mudar qualquer situação para um ambiente de ordem. A violência só tem influência quando há poder por trás dela.

Para compreendermos bem a relação entre poder e violência, o capítulo faz uma parada para aprofundar a teoria de Hannah Arendt (2009) sobre a violência e sua relação com o governo e diferentes formas governar.

2.2.3 Violência e governo, segundo Hannah Arendt

Arendt lembra que jamais existiu governo baseado exclusivamente na violência, e que mesmo os mais autoritários precisam de uma base de poder para que possam governar. Homens sozinhos, um contra todos, não têm poder suficiente para usarem da violência e serem bem sucedidos desta forma. Então a violência, quando doméstica, é como o último recurso do poder para combater criminosos e rebeldes (ARENDR, p. 68, 2009) singulares, indivíduos que não entram em consenso com a maioria. Pode-se dizer que é o poder, e não a violência, o que sustenta todo um governo.

O poder, segundo Arendt, não precisa ser justificado, ele surge onde quer que as pessoas ajam em conjunto, e sua legitimidade provém mais da reunião inicial do grupo, do que de qualquer ação que possam vir a fazer a partir dele, pois é da reunião de duas ou mais pessoas e das ideias e objetivos comuns que surgem dela que o poder é derivado. A violência, no entanto, pode ser justificável, mas jamais será legítima.

Poder e violência aparecem constantemente juntos ou relacionados, e estas duas formas de dominação, quando separadas e em seu estado puro, são bem diferentes. O governo com a dominação do homem pelo homem por meio da violência é a representação de poder e violência separadamente, como uma “*equação ordinária*” (ARENDR, p.70, 2009). Para que exista a dominação de um governo sobre o outro, sem prévias parcerias políticas que trariam poder ao dominador, é preciso que o povo dominado seja de um governo impotente e desabitado com o poder político a lhe dirigir.

Arendt lembra que a violência pode destruir o poder, mas o contrário não ocorre. O poder pode ser eliminado pela violência devido ao fato de ela ser formada por artefatos e implementos que multiplicam o vigor humano. Quem se opõe à violência, vai contra ferramentas que multiplicam a capacidade de destruição à medida que os oponentes se distanciam (ARENDR, 2009).

Em um conflito frontal entre violência e poder dificilmente o resultado é duvidoso. Se a estratégia da resistência não violenta de Gandhi, extremamente poderosa e bem-sucedida, tivesse encontrado um inimigo diferente – a Rússia de Stálin, a Alemanha de Hitler e mesmo o Japão do pré-guerra, em vez da Inglaterra -, o resultado não teria sido a descolonização, mas o massacre e a submissão (2009, p.70 -71).

O que significa que, por ser um governo que vai contra a violência, Gandhi se afastou da situação de guerra, contando com o poder da Inglaterra para não ser massacrado. Como Arendt cita, se o governo com o qual lutara fosse originalmente violento, o resultado teria sido não o afastamento e descolonização da Índia, mas a destruição de seu povo e território.

O domínio pela violência ocorre onde o poder está sendo perdido, o desaparecimento do poder leva à vitória da violência quando é este o meio utilizado

para sobrepor um governo a outro, mas o preço de vencer uma guerra somente com a violência pode tornar-se muito caro também para o vencedor, e não somente para o vencido. Isso se dá porque, ao substituir o poder pela violência, o governo torna-se impotente, e a impotência só gera mais violência. *“Com a perda de poder, torna-se uma tentação substituí-lo pela violência”* (ARENDDT, 2009, p. 72).

A violência é, portanto, uma forma de governar desprovida de poder e autoridade. É como a linguagem que resta ao governante que não consegue conquistar pelo exemplo, carisma e palavras o seu povo os países com quem precisa negociar. Estes não mais o escutam nem lhe conferem credibilidade.

O terror é um exemplo de como o governo pode vir a tornar-se escravo da violência. O uso do terror para conseguir e manter a dominação é a mais clara forma de violência que sobrepõe o poder, mas é preciso diferenciá-los. O terror é uma forma de governo que usa da violência e toma o total controle do poder a partir dela. A dominação totalitária, que tem base no terror, se difere das tiranias e ditaduras, baseadas na violência, porque a primeira tem todos como seus inimigos, investindo também contra os que inicialmente são seus aliados. O terror faz das vítimas não somente o alvo inicial, mas inclusive aqueles que o ajudaram a destruir o alvo. Portanto, poder e violência não podem ser considerados sinônimos, pois *“onde um domina absolutamente, o outro está ausente”* (p. 73). Dizer que a violência pode ser não violenta é contraditório, mas Arendt nos coloca a par de que onde está o poder em risco, ali está a violência. No entanto, quando esta toma seu caminho e domina absolutamente, o poder desaparece. Como vimos, a violência tem capacidade de destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo, não há poder originado da violência.

Para finalizar esta questão poder versus violência, Arendt reflete que não podemos relacionar a violência ao mal, pois *“o mal não é mais do que um modus privativo do bem, que o bem pode advir do mal; que, em síntese, o mal é uma manifestação temporária de um bem ainda oculto”* (p. 74). Assim, se faz necessário entender se esta violência e busca pelo poder é da natureza do ser humano, e compreender melhor suas origens através da história.

2.3 VIGILÂNCIA COMO VIOLÊNCIA

Segundo Foucault (2009), vigiar é desprover o outro da liberdade, é controlar, medir cada passo, localização, ato. Sendo assim, a vigilância relaciona-se diretamente com a violência. Ambas mostram-se contra a liberdade de um indivíduo, e por isso o foco a esta questão é dado para que fique mais profundamente claro como um fator está ligado a outro.

A visão panóptica considera que vigiar é deixar o outro dentro de um ambiente que não é o seu, é como uma prisão, uma cidade infestada pela peste e que precisa de acompanhamento 24 horas por dia. Vigiar implica tirar a privacidade, e trazer essa visão panóptica à público é ainda reiterar essa violência. Publicar o privado, expor as fraquezas do outro, humilhá-lo, apresentando a vítima/vigiado/prisioneiro no seu pior.

A utilização das TIC, especialmente o Facebook, para publicação de informações e imagens pessoais leva os SRS a apresentarem características de uma “vitrine pessoal”, já que a partir da popularidade criada com as conexões de amigos e comunidades, somadas a uma apresentação pessoal feita pelos próprios usuários através de fotografias, vídeos e informações por ele publicadas na rede, ele se torna fonte de informação e exposição da vida particular na Internet. O Facebook especialmente, por ser usado por mais 46 milhões⁶⁵ de usuários brasileiros, torna-se imediatamente plataforma para esta exposição, já que a probabilidade de alguém encontrar um amigo e conhecido no SRS e ali ter informações de sua vida é praticamente 100% nessas condições.

2.3.1 Vigilância e visibilidade na Internet

Paula Sibilia (2003) afirma que a visibilidade está ligada a uma interioridade da vida pública. A partir do momento em que alguém expõe sua vida íntima na Internet, ela passa a construir um “Diário íntimo⁶⁶”, e permite que qualquer pessoa faça parte da sua vida. O que anteriormente era privado torna-se público por opção pessoal, já que

⁶⁵ Fonte: blogestadao.com.br. Acesso em 15 de fevereiro de 2012.

⁶⁶ Paula Sibilia cria o termo “Diário Íntimo” para caracterizar a publicação constante da vida pessoal na Internet.

escolher fazer parte de um SRS ou usar alguma tecnologia de informação e comunicação com o fim de expor informações pessoais e íntimas é uma opção de cada usuário.

Como vimos na descrição de SRS, o internauta que os utiliza pode estabelecer quais as informações que deseja que outras pessoas tenham acesso, e quem pode ter acesso a cada tipo de informação. Mas se assim desejar, o usuário do Facebook pode expor sua vida não só para conhecidos e amigos, mas para qualquer pessoa dentro da rede. Da mesma forma, quem tem um blog pode expor-se ainda mais, devido à sua publicidade obrigatória, em que a pessoa que tenha o seu endereço pode ler o que nele está publicado, cabendo às opções de privacidade do blogueiro somente definir quem pode postar comentários sobre o que ele escreve.

O fenômeno dos diários publicados na Web, com toda a sua parafernália de confissões multimídia e, especialmente, as *webcams* que transmitem “cenas da vida privada” ao vivo durante as 24 horas do dia, fornecem um prisma privilegiado para examinar este desvanecimento dessa interioridade clássica e as novas tendências exibicionistas e performáticas que alimentam os atuais processos de identificação. Os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu por meio de recursos performáticos, que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobre tudo, ao cobiçado fato de “ser visto” (SIBILIA, 2003, p. 9).

Assim, o querer ser visto é muito mais imperativo do que o fato de ser visto por acaso. Dentro do universo Internet, o fenômeno de visibilidade está diretamente relacionado ao fato de o usuário querer ser observado, expondo sua privacidade através de fotografias, mensagens e de outros meios para tal. Essa ideia de que pessoas querem ser vistas está clara na concepção de Sibilía (2003) quando a autora diz que os inúmeros diários íntimos publicados na Internet têm por objetivo unicamente a visibilidade, como se observa em programas de TV como Big Brother, em que a exposição da intimidade acaba por tornar-se o produto que oferece uma rede de televisão, e que os principais usuários desta TIC, os brothers, fazem questão de protagonizar (SIBILIA, 2003). Sibilía ainda diz que essa sede por querer ser visto está diretamente ligada a uma outra vontade: a de vigiar, bisbilhotar a vida alheia, o que, segundo ela, acaba vencendo limites e fazendo com que a noção do que pode ser exposto e mostrado com tranquilidade tenha

uma conotação bem diferente de privacidade.

A curiosidade pela vida alheia cresce especialmente quando diz respeito à intimidade de cidadãos comuns, o que incita o indivíduo não famoso a criar um tipo de representação de sua realidade para que esta seja visível (e vigiada) pelos outros. Mas esta curiosidade e ao mesmo tempo exposição corre o risco, segundo Sibilía, de cair no desapontamento (SIBILIA, 2008, p. 270). Segundo ela, aqueles que expõem diariamente seu íntimo ou de outras pessoas na Internet estão como dizendo “*Minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano.*”, e leva em consideração que toda essa informação sobre a vida pessoal de tanta gente não passa de lixo digital, *digital trash*, sem valor real. Sobre o conteúdo que toma forma de diário íntimo, ela conceitua:

Não se trata de obras de arte, não pretendem e nem sequer sonham em sê-lo. Apenas se apresentam como o que são: pequenos espetáculos descartáveis, algum entretenimento engenhoso sem maiores ambições, ou então celebrações da mais vulgar estupidez (SIBILIA, 2008, p. 271).

Desta forma Sibilía abre espaço para uma reflexão sobre até que ponto toda a interatividade já aqui descrita, como o fácil acesso às TIC através de computadores pessoais e Internet, e ainda a grande difusão da interação participativa através de sites de redes sociais estão sendo aproveitadas de maneira a realmente colaborar com a cibercultura. A vigilância, tal como a visibilidade estão inseridos em um contexto que existe a partir do uso que cada pessoa faz das dos possíveis diários íntimos, que podem estar ligados a uma vontade de expor o outro em seu íntimo, como de expor-se ao íntimo para o outro.

Apesar da reflexão de Sibilía, é relevante reconhecer o fenômeno da interatividade como algo positivo, que envolve apresentar a internet não como lixo digital, mas como a reunião de todos os tipos de pensamentos, conteúdos, crenças, expressões e construções de vários “eu”s, o que leva também a haver conteúdo interessante e a favor do desenvolvimento e crescimento de impacto positivo na sociedade.

2.3.2 Vigilância e performance

Foucault (2009) afirma que o poder é advindo do olhar, da vigilância. Ao utilizar alguma das TIC para buscar e vigiar o cotidiano da vida alheia, os meios virtuais tornam-se semelhantes aos cômodos das prisões, onde o diretor pode observar e analisar cada passo de um detento, tornando assim o poder vindo da vigilância. Enquanto ator social usar o meio que for para tornar o que é privado público para si, como meio de apropriação daquele conhecimento que diz respeito à vida alheia, ele estará usando da teoria da vigilância para sentir-se dono de uma situação que é ilusoriamente real. Bruno (2008) complementa:

Aí reside uma das principais características da tecnologia disciplinar e sua diferença frente ao modelo de poder que a precede, baseado na soberania: a inversão do foco de visibilidade no exercício do poder. O olhar não mais se volta para aqueles que exercem o poder e sim para aqueles sobre quem o poder é exercido. Para o indivíduo comum, ordinário, e ainda mais para os que estão aquém do comum e mediano – o desviante, o anormal. Trata-se, de fato, de um olhar individualizante, de um poder que individualiza pelo olhar, tornando visível, observável, analisável, calculável o indivíduo comum (BRUNO, 2008, p. 2).

Deste modo, como afirma Bruno (2004), o indivíduo comum passa a ser o foco da vigilância advinda do poder do observador. Aquele que vigia não está mais no caminho de observar o poder, mas sim de observar para obter poder sobre quem observa. A vigilância faz do observado um objeto calculável, cujos milímetros dos seus atos e características podem ser analisados e julgados de acordo com a ótica e valores de quem vigia.

Foucault (2009) apresenta esta teoria como uma estratégia para levar as ações de acordo com o que é vigiado. Diz que a sociedade do espetáculo, da visão pan-óptica⁶⁷ – aquela que abrange o todo – penetrou na vida íntima de pessoas comuns e alcançou um

⁶⁷ Panóptico é um termo utilizado para designar um centro penitenciário ideal desenhado pelo filósofo Jeremy Bentham em 1791. O conceito do desenho permite a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados.

estágio onde não importa mais o cotidiano de pessoas públicas, mas sim de pessoas comuns.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2009, p. 123).

Assim, a vigilância aprofundada de todos os detalhes cabíveis dentro de uma observação minuciosa objetiva uma posterior reação da parte que vigia. O ato de vigiar implica em compreender a rotina e as características mais profundas do alvo a ser vigiado. E esse conhecimento gera um cálculo preciso das armadilhas que podem ser planejadas para mudar essa rotina do vigiado. Segundo Foucault (2009), o mais interessante em vigiar está em observar uma multidão de pessoas ao mesmo tempo, e não somente um ou dois indivíduos.

A vigilância de uma multidão é algo comum quando as pessoas analisadas concentram-se não somente em um ambiente fechado e comumente vigiado como em uma prisão, mas também em um espaço virtual aberto e caracterizado por exposição pessoal, como um SRS.

2.3.3 Vigilância e os SRS

As características de exposição e visibilidade aqui apresentadas fazem dos SRS páginas que, por serem utilizadas de maneira a compor detalhes de uma vida particular, tornam-se fonte de pesquisa e vigilância consideráveis pelos demais membros dentro da rede. O uso do Facebook como despesa improdutiva⁶⁸ (aquela que caracteriza diversão, passar o tempo) se direciona a uma atividade que antigamente só era exercida no mundo real, e não no virtual, que é a vigilância da vida alheia. E, dependendo do grau de exposição em que as pessoas se encontram na rede, o usuário vigilante encontra muitas

⁶⁸ Despesa improdutiva é a utilização da Internet para fins de diversão, sem a necessidade de uma produção de conhecimento. É o “ócio criativo”.

informações.

Hoje, este olhar público e coletivo parece não mais estar dado, precisando ser produzido pelos próprios indivíduos. As práticas de exposição de si na Internet podem ser vistas neste sentido como uma demanda pelo olhar do outro, que se torna assim uma conquista individual, privada e não mais um dado público (BRUNO, 2004, p. 7).

O sistema de busca pela vida pessoal ofertado pelo Facebook é semelhante aos sistemas de busca tradicionais⁶⁹. Sistemas de busca são aqueles que oferecem informações catalogadas, analisadas e pesquisadas de acordo com o interesse daquele que usa o sistema para procurar algo. No Facebook, o sistema de busca funciona de forma mais direta, ela vai direto ao ponto aonde se pretende chegar. Ao procurar por uma pessoa em específico, por exemplo, basta digitar o seu nome completo e a página pessoal estará lá pronta para ser vigiada e pesquisada de acordo com os interesses de quem faz a busca, e sendo condicionado pelas informações que o pesquisado permite no seu perfil. Esta facilidade com que um perfil é acessado por outras pessoas, sejam elas conhecidas ou não, faz com que surja uma nova consequência para a visibilidade, performance e vigilância nos SRS e demais TIC: a fama.

Segundo Goffman (2008), a visibilidade gera uma margem para a utilização da Internet para fins de construção de uma imagem virtual, a qual pode ou não estar de acordo com a personagem real do usuário do SRS. Dentro deste padrão, Goffman (2008) afirma que aquilo que pode e é dito sobre uma determinada pessoa é de enorme importância para ela. Segundo ele, o conceito que se tem sobre um indivíduo pode trazer consequências enormes para ele, quando tomadas em conjunto. Ou seja, o que uma pessoa A pensa sobre uma pessoa B, quando somada ao que C, D e E concordam com A, pode afetar diretamente B, dependendo de como os demais o vêem e de acordo com aquilo que esperam dele. São esses conceitos que formam o estigma do indivíduo, aquilo pelo qual ele é marcado, seja externa ou internamente.

A informação cotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. Assim, qualquer mudança na maneira em que

⁶⁹ Fonte: Facebook.

deve se apresentar, sempre e em toda a parte terá, por esses mesmos motivos, resultados fatais – foi isso possivelmente que originou entre os gregos a idéia de estigma (GOFFMAN, 2008, p. 58).

Quando o número de pessoas que sabe sobre a vida de um indivíduo é maior do que o número de pessoas que ele conhece, aí está a fama (GOFFMAN, 2008). A fama muitas vezes é escondida, especialmente quando o indivíduo, através dela, acaba por ter uma má reputação ou infâmia. Estas surgem quando um certo número de pessoas possui um conceito negativo sobre alguém, sem necessariamente conhecê-lo pessoalmente. Goffman (2008) diz que a reputação, a má fama, é uma forma de controle social. É através do conhecimento geral sobre alguém que essa mesma pessoa tem sua vida controlada, vigiada.

O controle pessoal é possível graças ao poder de visibilidade existentes nos sites de redes sociais. A imagem pública espalhada pela fama é uma imagem diferente daquela em que o indivíduo tem de si mesmo, mas fica tão marcada que passa a fazer parte do seu cotidiano (GOFFMAN, 2008) em suas relações pessoais e presenciais.

Quando alguém utiliza sua página pessoal na Internet para promover a violência, agredir outra pessoa moralmente, por exemplo, está aí exercendo uma representação violenta, a chamada performance (GOFFMAN, 2007) A partir dessa performance e da audiência que ela tem enquanto comunidade visitada e aberta à participação de outras pessoas, a reputação do indivíduo vítima da violência acaba por decair, gerando uma imagem pública que pode vir a afetar seus contatos, inclusive, presenciais.

A figura que o indivíduo apresenta na vida diária perante aqueles com quem ele tem relações habituais será, provavelmente, reduzida e estragada por demandas virtuais (quer favoráveis ou desfavoráveis), criadas por sua imagem pública. Isso parece ocorrer sobretudo quando não se está mais engajado em acontecimentos que mereçam atenção e deve encarar, em todos os lugares, o fato de ser recebido como alguém que não é mais o que era; parece ainda provável que ocorra isso quando a notoriedade é alcançada devido a um acontecimento accidental, rápido e não característico que expõe a pessoa à identificação pública sem lhe dar nenhum direito que compense os atributos desejados (GOFFMAN, 2008, p. 86)

Arendt (2009) diz que os homens vivem em um palco a partir de sua ação e discurso. Segundo ela, a invisibilidade se dá quando o ator sai do palco, e, ao sair, o “eu” que era interpretado pelo ator, agora torna-se “eles”, parte do todo, pois não é mais observado. A autora diz que estes atores se provêm de máscaras, cada um desempenhando o papel a que se dispõe. Nota-se, então, pertinente, a necessidade de entender melhor a máscara com a qual alguns atores relacionam sua performance dentro dos SRS, e assim originam, transmitem e mantêm outras performances, mas baseadas na violência.

Uma dessas “máscaras” é a violência conhecida como *bullying*, freqüentemente ligada ao ambiente escolar, mas que, como veremos, pode estar presente em qualquer ambiente, inclusive adulto.

2.4 BULLYING COMO VIOLÊNCIA

“Os estudantes Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, assassinaram 12 estudantes e um professor. Deixaram mais de vinte pessoas feridas e se suicidaram em seguida. A motivação para o ataque seria vingança pela exclusão escolar que os dois teriam sofrido durante muito tempo.” (p. 20)

O trecho do livro de Barbosa e Silva (2009) *“Bullying, mentes perigosas nas escolas”* apresenta um exemplo das consequências mais graves a que pode chegar o *bullying*. Em 20 de abril de 2007, dois adolescentes mataram um professor e 12 alunos na escola Columbine, no estado do Colorado, Estados Unidos. Tal tragédia tornou-se um marco para chamar atenção para o *bullying* nas escolas dos EUA e também no restante do mundo⁷⁰. Eric e Dylan eram vítimas de colegas *bullies* que os excluía socialmente, o que, com o tempo, tornou-se a motivação para que os dois adolescentes tornassem-se assassinos e suicidas.

Segundo Smith *et al.* (2009) e Barbosa Silva (2010), *bully* significa “valentão”, “mandão”, “brigão”, e *bullying* é a palavra derivada, a qual corresponde a atitudes violentas, sejam elas físicas ou psicológicas, de caráter intencional, praticadas por

⁷⁰ Fonte: Wikipédia.

alguém sobre outra pessoa. Barbosa Silva (2010) diz que o indivíduo que pratica o *bullying* mantém uma relação de poder com as vítimas e com as testemunhas. Através de ameaças ou da força física mesmo, o *bully* domina a vítima e qualquer pessoa que, ao presenciar o ato de violência, possa vir a ser testemunha contra ele. A autoridade do *bully* está em manter as vítimas sob domínio através de estratégias como o abuso do poder, intimidação e prepotência. Smith *et al.* (2009) dizem que, além de ser um abuso sistemático de poder, para a compreensão mais abrangente do termo *bullying*, é preciso incluir o abuso físico, verbal, e a exclusão ou isolamento social.

Barbosa Silva (2010) apresenta o *bullying* como uma palavra de origem inglesa designada para definir o comportamento violento no âmbito escolar. Para Smith *et al.* (2009), o *bullying* está presente em diferentes contextos durante a infância, adolescência e vida adulta, ao contrário do que até então se estudava, em que o *bullying* era visto como uma característica presente somente no contexto escolar. A escola, o lar, a prisão, e o local de trabalho são cenários da violência caracterizada pelo *bullying*. Onde há o abuso de uma situação em que existe relação de poder, existe um espaço propenso à violência, e, portanto, ao *bullying*.

Além desses, há ainda aquele tipo de violência que tem características de *bullying*, mas que não é assim denominado pelo senso comum, como, por exemplo, a violência doméstica, onde é claro o abuso devido ao poder de empregador sob o empregado. Smith *et al.* (2009) afirmam que o *bullying* pode estar em diversos tipos de relação social, como nos relacionamentos românticos e organizações tradicionais, como o exército. Segundo os autores, relacionar essa violência ao termo *bullying* pode ajudar a entender como pode se dar um processo de mudança de comportamento daqueles que o praticam, os *bullies*, e também das vítimas, que muitas vezes não reagem e não relatam os abusos a alguém que possa solucionar ou amenizar o problema. Barbosa Silva concorda com a afirmação de que o *bullying* não está na escola, e assim o apresenta sob uma perspectiva mais profunda:

No contexto familiar, os *bullies* crescidos e mais experientes podem ser identificados na figura de pais, cônjuges ou irmãos dominadores, manipuladores e perversos, capazes de destruir a saúde física e mental, e a autoestima de seus alvos prediletos. No território profissional, costumam ser chefes ou colegas tiranos, ‘mascarados’ e

impiedosos. Suas atitudes agressoras (ou transgressoras) estão configuradas na corrupção, na coação, no uso indevido do dinheiro público, na imprudência arbitrária no trânsito, na negligência com os enfermos, no abuso de poder de lideranças, no sarcasmo de quem se utiliza da “lei da esperteza”, no descaso das autoridades, no prazer em ver o outro sofrer... (2009, p. 22).

Smith *et al.* (2009) percebem o mesmo conceito de *bullying*, dizendo que a maioria dos estudos no assunto pesquisa escolas como ambiente para a causa desse tipo de violência, como se sua prática estivesse restrita aí.

Deste modo, fica claro que o *bullying* não é uma atividade exclusivamente de adolescentes, e tão pouco restrita às escolas. Todo comportamento agressivo, proposital e cruel em relações interpessoais é característico desta prática, sejam eles vindos de crianças, adolescentes ou adultos. Smith *et al.* (2009) apresentam um estudo sobre *bullying* em escolas, casas onde há crianças, prisões e nos locais de trabalho.

No local de trabalho, por exemplo, a violência física dificilmente acontece, por isso o *bullying* entre colegas adultos não é tão perceptível. No entanto, outras atitudes características da violência psicológica são encontradas neste ambiente, como o abuso emocional ou o abuso de supervisão, que podem ser gerados especialmente por competitividade profissional. Esta forma de *bullying* está, portanto, centrada no individualismo, no querer “se dar bem”.

Outro tipo de *bullying* está em relações do dia-a-dia, mas que, por um indivíduo abusar do poder o comete até dentro do ambiente doméstico ou familiar: patrão e empregado, mãe e filha etc.

O estudo recente de Smith *et al.* (2009) conclui que, em geral, adolescentes e adultos se diferem de crianças na hora de praticar o *bullying*. Enquanto os primeiros usam confrontos indiretos e menos físicos, na infância o confronto é muito mais físico do que verbal. Smith *et al.* (2009) explicam que um comportamento não agressivo fisicamente é melhor aceitável socialmente, enquanto a agressão física poderia trazer consequências graves ao *bully*. Na adolescência o indivíduo começa a ter noção de que suas atitudes podem ter consequências ruins para ele próprio.

Isto pode ser particularmente importante para os *bullies* na prisão ou no local de trabalho, onde as consequências para um indivíduo

identificado como um bully podem ser graves, tais como a remoção dos privilégios de prisão e/ou dias a serem adicionados a uma sentença, sendo demitido de seu trabalho ou sendo processado (2009, p.153).⁷¹

Nota-se que o *bullying*, por ser praticado por adultos têm consequências sérias, e não é então um comportamento passível de traumas, insatisfação ou tortura psicológica.

Há ainda uma diferença em relação ao gênero. Segundo o estudo de Smith *et al.* (2009), mulheres tendem a praticar o *bullying* através de boatos e exclusão social, enquanto os homens utilizam formas mais diretas de violência, como agressão física e verbal.

2.4.1 A origem do *bullying*

Smith *et al.* (2009) afirmam que um dos motivos mais comuns para essa violência está no preconceito em relação orientação sexual, o que ocorre também por parte de professores nas escolas. Os autores dizem que o comportamento *bully* normalmente vem de uma educação e criação em meio a uma família agressiva, ou seja, o comportamento violento na maneira de falar e agir do pai ou da mãe geram um filho que será violento com os colegas e amigos. Além disso, os valores morais ensinados em casa refletem-se nas atitudes da criança, adolescente e adulto que se tornará aquele que os aprendeu. Se uma família é extremamente preconceituosa com etnia, pode estar gerando filhos que agredirão pessoas de outras etnias quando conviverem em sala de aula.

As personagens do *bullying* são divididos em três grupos: vítima, agressor, e espectador (BARBOSA SILVA, 2010). As vítimas podem ser típicas, provocadoras ou agressoras. Vítimas típicas são aquelas que sofrem o *bullying*, mas nada fazem para se defender. São os personagens passivos, sofrem calados. Já as vítimas provocadoras são aquelas pessoas que criam um ambiente tenso na escola ou local onde sofrem *bullying*. Elas provocam situações de raiva e desconforto nos outros até que são agredidas verbal

⁷¹ Tradução da autora. Texto original: “*This may be particularly important for bullies in prison or the workplace, where the consequences for an individual of being identified as a bully may be severe, such as removal of prison privileges and/or days being added to a sentence, being sacked from his/her job or being prosecuted.*”

ou fisicamente. Smith *et al.* (2008) dizem que situações de *bullying* podem ser causadas por uma provocação de ambos os lados, ou seja, vítima e agressor podem estar em constante troca de papéis. Isso acontece especialmente nesta forma de violência quando realizada por adultos, onde os sujeitos provocadores têm no *bullying* uma forma para alimentar o individualismo: “*some pupils are both bullies and victims, or bullies victims*” (p. 147, 2008).

As vítimas agressoras caracterizam-se por receber e praticar o *bullying*. Normalmente são aqueles que sofrem *bullying* de um grupo mais forte, e por vingança descontam sua raiva praticando o *bullying* com grupos mais fracos. O que se vê comumente é um aluno de oitava série sofrer *bullying* de colegas, e descontar em estudantes das séries mais baixas, por não ter coragem de enfrentar seus próprios agressores.

Os agressores são o segundo personagem da tríade do *bullying*. É normalmente alguém que carrega uma personalidade dotada de desrespeito, maldade e falta de empatia. Suas atitudes, às vezes sem intenção, geram forte consequências psicológicas para as pessoas as quais ofende. Segundo Barbosa Silva, os agressores apresentam desde a infância traços de um comportamento indiferente às regras, envolvem-se em atos de delito, como furto ou vandalismo, e seu rendimento escolar não passa de regular. Smith *et al.* (2008) dizem que os agressores somam de dois a 20% dos personagens do *bullying*.

O terceiro personagem do fenômeno *bullying* é o espectador, aquele que testemunha e não denuncia as ações dos *bullies*. Os espectadores podem ser classificados como de três características: passivos, ativos ou neutros. Espectadores passivos são aqueles que, junto com a vítima, passam a ter medo dos agressores, e acabam tornando-se vítimas em potencial dos *bullies*. Essa passividade leva o espectador a sofrer também as consequências psicológicas pelas quais passa a vítima do *bullying* que ele testemunhou. Normalmente são pessoas sensíveis e frágeis demais para tomar qualquer atitude. Já os espectadores ativos são aqueles que testemunham o *bullying*, e conferem certo apoio moral aos agressores, dando risadas e dizendo palavras de incentivo àquela forma de violência. E os espectadores neutros, por fim, são aquelas testemunhas indiferentes ao que está acontecendo (BARBOSA SILVA, 2010).

Esses personagens do *bullying* formam uma representação que não vai muito além de ser uma brincadeira entre colegas de escola ou de trabalho. Ela tem consequências graves para suas vítimas.

Quanto às consequências da prática do *bullying*, Smith *at al* (2009) diz que, quando as vítimas são crianças, elas acabam tendo dificuldades para dormir, sentem uma tristeza profunda, e sentem frequentes dores no estômago e na cabeça. Esses são sinais claros das consequências maiores do *bullying*: ansiedade, depressão e baixa auto estima. Estas consequências geram, então, o comportamento anti-social da vítima dessa agressão. Até aqui, estudamos o *bullying* de maneira presencial, daquele em que vítima e agressor estão cara a cara. Mas há ainda uma outra maneira de praticar o esta violência, a que é através das tecnologias de informação, a denominada *cyberbullying*.

2.5 CIBERVIOLÊNCIA

Susan Herring, em seu artigo “*Cyberviolence: Recognizing and Resisting Abuse in Online Environments*” (2002) diz que estudar e definir a ciberviolência, a violência virtual, tem suas vantagens. Entre elas, está fazer com que o comportamento violento seja mais fácil de ser reconhecido, e poder nomeá-lo quando ocorrer, permitir estratégias de resistência. Distinguir a ciberviolência de outras formas de comportamento agressivo nos ajuda a situar a ciberviolência dentro de uma perspectiva maior (HERRING, 2002). Este subcapítulo se dispõe a apresentar um parâmetro de como as relações de poder e dominação que há na Internet a partir dos fatores ligados à violência, especialmente através do *bullying*, passam a, juntas, constituírem uma forma mais específica ainda de violência, aquela que se dá no ambiente de tecnologias da informação virtuais, o *cyberbullying*.

2.5.1 Cyberbullying

O crescimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresenta-se cercado de diversos fenômenos sociais que acompanham esta evolução. Entre eles, o *bullying*, o qual, através do uso de tecnologias de comunicação, originou o termo

“*cyberbullying*⁷²”. Slonje & Smith (2008) definem *cyberbullying* como uma emergência do “*bullying que ocorre através de tecnologias modernas, e especificamente de telefones celulares ou da Internet*⁷³” (2008. p.147).

Há aspectos que diferenciam o *bullying* do *cyberbullying* no que diz respeito às consequências que os dois tem a partir de sua prática. A primeira característica do *cyberbullying* é a sua continuidade, a dificuldade de sair dessa situação. Diferentemente do *bullying* em ambientes tradicionais, como na escola, em que ao ir para a casa a vítima fica longe da violência, no *cyberbullying* ela fica a mercê das ofensas mesmo quando está, por exemplo, trancada no quarto, já que pode receber mensagens de texto, e-mails ou recados em sites de relacionamento que a agridem moralmente (SLONJE & SMITH, 2008). É difícil escapar do *cyberbullying*, ainda mais com uma segunda característica observada pelos autores Slonje & Smith (2008), que é a capacidade que esse tipo de agressão tem de criar e aumentar sua audiência.

O *cyberbullying* não pode ser subestimado pelo fato de ser virtual, e não presencial. Na Internet os *bullies* inventam mentiras, espalham boatos, usam os mais diversos xingamentos para ofender a vítima, além de expor a pessoa através de fotografias (montagens ou não) e vídeos humilhantes. E a repercussão é ainda maior no *bullying* virtual, pois na Internet o conteúdo dessas mensagens, fotografias ou vídeos se espalha fácil e a imagem da vítima é manchada sem muito esforço por parte dos agressores. A Revista Nova Escola (Jun./Jul., 2010) apresenta o caso de uma menina de 13 anos, que foi vítima de *cyberbullying*. Colegas criaram uma comunidade no SRS Orkut, e lá comparavam a vítima a mulheres feias. “*Eu me senti horrorosa e rezei para que meu cabelo crescesse depressa*”, diz a menina, a qual por um corte de cabelo é alvo de uma comunidade *bullying* no Orkut. Este caso mostra um pouco como a vítima se sente em relação à violência. Sua auto-estima acaba, sente-se exatamente como os colegas a descrevem: feia. E ainda passa a ser insegura em relação a sua aparência.

⁷² Palavra derivada de “*bullying*”, a qual remete a qualquer ato violento praticado contra uma ou mais pessoas, seja presencialmente ou à distância. O termo *bullying* tem origem na Língua Inglesa, e é uma forma de caracterizar o comportamento “valentão”, próprio de quem agride moral ou fisicamente.

⁷³ Tradução da autora. Texto original: “... *Occurs through modern technological devices, and specifically mobile phones or the internet*”.

No Brasil, os números do *cyberbullying* são expressivos. Segundo uma pesquisa da Plan – organização não governamental de origem inglesa, no Brasil, 17% dos estudantes de 10 a 14 anos já foram vítimas de *cyberbullying* no mínimo uma vez. Destes 17%, 13% já foram insultados pelo celular e 87% por textos e imagens enviados por e-mail ou SRS. Para a pesquisa da Plan foram entrevistados 5.168 estudantes.

Na escola, o *bullying* tem uma turma, talvez boa parte da escola, observando as agressões cometidas. Já na Internet o número de pessoas que tem acesso a esse tipo de atitude é enorme e incontrolável, no momento em que se torna público. Ao fazer um vídeo agredindo a vítima moralmente, e postando este mesmo vídeo em um *site* como o YouTube⁷⁴, o *bully* passa a fazer de sua vítima o foco de olhares sem distinção alguma. O mesmo vídeo, compartilhado no Facebook, tem uma multiplicação de visualizações enorme, seja considerando os mais de 900 milhões de usuários que existem na rede ou somente a média de 231 conexões⁷⁵ que cada brasileiro usuário tem no site. Conhecendo a vítima ou não, quem tem acesso ao YouTube tem também acesso as informações publicadas ali em relação a ela. Este último exemplo também pode apresentar uma outra característica do *cyberbullying*: a invisibilidade, quando o autor publicante da mensagem *bully* quer a vigilância da vítima, mas não a sua própria.

Slonje & Smith (2008) lembram que o agressor tem mais liberdade quando agride através das TIC, pois não precisa se identificar como *bully*. No caso do vídeo no YouTube, se o produtor do vídeo não utilizar um nome verdadeiro ao publicá-lo no *software*, sua identidade pode ser preservada. No *cyberbullying*, a exposição não é obrigatória para o agressor.

Caracterizando o poder de anonimato que possui o *cyberbullying*, Barbosa Silva cita:

No caso do *cyberbullying*, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem. Sem qualquer tipo de constrangimento, os *bullies* cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (nicknames), nomes de outras pessoas conhecidas ou de personagens famosos de

⁷⁴ YouTube é um site onde o usuário carrega arquivos digitais. Todos os vídeos ali publicados podem ser acessados por usuários cadastrados ou não no site.

⁷⁵ Fonte: Estadão online. <http://blogs.estadao.com.br/rodrigo-martins/2011/10/16/brasileiros-tem-mais-amigos-no-facebook-que-os-resto-do-mundo/>. Acesso em: 16 de outubro de 2011.

filmes, novelas, seriados. Os *bullies* virtuais são, a meu ver, verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de “esgoto” do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade (2010, p.126).

Segundo ela, a essência da antiga brincadeira do amigo oculto, onde as pessoas se expressavam livremente através de mensagens anônimas em bilhetes de papel, está presente no *bullying* virtual, e aí está o perigo do anonimato.

A tríade poder, status e diversão, ligadas diretamente ao capital social, é o que compõe um dos fatores mais relevantes para se pensar o *cyberbullying* como uma atividade adolescente: o individualismo (BARBOSA SILVA, 2010). Esse individualismo é o que deixa atualmente as relações menos sólidas, mais superficiais, e muitas vezes baseadas no interesse da promoção pessoal e individual. Esta insensibilidade interpessoal é o que afasta pessoas diferentes, e torna as amizades e relacionamentos carentes de um elo fortificado. Especialmente na adolescência, estas relações são desmanchadas a qualquer momento por motivos irrelevantes, como diferenças culturais, estilo de se vestir, preferências pessoais etc. Assim, fica fácil o *cyberbullying* encontrar “*fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível*” (p. 133, 2010), como expressão desta indiferença, desta falta de empatia, de colocar-se no lugar do outro e lhe defender como amigo.

A falta de sensibilidade quanto aos problemas alheios pode estar ligada também às mudanças que ocorrem no cérebro daqueles que estão vivendo a adolescência. Barbosa Silva (2010) lembra que é nesta fase, quando o corpo e o cérebro estão em constante mudança, que ocorrem as mudanças de humor constante, a troca de opinião de uma hora para a outra, baixa auto-estima, falta de habilidade para lidar com emoções, pouca noção de consequência para os próprios atos etc. Essas características influenciam atitudes de violência e fazem com que seja mais “fácil” para um adolescente cometer atitudes irresponsáveis para com a vida alheia.

Um exemplo deste impulso para agir sem pensar nas consequências se deu recentemente no Twitter, quando a estudante de Direito Mayara Petruso, após a vitória de Dilma Rouseff para a Presidência da República, insultou publicamente os nordestinos no microblog. A mensagem “@MayaraPetruso: Nordeste não é gente,

*faça um favor a Sp (SIC), mate um nordestino afogado!*⁷⁶ rendeu à Mayara um pedido da OAB de Pernambuco ao Ministério Público para que ela respondesse aos crimes de racismo e incitação pública ao crime de homicídio. A frase da jovem de 21 anos não demorou a estar entre os assuntos mais comentados no Twitter, os Trending Topics⁷⁷, no mesmo dia em que ela a divulgou.

O caso de Mayara é só um exemplo de como o *cyberbullying* está presente na Internet. Por ter sido uma mensagem mais direta e com apelo a uma parcela da sociedade brasileira, a repercussão desta notícia ganhou os noticiários. Mas ameaças e ofensas tão graves quanto esta são feitas todos os dias no Facebook através de páginas de humor e perfis pessoais com características de *cyberbullying*, e não têm ainda a mesma repercussão midiática que teve o caso da estudante de Direito. Um dos fatores mais influentes nesta dificuldade é a possibilidade de anonimato que têm os agressores na Internet, e também de mascarar a violência com formas de chamar a atenção, como o humor.

Finalizamos o capítulo da violência, tendo levado em conta seus aspectos mais básicos como conceito e história, e também específicos, como sua relação com o ódio e o poder (LEBRUN, 2008), e como essa violência é apresentada como vigilância em teorias de Foucault (2009) e Bruno (2004), apresentando como a visibilidade (SIBILIA, 2008) está ligada a este fenômeno na Internet. Ainda relacionamos a violência aos SRS, mostrando o que é o *bullying* e finalmente o *cyberbullying*, onde está focado o trabalho.

A seguir entramos no Estudo de Caso, onde será descrito desde o local onde foram buscados os objetos, o Facebook, assim como os próprios e sua análise, seguidos de uma discussão que fecha o capítulo mostrando como os discursos analisados se relacionam entre si e com o restante das teorias estudadas.

⁷⁶ Fonte: www.ultimosegundo.com.br. OBS: O “@” é usado antes do nome de usuário no Twitter. Quando alguém escreve algo, seu nome aparece antes para mostrar aos seguidores quem está falando.

⁷⁷ *Trending Topics*, ou TTs, são os tópicos mais comentados entre os usuários do Twitter. Há sempre uma lista dos 10 assuntos mais comentados no mundo/Brasil, entre outros países em tempo real. Estar entre os TTs significa ser o assunto mais discutido de pessoas no mundo/país todo.

3 ESTUDO DE CASO

O trabalho buscou compreender mais profundamente a cibercultura no que diz respeito à Internet, especialmente os sites de redes sociais e seu uso atualmente. Com essa pesquisa, entramos na relação entre exposição e visibilidade permitidos pela Internet, a relação com a vigilância e, assim, com a violência que existe neste fenômeno. Então buscamos teorias sobre a violência desde seus conceitos mais genéricos até as complexidades de sua origem e difamação nos diferentes meios como o governo e relações interpessoais. Finalizando a parte teórica da dissertação, escolhemos a Análise Crítica do Discurso por se tratar de uma análise que permite a não neutralidade do pesquisador, para fechar a parte teórica e servir de base para as análises que serão feitas dos casos apresentados.

Ao questionar o que caracteriza o discurso *cyberbullying* em publicações no Facebook, o trabalho passou pelo levantamento teórico da cibercultura, trouxe à tona questões ligadas à violência, e apresenta então a teoria da Análise Crítica do Discurso a partir de autores especialistas em cada assunto. Agora, após o estudo dessas teorias, a pesquisa passa a buscar nos objetos selecionados o conteúdo para a análise proposta. Esses objetos constituem-se de textos de descrição de quatro publicações no site de redes sociais Facebook, acompanhadas de alguns comentários de usuários.

Para a escolha dos objetos, a metodologia se fez em observar no site www.facebook.com publicações que contivessem características de discurso violento, ou em seu título, ou em sua descrição e imagem, ou em mais elementos. Para tanto foram procuradas as origens das publicações, o que levou às *fan pages* selecionadas. Esta observação se fez através do acesso ao SRS por algumas semanas⁷⁸, em que foi utilizado o sistema de salvar a imagem de tela do computador (*printscreen*) de publicações com alguma das características mencionadas quando estas aparecessem na lista de atualizações (*feed* de notícias). Encontradas 12 páginas com motivação na agressão contra uma ou mais pessoas ou ideologias, na semana seguinte foi realizada

⁷⁸ O acesso ao Facebook foi realizado através da conta pessoal da autora no SRS.

uma triagem, excluindo aquelas publicações que tivessem menor repercussão, ou que tratassem-se de títulos muito parecidos com outras que já haviam sido observadas. Das 12 publicações, quatro foram selecionadas para fazerem parte do *corpus* do trabalho. A intenção ao reduzir o número de objetos a quatro foi alcançar uma análise aprofundada de cada um. Se a análise fosse realizada com um número maior de publicações talvez não houvesse possibilidade para tal observação, levando em conta os diversos pontos da ACD que serão utilizados para tal.

Das quatro publicações, em cada uma foram selecionados os recortes que serviriam de objeto para esta pesquisa. Sendo assim, imagens permaneceram como parte do *corpus*, já que todas continham conteúdo relevante e que faziam total diferença para entendermos a mensagem como violenta. Alguns elementos foram excluídos de análise, tais como restante de texto que não contivesse motivação explícita de violência para ser analisada. Finalmente o objeto final foi selecionado, e o foco do trabalho acabou compondo-se de trechos de texto que continham cada publicação, sua imagem e de um a quatro comentários publicados posteriormente em cada uma por receptores das mesmas.

Para cada postagem observada, selecionado na segunda fase e recortado para o objeto final, foram feitos *printscreens* para que as informações não se perdessem ou mudassem durante a realização desta análise.

Selecionadas quatro publicações com motivação na violência, o trabalho passou a observar o discurso e analisá-lo de acordo com a ACD sob a perspectiva tridimensional de Fairclough (2003) a ser descrita neste capítulo e teorias da violência e cibercultura descritas nos capítulos anteriores. Então optou-se por fazer a descrição do objeto, sua análise, para então realizar a descrição do segundo, seguido de sua análise, e assim sucessivamente. Após descrição e análise de cada um, há uma discussão sobre todos eles relacionados entre si e com as principais teorias da dissertação e, por fim, a conclusão da pesquisa de acordo com a análise final e opinião da autora.

3.1 APRESENTAÇÃO DO OBJETO

Por ser o site de redes sociais mais popular no Brasil atualmente, e

conseqüentemente o de maior poder de alcance de informação, o Facebook foi escolhido como base para a procura do discurso da violência de que trata o trabalho. Apresentando o objeto em profundidade, começamos aqui pelo SRS através de sua história, estatísticas e funcionamento, e em seguida a descrição do objeto em si detalhado já em seu recorte descrito na metodologia.

3.1.1 O Facebook

O site de redes sociais Facebook foi criado em fevereiro de 2004 por um estudante da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Mark Zuckerberg programou o site e teve a ajuda dos co-fundadores do projeto Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin. Segundo o próprio site, que inicialmente chamava-se The Facebook, o objetivo do SRS era fazer com que o mundo ficasse mais conectado.

O desenvolvimento do site e crescimento da empresa se deu rapidamente, em menos de um ano o Facebook saiu do limite de alunos da Universidade de Harvard para a marca de um milhão de usuários que estavam localizados não só nos Estados Unidos, mas em diversos países. Ao final de 2005 o número de usuários aumentou para 6 milhões, o que virou 12 milhões em 2006. O que parecia impressionante o foi de fato. No ano de 2011, apenas oitavo ano de funcionamento da empresa, mais de 845 milhões de pessoas estavam conectadas ao SRS mais popular do mundo⁷⁹, sendo destas mais de 46 milhões brasileiras. A empresa, que começou com apenas quatro universitários, atualmente conta com mais de três mil empregados. Sua sede está na Califórnia, mas há escritórios do Facebook em diversos países, como Londres, Tóquio e São Paulo. Segundo dados oficiais, o site está traduzido para 70 idiomas diferentes. Mark Zuckerberg permanece na chefia da empresa como presidente.

Mas como o Facebook funciona? O que oferece a seus usuários? O que de tão atrativo tem para ter um número tão grande de adeptos no mundo todo? Tentaremos aqui apresentar o SRS em sua forma mais objetiva: quais ferramentas possui, para que servem e como funcionam.

⁷⁹ Fonte: <http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=20> (página oficial do Facebook no próprio Facebook).

A origem da utilização do Facebook para um usuário está na criação de um perfil ou página. Quando página, é um perfil público gerado pelo Facebook que permite a organizações, empresas, serviços, pessoas públicas ou quem quer que queira gerar conteúdo para diversas pessoas apresente um perfil, informações e dados a serem compartilhados por quem à página se conectar.



Figura 13. Imagem de uma página (fan page) no Facebook

A opção “*Curtir*” está em cada página ou perfil no Facebook e ela serve para assinar o conteúdo ali existente. Quando assinada, as atualizações feitas por aquela página serão publicadas nas notícias de quem a assinou.

Quando falamos sobre notícias no Facebook, o termo usado é “*feed de notícias*”, ou *News Feed*. É uma lista atualizada em tempo real de todas as publicações, “curtir” e outras atividades das pessoas e/ou páginas as quais o usuário está conectado no site, o qual permite que ela tenha restrições de informações, ou seja, se um usuário assim o desejar, esta lista pode ter notícias sobre fotos que um usuário postou, mas não sobre os jogos dos quais que ele participou. Da mesma forma, o usuário que faz a publicação pode escolher o que vai alimentar o feed de notícias de seus amigos, tendo a opção de deixar informações restritas a um grupo de pessoas. A partir destas notícias as

conexões de uma página aumentam, já que é possível ver quando um(a) amigo(a) curtiu, comentou ou compartilhou alguma informação publicada por página.



Figura 14. Imagem do Feed de Notícias no Facebook

Como recém explicado, o usuário do Facebook pode escolher compartilhar informações com todos ou somente um grupo de amigos. Isso se dá através de uma ferramenta que tem o SRS chamada Listas de Amigos. Nela o usuário pode selecionar para uma lista pessoas que fazem parte de um mesmo grupo de amigos, como colegas da faculdade, amigos de infância, pessoas da família, ou ainda só separar suas conexões entre “amigos” e “conhecidos”.



Figura 15. Imagem de uma lista de amigos no Facebook⁸⁰

A partir destas listas o usuário tem facilidade em deixar uma publicação sua exclusiva para poucas pessoas ou determinados tipos de conexões. Um álbum de fotos da formatura, por exemplo, pode ser publicado para as listas “colegas” e “professores”, se assim o usuário desejar, ou pode ser para todas as conexões, caso ele não selecione uma lista específica para receber essas atualizações.

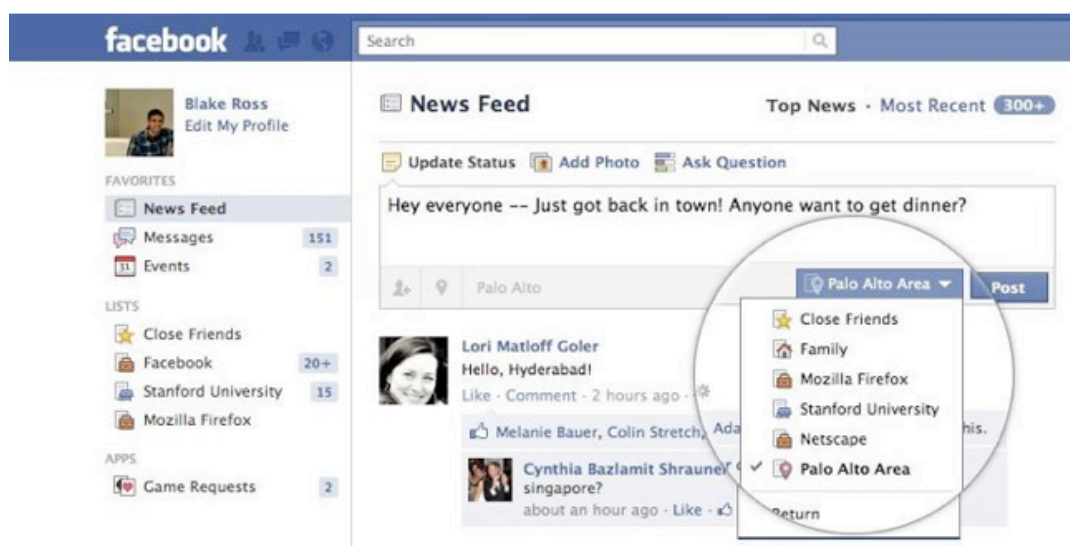


Figura 16. Imagem de uma publicação sendo restrita a uma lista de amigos no Facebook⁸¹

⁸⁰ Exemplo publicado em página oficial do Facebook:
<http://www.facebook.com/blog/blog.php?post=10150278932602131>

⁸¹ Exemplo publicado em página oficial do Facebook:
<http://www.facebook.com/blog/blog.php?post=10150278932602131>

Além das listas, há a ferramenta de criação de grupos. A partir dela o Facebook serve também como fórum para pessoas que têm um objetivo/característica em comum. Um grupo pode ser criado por qualquer usuário do site, o qual pode obrigar que outras pessoas sejam convidadas a participar do grupo, ou pode torná-lo público, permitindo que qualquer um que tenha interesse participe como membro. Este grupo pode ser personalizado com uma foto de perfil, descrição de seus objetivos, álbum de fotos e documentos próprios do grupo, e tudo isso fica reunido juntamente com as publicações dos membros, na sua própria página.



Figura 17. Exemplo de grupo no Facebook⁸²

Introduzida em 2011 pelo site, a *timeline*, ou linha do tempo, passou a ser o formato oficial de perfil e página para a visualização do usuário e suas conexões. Nela, todas as atividades realizadas são descritas cronologicamente. O usuário pode acrescentar atividades passadas também, como por exemplo adicionar informações sobre formação, evento em que participou e ilustrar isso com imagens. Na *timeline*

⁸² Exemplo publicado oficialmente pelo Facebook: <http://newsroom.fb.com/Announcements/Introducing-Groups-for-Schools-144.aspx>

todas as informações podem ser editadas pelo usuário a serem públicas ou privadas, mas a capa (imagem grande como mostra a figura 18) é pública.



Figura 18. Exemplo de *timeline* no Facebook: Bill Gates



Figura 19. Exemplo de timeline no Facebook: publicações de Bill Gates em ordem cronológica

Uma das ferramentas mais usadas no Facebook é o compartilhamento de fotos e vídeos. São mais de 250 milhões de imagens circulando diariamente. Cada usuário pode publicar um número ilimitado de fotos, álbuns ou vídeos, o que torna o site uma fonte de informações ainda maior. Este tipo de mídia pode ser, da mesma forma que outras publicações, compartilhada com pessoas selecionadas ou com o público, marcado com o lugar onde foi tirada a foto ou feito o vídeo, vir acompanhado dos nomes das pessoas que estavam na foto, legendas e comentários sobre ela.

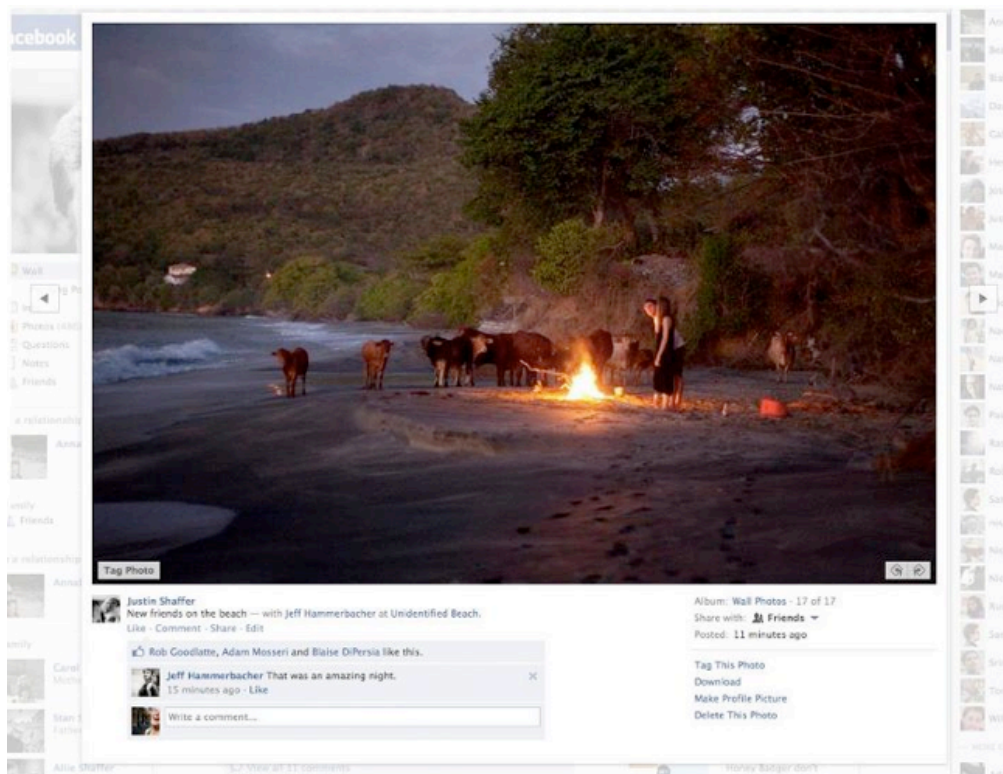


Figura 20. Imagem que apresenta um exemplo de publicação de fotos no Facebook

A seguir, selecionamos alguns exemplos de como estas ferramentas são apresentadas no SRS em questão, e como o seu uso não é individual, mas somado ao uso de duas ou mais ferramentas ao mesmo tempo. O usuário pode publicar uma foto, mas pode também publicar uma foto com a marcação das pessoas que estão nela juntamente com o lugar em que foram tiradas. Alguém pode compartilhar um vídeo do Youtube, ou compartilhá-lo acrescentando um comentário sobre o porquê de estar fazendo o compartilhamento. E todas essas publicações podem não ficar somente na linha do tempo como histórico de atividades, mas sim serem motivo para comentários e discussão de outras pessoas que têm acesso às informações.



Figura 21. Exemplo de como a publicação de um álbum aparece no Feed de Notícias



Figura 22. Exemplo de um vídeo do YouTube compartilhado no Facebook



Figura 23. Exemplo de como um vídeo ou imagem pode vir acompanhado de texto e marcação de pessoas no SRS



Figura 24. Imagem de como o Facebook marca a localização de alguém no mapa

Para todas as publicações realizadas no *site* há no mínimo três opções permanentes: curtir, comentar e compartilhar. Na opção curtir quem lê a publicação, assiste ao vídeo ou vê a foto mostra que gostou do que foi publicado. Curtindo ou não, há a opção de fazer comentários sobre aquilo, o que será publicado junto com a postagem original. E ao compartilhar, o usuário que recebeu a mensagem agora também a publica compartilhando com seus contatos. Este compartilhamento pode ser público, somente aos amigos conectados ou ainda para listas selecionadas. Quando um usuário curte ou comenta a atualização de alguém ou alguma página, o Facebook atualiza para todos os seus contatos esta ação, apresentando-a no Feed de Notícias.



Figura 25. Exemplo de publicação no Facebook com 32 “curtir”, 13 compartilhamentos e comentários

Feita uma descrição das atividades hospedadas no Facebook e como cada uma delas está interligada, apresentamos a lógica de funcionamento do SRS: uma plataforma que interliga pessoas, empresas, idéias e informações a partir de ferramentas baseadas na interação, criação e manutenção de redes sociais. O serviço na Internet que hoje conta com mais de 900 milhões de assinantes leva a uma constante troca de informações sobre todo e qualquer assunto, e tende a tornar cada informação cada vez menos privada e mais pública, devido a tantas ferramentas de notícias, compartilhamento e

comentários.

Estatísticas⁸³ apresentam o Brasil como o segundo país que mais acessa o Facebook diariamente. São 72% de brasileiros que entram no site pelo menos uma vez por dia. Sabendo que esta porcentagem refere-se a 46 milhões de pessoas, entendemos o porquê de o site ser um representante de como se comporta o internauta brasileiro, e como é a partir dele que muitas pessoas têm informações como notícias tanto oficiais, daquelas também publicadas na imprensa, quanto informais, que dizem respeito a vida pessoal de usuários do site. Tamanha movimentação fez com que a empresa trouxesse ferramentas de combate à violência virtual, como o *bullying*. Para isso, conta com uma página especialmente planejada para combater esse tipo de violência nas redes sociais. O “*Stop Bullying: speak up*” é uma página de conteúdo privado aos membros que a assinam, número que atualmente é de mais de um milhão de pessoas. Esta página está direcionada a dar orientações a pessoas que sofrem agressão moral, ou que convivem com esse tipo de violência no seu dia a dia. Na página oficial de notícias⁸⁴ e informações do Facebook há uma parte dedicada a segurança e privacidade, onde o usuário pode entender como o SRS oferece serviços para manter a privacidade do internauta ou lhe dar suporte quando o mesmo sente-se agredido de alguma forma.

Assim descrito o maior site de redes sociais do mundo e mais utilizado no País, justificamos a relevância de buscar nele recortes de discurso que apresentam características da violência, pois uma plataforma que centraliza tantas informações e relações pessoais é dotado dos mais diversos discursos, personalidades e relações de poder e dominação, foco de análise da Análise Crítica do Discurso que é descrita a seguir e a qual serve de metodologia principal para a observação e análise do *corpus*.

3.2 METODOLOGIA: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Como o trabalho usa a Análise Crítica do Discurso (ACD) para discutir os pontos selecionados como objetos, o primeiro momento da descrição de metodologia está dedicado a apresentar este ramo da Linguística e descrever o processo utilizado

⁸³ Fonte: INFO Online (<http://info.abril.com.br/noticias/internet/72-dos-brasileiros-acessam-o-facebook-diariamente-19042012-16.shl>). Acesso em: 19 de Abril de 2012.

⁸⁴ <http://newsroom.fb.com>.

aqui para a análise dos dados. Esta metodologia foi especialmente escolhida para a análise do discurso da violência devido a sua ligação com relações de poder, domínio e ao fato de permitir ao analista do discurso não somente observar e descrever o objeto analisado de acordo com as teorias estudadas, mas acrescentar aí a sua própria interpretação, o que consideramos importante neste trabalho já que os objetos estudados carregam características que envolvem relações pessoais com indícios de relações de poder e dominação causadas também pelo contexto em que estão inseridos.

A ACD é um tipo de pesquisa analítica do discurso que estuda primeiramente o modo como o abuso do poder social, domínio, e desigualdade estão relacionados, reproduzidos e resistentes pelo texto e conversação no contexto social e político. Desta forma, pode ser utilizada para a análise de discursos que implicam uma forma violenta de tratamento, como os selecionados neste estudo através das publicações analisadas. Van Dijk (1993), Emília Pedro (1997), Wodak (2001) e Fairclough (2003) são os teóricos que aparecem aqui com um pouco desse tipo de análise.

3.2.1 Histórico da Análise Crítica do Discurso

Na teoria crítica da Escola de Frankfurt antes da 2ª Guerra Mundial podem ser encontradas alguns dos pontos-chave da ACD (AGGER, 1992), tais como os que serão apresentados a seguir através dos requisitos propostos por Van Dijk (1993). A lingüística crítica surgiu no final dos anos 70, contribuindo também para áreas como sócio - lingüística, psicologia e ciências sociais. Por sua época de origem e início de atuação, a ACD pode ser conhecida como uma reação contra os paradigmas formais dominantes dos anos 60 e 70.

Van Dijk (1993) fala sobre os requisitos para que seja feita uma análise crítica. Para começar, a análise crítica deve se focar, primeiramente, em problemas sociais e questões políticas para que seja verdadeiramente da crítica do discurso, e se desviar de questões “do momento”. É preciso que a pesquisa se adéqüe empiricamente como de cunho interdisciplinar, e vá além em sua análise, não somente descrevendo as estruturas do discurso, mas também lhes explicando em termos das propriedades da interação social e especialmente da estrutura social.

E finalmente, a ACD deve focar na maneira com que o discurso aprova, confirma, legitima, reproduz ou desafia as relações de poder e domínio na sociedade, para que seja de cunho verdadeiramente crítico. Uma forma mais simplificada de expressar esses pontos vem de Fairclough (2003) e Wodak (2001). Eles dizem basicamente que a ACD deve endereçar problemas sociais, que relações de poder são discursivas, que o discurso constitui a sociedade e a cultura, trabalha ideologicamente, é histórico e é uma forma de ação social. Além disso, a conexão entre o texto e a sociedade é mediada, e a análise do discurso é interpretativa e também explicativa.

3.2.2 Fundamentos da ACD

A ACD é um tipo de análise que pesquisa o discurso levando em consideração todas as relações de poder nele envolvidas, diz Van Dijk (1993). Concordando com o autor, Emília Pedro (1997) lembra que a ACD olha para a linguagem como resultado de um contexto histórico, político, social e cultural. O que diferencia a ACD de outras análises do discurso é que nela o pesquisador tem a liberdade de tomar uma posição explícita, e de buscar a compreensão do objeto de forma a expor de forma clara sua percepção em relação ao mesmo.

Segundo Van Dijk (1993), ela pode ser vista como uma reação contra a forma dominante contida no discurso. Pedro (1997) diz que a ACD recusa a neutralidade da investigação e do investigador. Desta forma, a Análise Crítica do Discurso vai além de uma pesquisa autônoma, ela olha para a linguagem como uma prática social e ideológica, sabendo que os interlocutores são pessoas envolvidas por relações de poder, dominação e resistência (PEDRO, 1997).

Ao ver o sujeito construído e construindo durante o processo discursivo, a ACD admite suas diferentes naturezas ideológicas. Dentro desta análise que tem o contexto como ponto fundamental de avaliação, uma das características mais marcantes da ACD é que ela toma uma posição explícita, e quer expor, entender e finalmente resistir à desigualdade social (VAN DIJK, 1993).

O discurso em ACD é algo que pode ser considerado de duas formas, segundo Pedro (1997): o discurso como o momento do uso lingüístico, ou o uso lingüístico como

momento do discurso. De qualquer forma, a abordagem de discurso na ACD somente é feita a partir de uma contextualização do todo. E ainda, a análise crítica do discurso se faz somente a partir da percepção do que é o sujeito ideológico do objeto que analisa, fazendo assim com que a abordagem do discurso seja realizada de acordo com fatores econômicos e sociais.

A variação em tipos de discurso é inseparável de factores económicos e sociais e que, por isso, as variações lingüísticas reflectem e, o que é ainda mais importante, expressam activamente as diferenças sociais estruturadas que estão na sua origem... Trata-se, portanto, de tomar evidente a inserção da linguagem em contextos sociais – entendimento radicalmente diferente daquele que subjaz ao da chamada lingüística autônoma, representada, hoje, em grande medida e em termos explícitos pelas teorias de Chomsky e posteriores evoluções (PEDRO, 1997, p.20).

Isso significa dizer, segundo Pedro, que o discurso, como proveniente de linguagem humana, não há como ser separado de fatores sociais a partir de subjetividades humanas naturais, e que deve-se ser considerado o contexto cultural em que o discurso está inserido, e que neste contexto é que estão as formas ideológicas e desigualdades sociais que compõem o todo formador discursivo.

Para Fairclough (2001), o discurso é uma maneira de representar aspectos do mundo, os procedimentos e estrutura do mundo material. E a representação do mundo através das pessoas, portanto deve ser considerado a partir de tudo de que se compõe, como fator social, identidade e relacionamentos interpessoais que compõem o texto. *“As identidades sociais são estabelecidas no discurso”* (FAIRCLOUGH, 2001) nos mostra a visão do autor ao perceber não somente um momento, um instante no discurso, mas sim a própria identidade de quem o produz.

3.2.3 A Linguagem como fenômeno social

A ACD considera o contexto de uso da linguagem como elemento indispensável durante a análise do objeto de estudo. É necessária uma abordagem sobre os aspectos estruturais sociais que envolvem a produção de um texto para que haja uma análise

verdadeiramente crítica do discurso (WODAK, 2001, p. 225). Três conceitos são indispensáveis para a ACD, devido a essa abordagem: o poder, a história e a ideologia.

Levando em conta que o discurso é estruturado pela dominação, que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, a abordagem complexa defendida pelos proponentes da LC e da ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações de poder, que figuram como convenções sociais. (2004, p. 226).

A ACD se caracteriza por concepções básicas. A primeira é a de que a linguagem é considerada um fenômeno social, ela está sempre relacionada a uma ou mais pessoas ou objetos. A segunda concepção de ACD diz que não apenas indivíduos (WODAK, 2001), mas também instituições e grupos sociais são dotados de significados e valores específicos. Esses valores, segundo a ACD, são expressos em forma sistemática por meio da linguagem. Uma terceira concepção tem os textos como objetos importantes da linguagem na comunicação. A quarta diz que os leitores e os ouvintes não recebem o texto passivamente, eles se relacionam com o que estão recebendo, sendo construtores também neste processo. A quinta e final concepção sobre a ACD é que ela afirma que há semelhanças entre a linguagem característica da ciência e a linguagem própria das instituições, e assim por diante (WODAK, p. 230).

Além de levar em conta os aspectos ideológicos e históricos da linguagem que analisa, a ACD entende que há sempre uma relação entre linguagem e poder (WODAK, 2001, p.224). Os conceitos de crítica, ideologia e poder devem ser melhor analisados para que se compreenda a ACD. Segundo Wodak, “*crítica significa basicamente distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita, e focalizar a auto-reflexão*”(2001, p. 234). Segundo a teórica da ACD, essas são atitudes e características daqueles que estão fazendo a pesquisa. Complementa, ainda, que a aplicação dos resultados obtidos com a pesquisa é de importância extrema para a ACD, seja ela em seminários práticos ou no desenvolvimento de livros didáticos.

O conceito de ideologia é visto na ACD como um fator-chave no desenvolvimento das relações de poder. Thompson (1990) diz que a ideologia deve investigar os contextos sociais em que as formas simbólicas são empregadas e classificadas.

Através de uma análise cuidadosa de ideias e sensações, a ideologia poderia capacitar a natureza humana de ser entendida, e portanto, permitiria a ordem política e social serem reorganizadas de acordo com as necessidades e aspirações dos seres humanos. A ideologia colocaria as ciências morais e políticas em uma firme fundação, e as curaria do erro e do preconceito⁸⁵. (1990, p. 30).

Para Wodak (2001), não importa qual é o conceito de ideologia que se faz, todos partem do princípio de que há razões históricas para o sentir, raciocinar, desejar e imaginar das pessoas como elas o fazem.

Wodak (2001) mostra um pensamento interessante dentro da ACD, que é a tendência em adotar a perspectiva de quem sofre, e analisar criticamente os responsáveis por essa dor, pelas desigualdades, ou seja, aqueles que estão no poder. E uma das características também importantes dentro da ACD é o papel que tem o poder como “*condição central da vida social*” (WODAK, p. 237). Segundo ela, o poder envolve as relações de diferença entre os indivíduos, especialmente aquelas em que as diferenças têm sua origem nas estruturas sociais. “*À linguagem classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio pelo poder*” (2001, p. 237). Ou seja, a linguagem não é originada do poder, e nem é feita do poder, mas pode ser instrumento de luta ao desafiar o poder, e alterar a sua distribuição nas relações sociais.

Finalizando, é importante lembrar que a ACD se foca em descobrir como as formas lingüísticas são utilizadas em expressões e manipulações do poder, o que pode ser identificado não apenas pelas formas gramaticais de um texto, mas por todo o contexto em que ele está inserido.

⁸⁵ Tradução de: “*Thought a carefull analysis of ideas and sensations, ideology would enable human nature to be understood, and hence would enable the social and political order to be rearranged in accordance with the needs and aspirantions of human beings. Ideology would place the moral and political sciences on a firm foundation and cure them of error and prejudice*”.

3.2.4 ACD como metodologia de análise

A ACD pode ser dividida em vários tipos, como a ACD da conversação, da reportagem jornalística, ou então de aulas ministradas na escola. Mas há noções de estrutura do discurso que são analisadas em qualquer forma de ACD, como: poder, domínio, hegemonia, ideologia, gênero, discriminação etc. O uso da língua, discurso, interação verbal e a comunicação pertencem ao nível micro da ACD, enquanto poder, domínio e desigualdade entre grupos sociais são termos que pertencem ao nível macro de análise. A função da ACD, portanto, é linkar o que é do micro com o que é do macro, em relação ao discurso social. Segundo Van Dijk (1993), há várias maneiras de construir esta ponte, analisando: os membros dos grupos, o processo de ação, a estrutura do contexto social e a cognição pessoal e social apresentada no objeto de estudo.

Na ACD, quanto maior o poder, maior o controle. Poder controlar os atos e mentes de um outro grupo se dá através do poder. O rico tem poder do dinheiro, o militar tem a violência, os pais têm a autoridade, o professor tem o conhecimento e o jornalista a informação. A ação é controlada pela mente, então se alguém é capaz de controlar os pensamentos de outra pessoa ou grupo, é igualmente capaz de controlar suas ações. Tem, portanto, grande poder de persuasão e de manipulação. Van Dijk (1993) diz que a maioria das pessoas controla os discursos do âmbito diário, como conversas em família, entre colegas e amigos.

Já o controle ativo do discurso se dá em relações onde a autoridade está mais presente, como mídia-espectador, exército-civil, professor-aluno etc. Estes são exemplos de controle específico, pois o professor tem controle sobre o discurso educacional, enquanto o jornalista tem controle sobre o discurso da mídia, e assim sucessivamente. Portanto, quanto maior o grupo sob o qual se tem controle, maior o seu poder. O controle do discurso é analisado especialmente pelo seu contexto, que seria a definição da situação, o tempo e lugar, ações em andamento, e participantes do discurso em suas diferentes funções. Não somente se analisa o contexto, mas também as estruturas do texto e da fala.

Englobando os principais aspectos de ACD, nesta pesquisa optamos por utilizar como metodologia a perspectiva tridimensional do discurso de Fairclough (2003). Nela,

o autor analisa três aspectos do objeto: texto, prática discursiva e prática social.

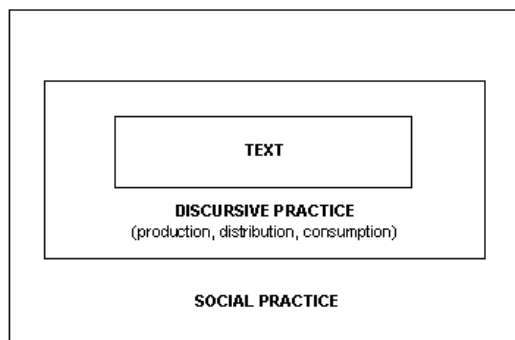


Figura 26. Concepção tridimensional do discurso de Fairclough⁸⁶

O texto, segundo ele, deve ser observado levando em consideração como as seguintes características estão articuladas:

- * Representações particulares e recontextualizações de práticas sociais (função ideacional) – talvez carregando ideologias particulares;
- * Construções particulares de identidades de escritor e leitor (por exemplo, em termos do que está destacado – como situação e todos os aspectos de identidade, ou individual e aspectos pessoais de identidade);
- * Uma construção particular do relacionamento entre escritor e leitor (como, por momento, formal ou informal, perto ou distante) (1995, p.58).

A análise do texto pode se dar através de diversos fatores, como o vocabulário, a gramática, a coesão, a estrutura e os aspectos semânticos. Neste trabalho optamos por utilizar o vocabulário e os aspectos semânticos como formadores da base textual a ser analisada. A segunda fase da análise tridimensional se dá pela prática discursiva, a qual é composta de três fases: produção, distribuição e recepção do texto. Desta forma, a ACD se coloca a observar não somente o texto em si, mas sua origem, como ele foi realizado, de que forma ele foi manifestado, e como aqueles que o receberam reagem a sua existência.

Para finalizar, este tipo de análise se propõe a ver o objeto em seu aspecto de

⁸⁶ Fonte: <http://www.leeds.ac.uk/educol/documents/00002421.html>.

prática social, ou seja, revê aspectos formais da língua com o texto, conhece como foi produzido, distribuído e recebido, e com isso faz uma análise parcial de relações sociais, culturais e interpreta o todo a partir de todas as informações coletadas. A análise tridimensional é totalmente interdependente, no que se refere aos pontos que analisa. Para analisarmos prática discursiva é preciso analisar o texto, e para analisarmos a prática social é necessário que antes tenhamos passado pela observação de texto e prática discursiva, e assim relacionar as duas primeiras categorias ao contexto em que está inserido o discurso.

Neste trabalho nos propomos a discutir os aspectos lingüísticos do discurso através da perspectiva tridimensional que a ACD possibilita através de Fairclough (2003) e também a Gramática Visual de Kress & Leeuwen (2006) em cada objeto selecionado, e a partir daí fazer uma análise completa considerando as demais características da análise crítica aqui mencionadas.

3.2.5 Uma perspectiva da Gramática Visual

Apresentada a ACD e sua primeira parte da metodologia que se dá através da concepção tridimensional do discurso, abrimos espaço para a também necessária forma de analisar o discurso a partir de suas imagens com a Gramática Visual.

Criada pelos cientistas Kress e Leeuwen (2006), a Gramática Visual – GV – surgiu da vontade de analisar textos em seu aspecto mais amplo com a ajuda da semiótica para entender a linguagem (KRESS & LEEUWEN, 2006, p. 10). Comparando com estruturas lingüísticas como as perceptíveis na ACD, a análise gramatical de imagens tem por base interpretações particulares da experiência e formas de interação social (p. 19).

A forma de expressão verbal se difere da visual, segundo Kress & Leeuwen. (2006) Em sua opinião, a escolha que é tomada sobre uma composição de cor ou estrutura de uma imagem afeta todo o seu significado. Tal afirmação contribui com a percepção de que a GV não é um tipo de gramática universal, ela não tem regras que podem ser seguidas em todos os lugares, ela é “*culturalmente específica*” (KRESS & LEEUWEN, p. 21). Um exemplo, segundo eles:

A comunicação visual ocidental é profundamente afetada pela nossa convenção de escrever da esquerda para a direita. (...) As direções da escrita das culturas variam: da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, do topo para o final ou em forma circular do centro para as bordas⁸⁷ (KRESS & LEEUWEN, 2006, p. 21).

Seguindo o mesmo raciocínio da análise que lhe permite esta abordagem, a Gramática Visual tem consciência de que a mensagem por ela analisada tem raiz em estruturas sociais formadas por pessoas em diferentes contextos, histórias e culturas, e que isso torna inevitável sua marca com diferenças de poder (p.30). Isso significa dizer, mais concretamente, que aqueles que têm poder influenciam com facilidade aqueles que recebem sua mensagem. Mensagens difíceis de serem interpretadas significam um rombo na influência que teriam sobre seus espectadores.

Wodak (2001) diz que a Gramática Visual, como uma contribuição para o significado do discurso, chamou a atenção para dispositivos semióticos presentes no discurso que se diferem dos lingüísticos. Kress & Leeuwen complementam isso ao dizerem que nem tudo o que pode ser expressado na linguagem pode também ser expressado em imagens, e vice-versa.

Em um anúncio publicitário, por exemplo, pode ser que o texto verbal seja estudiosamente ‘não-sexista’, enquanto o texto visual codifica estereótipos sexistas abertamente. Com o sentido prevalecendo sobre o significado das imagens, é possível fingir que o significado da imagem está apenas no olho do observador, algo que não seria possível afirmar sobre significados realizados verbalmente⁸⁸ (KRESS & LEEUWEN, 2006, p. 37).

A imagem pode mudar o significado de um texto, o que pode ser realizado também no sentido inverso: o texto mudar o sentido de uma imagem. Está aqui a

⁸⁷ Tradução de: *Western visual communication is deeply affected by our convention of writing from left to right (in chapter 6 we will discuss this more fully). The writing directions of cultures vary: from right to left or from left to right, from top to bottom or in circular fashion from the centre to the outside.*

⁸⁸ Tradução de: *“In an advertisement, for instance, it may be that the verbal text is studiously ‘non sexist’, while the visual text encodes overtly sexist stereotypes. Given the still prevalent sense about the meaning of images, it is possible to pretend that the meaning carried in the image is there only ‘in the eye of the beholder’, something that it would not be possible to assert about verbally realized meanings”.*

importância de utilizarmos a Gramática Visual ao analisarmos publicações no Facebook, já que as mesmas são formadas por ambos os tipos de expressão.

Como princípio de observação do *corpus*, criamos um quadro de análise baseado nas categorias de análise da ACD e aspectos da violência, vigilância e *cyberbullying*.

QUADRO DE ANÁLISE		
ACD		
Nível MACRO		Nível MICRO
Concepção Tridimensional do Discurso (Fairclough)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário	Produção	
Semântica	Distribuição	
	Recepção	
Gramática Visual (Kress & Leeuwen)		
Imagem	Produção	Prática Social
	Recepção	
VIOLÊNCIA		
Moral		
Abuso de poder/domínio		
Aumentada/poder coletivo		
Vigilância		
Personagens cyberbullying		

Quadro 1. Quadro demonstrativo de análise

A ACD acompanhada da análise tridimensional do discurso e da Gramática Visual forma a metodologia deste trabalho e nos possibilita observar o *corpus* em uma perspectiva completa de sua prática social e discursiva.

Este capítulo reuniu até agora a descrição do Facebook em seu histórico, ferramentas e funcionamento, além de apresentar a Análise Crítica do Discurso como metodologia de análise. Nela, concentramos na concepção tridimensional do discurso, de Fairclough (2003), e posteriormente na Gramática Visual (KRESS & LEEUWEN, 2006), ambas de fundamental importância para que a partir deste momento façamos a análise dos objetos de forma completa, analisando não somente o texto mas todo o contexto em que estão inseridos através também da imagem. A seguir apresentamos os objetos do estudo descrevendo-os detalhadamente, e em seguida analisando-os de acordo com a metodologia proposta.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Para a coleta dos dados 12 publicações no Facebook foram selecionadas sob o critério de terem em seu discurso alguma forma de violência como preconceito e agressão moral. Destas 12, foram excluídas aquelas de menor relevância em relação ao número de seguidores da página e de menor popularidade da postagem – por não haver comentários sobre a publicação, por exemplo. Algumas dessas publicações foram feitas de perfis pessoais no Facebook, o que poderia justificar pouca popularidade em relação às *fan pages*, cujas conexões no SRS chegam a mais de 300 mil em duas das publicações selecionadas.

Feita a escolha das publicações, alguns comentários sobre cada uma foram selecionados, levando em conta a importância de apresentarmos no trabalho que para cada publicação havia tanto opiniões contrárias quanto a favor do que estava sendo dito. Assim, de três a quatro comentários foram selecionados para cada publicação, como forma de complemento da análise pela ACD, que não somente entende a importância de enunciar o discurso, mas de sua recepção. Os recortes descritos constituem o *corpus* da pesquisa, detalhado em seguida.

O Estudo de Caso apresenta a partir de agora a descrição dos objetos dissertativamente, em seguida um quadro com um resumo dos principais sinais de cada elemento do conceito tridimensional do discurso e da GV, acompanhado de sua imagem com os dados pessoais ocultados⁸⁹, e uma breve análise que, segundo a ACD, pode ser realizada a partir dos elementos propostos neste estudo de caso em cada objeto. Após analisados cada objeto separadamente, é realizada uma análise ampla sobre todos eles e sua relação com as teorias descritas no trabalho a partir do primeiro capítulo sobre Internet até o que diz respeito à ACD no presente capítulo.

3.3.1 Objeto 1: “Culpa das Casas Bahia”

O primeiro caso e objeto do estudo constitui-se de uma publicação no Facebook

⁸⁹ Nome da vítima, nome(s) do(s) dono(s) e/ou moderador(es) das publicações, assim como fotografias e localização foram apagados para manter a privacidade dos sujeitos analisados com o trabalho.

formada por uma imagem e um texto, compartilhada por 550 pessoas, curtida por 160 e comentada por 145 usuários do SRS. A imagem é a foto de quatro mulheres negras, de estatura mediana e acima do peso, de biquíni. Três delas olham para a foto agachadas uma em cima da outra em um momento de descontração, sorrindo. A quarta mulher está na mesma posição, mas atrás das outras, de costas para a câmera. Todas estão parcialmente imersas em uma água turva, semelhante a uma praia. Acima da foto, uma intervenção com o texto: “*Culpa das Casas Bahia, que parcelam câmera digital em até 36 vezes!!!*”



Figura 27. Imagem do Objeto 1: “Culpa das Casas Bahia”

3.3.1.1 Análise do Objeto 1

QUADRO DE ANÁLISE – OBJETO 1		
ACD		
Nível MACRO		Nível MICRO
Concepção Tridimensional do Discurso (Fairclough)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário Culpa = por parcelar em 36x câmera digital; Culpa de quem = Casas	Produção Texto acrescentado à foto por terceiro; Imagem publicada na fan Page	A publicação chama terceiros para rirem da situação; Publicação em página do

Bahia;	Humor Negro.	SRS com número alto de participantes; Construção do Facebook como ambiente para a violência. violência.
Semântica Culpa sobre o quê? Foto, imagem publicada. Comentários “Imagina...48”: preconceito contra pobres; “esse tipo de foto” : demonstra repúdio à imagem; “Ricos também são feios”: chama as mulheres de pobres e feias; “Hipopótamos”: gordas, como animais; “Gentalha... Cambada de idiotas”: prática da violência ao tentar defender as mulheres; “estão bem piores do que...”: demonstra que considera que elas estão de alguma forma mal.	Distribuição Publicada na página Humor Negro, com mais de 5 mil assinantes; Tem público previamente predisposto a receber esse tipo de mensagem com aceitação. Recepção 550 compartilhamentos 143 comentários Comentários de: - Preconceito com pobres e aparência física; - Defesa das pessoas da foto e preconceito simultaneamente.	
Gramática Visual (Kress & Leeuwen)		
Imagem Foto explícita, “culpa das Casas Bahia”, comentários ofensivos dando mais voz à publicação.	Produtor Originalmente pelas pessoas que estão na foto ou de seu convívio pessoal. Receptor/Observador Público assinante da página Humor Negro, amigos de quem curtiu, compartilhou e comentou a publicação.	Prática Social
VIOLÊNCIA		
Moral	Exposição da vítima publicamente;	
Abuso de poder/domínio	Despercebida no humor; Proposital humor negro (de mal gosto); Está presente também nos comentários.	
Aumentada/poder coletivo	A violência é claramente aumentada a partir dos comentários que concordam com a publicação e usam outros termos ofensivos para classificar as vítimas.	
Vigilância	Prática Social: Muitas formas de preconceito; Cyberbullying impactante para todos, seja pela risada ou pela indignação; Baixo teor de indignação entre os comentários, muito mais ofensas e multiplicação da voz violenta.	

	Está na publicação em si, apresenta uma imagem que não é pessoal do agressor, mas de terceiros.
<i>Personagens cyberbullying</i>	Agressor: Página Humor Negro e autores de comentários ofensivos; Vítimas: mulheres da foto e pessoas que se identificaram com elas a partir da publicação; Espectadores: assinantes da página e demais membros do Facebook que tiveram acesso à publicação.

Quadro 2. Análise do objeto 1 “Culpa das Casas Bahia”

Primeiramente vamos analisar o texto, segundo o aspecto tridimensional de Fairclough (2003). A palavra “culpa” inicialmente já apresenta uma característica de que aquilo a que se está referindo é algo negativo, não deveria estar acontecendo. Desta forma, “culpa das Casas Bahia” demonstra uma insatisfação com, primeiramente, a loja em questão Casas Bahia, exposta de forma clara na publicação, e em seguida com a justificativa que vem através do “que” fazendo da possibilidade, segundo o que é dito no objeto, de parcelamento de câmera digital em até 36 vezes na loja a motivação para a publicação do texto.

Relacionado o texto à imagem, fica clara a relação da foto com a frase se analisarmos a prática social do discurso envolvendo a forma como esta imagem foi publicada, editada com um texto que foi provavelmente feito por alguém que não está na foto e nem é do círculo de relacionamento das pessoas que ali estão expostas. Sob o aspecto relacionado diretamente à violência moral (MICHAUD, 1989), que não precisa ser presencial para ter efeito, existe na imagem um indício de inclinação para a vigilância, quando a página Humor Negro publica uma foto particular de terceiros. Neste caso não é possível sem uma pesquisa profunda saber quem inicialmente publicou a foto para que a mesma tomasse o rumo de ser publicada mais tarde por um desconhecido, então no trabalho partimos da publicação realizada justamente no Facebook, base dos objetos deste estudo. Dentro da prática discursiva, então, observamos que a publicação já está intencionada para a ofensa ou deboche por ter sido exposta da forma descrita, e pela *fan page* Humor Negro, cuja principal característica é usar as atualizações de status para a publicação de fotos, textos, vídeos e material com humor sarcástico de forma ofensiva.

Entendemos quem são os personagens do *cyberbullying* (BARBOSA SILVA,

2010) neste objeto. O agressor está inicialmente na figura do Humor Negro, e, como veremos a seguir, em autores de alguns comentários sobre a publicação. A vítima está nas mulheres expostas na fotografia, mas também em todas as pessoas que se identificam com elas ou se sentem ofendidas com o preconceito exposto contra negros, mulheres, mulheres negras e acima do peso, e pobres.

Passando da produção à percepção, entende-se que o público que recebeu esta foto em suas atualizações é grande, já que a página Humor Negro tem mais de cinco mil assinantes. Ainda que nem todas essas pessoas tenham visto a publicação, uma parte considerável, além de ver, fez ela ter um alcance ainda maior, através do compartilhamento por 550 delas. Considerando a média de 231 conexões⁹⁰ de brasileiros no Facebook, pode-se dizer que a publicação foi multiplicada para mais de 127 mil. Com a forte multiplicação da informação, houve também a enorme discussão em cima dela, contabilizando ao menos 143 comentários. Esses números são o sinal de que neste caso a violência é, como discutido por Arendt, aumentada. O que é uma publicação feita por uma pessoa através de uma página torna-se objeto observado por pelo menos mais de 100 mil outras pessoas no Facebook. O poder advindo destes números, considerando que parte deles concordam com a atitude violenta praticada, revela essa violência contaminante, multiplicada.

Dos comentários, selecionamos alguns que representam os dois lados que constituem as reações: as de deboche e apoio ao que foi publicado, e as de indignação com a publicação. O primeiro comentário analisado diz o seguinte: *“Se em 36 vezes sai esse tipo de foto, imagina se passa a vender em 48 vezes. Hehehehe”*.

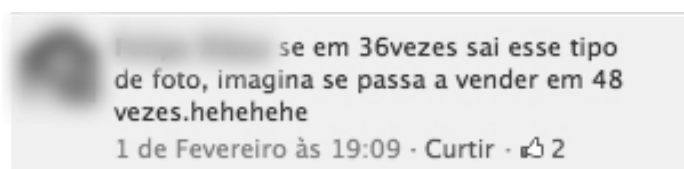


Figura 28. Comentário “48 vezes”

Partindo do comentário transcrito, podemos perceber um indício de que o

⁹⁰ Fonte: Estadão online. <http://blogs.estadao.com.br/rodrigo-martins/2011/10/16/brasileiros-tem-mais-amigos-no-facebook-que-os-resto-do-mundo/>. Acesso em: 16 de Outubro de 2011.

comentário se trata de um preconceito com, primeiramente, à foto, e depois com pobres, cujos 36 ou 48 vezes em parcelamento seriam necessários para que comprassem uma câmera digital, a julgar pelo conjunto aqui descrito: foto, texto da foto e comentário. Assim, o comentário aumenta a voz do discurso na publicação, reforçando a violência contra pobres – pela comparação de parcelamento -, e contra mulheres em formas não convencionais – por “*esse tipo de foto*”, referindo-se à uma possível infelicidade que as pessoas na fotografia tiveram ao estar naquela situação.

Um segundo comentário surgido na publicação diz “*Isso é preconceito com os pobres, os ricos também são feios*”, o que, inicialmente aparenta um comentário indignado com a situação e publicação, mas que depois claramente dá voz ao que foi dito originalmente e chama os “pobres da foto” de feios, mas comparando-os com ricos, que também o são, segundo a pessoa que comentou.

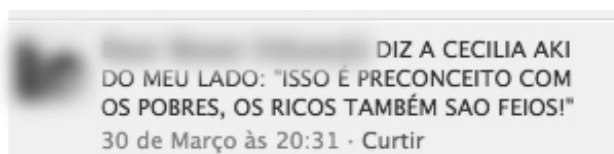


Figura 29. Comentário “ricos também são feios”

Um terceiro e penúltimo comentário analisado neste objeto faz referência a animais quando vai falar sobre a foto publicada. “*Tá parecendo acasalamento de hipopótamos!*” demonstra uma clara comparação das mulheres com animais grandes, e ainda em um momento de acasalamento, referindo-se à posição em que as pessoas na foto se encontram e na água.

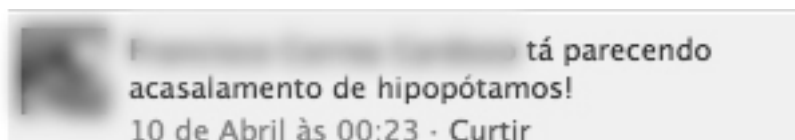


Figura 30. Comentário “acasalamento de hipopótamos”

Os três primeiros comentários revelam o que Arendt (2009) define como oposto do emocional, a insensibilidade. São pessoas que viram a publicação e não

demonstraram empatia por quem ali estava exposto, ou por qualquer outra pessoa que pudesse ser vítima da publicação. É destas vozes que surge neste caso, como tantas outras não selecionadas para a análise, a violência aumentada.

O quarto e último comentário defende a imagem e acaba usando termos de violência para se posicionar a favor das pessoas na foto. Nas partes analisadas, ele diz: *“Isso é o que eu chamo de gentalha. É isso aí, gentalha mesmo! Pra que tanto preconceito cambada de idiotas. São todas pessoas, seres humanos como nós, se divertindo, estão felizes, isso é que basta, como gente que acham que são, tinham que curtir e partilhar esta felicidade. A grande maioria que tá escrevendo “merda” que vá se olhar no espelho ou consultar um médico, uma clínica, um psiquiatra, quem sabe não vão descobrir que estão bem piores do que as felizes moças das fotos? Viva as Casas Bahia! Viva a felicidade e viva a liberdade!”*

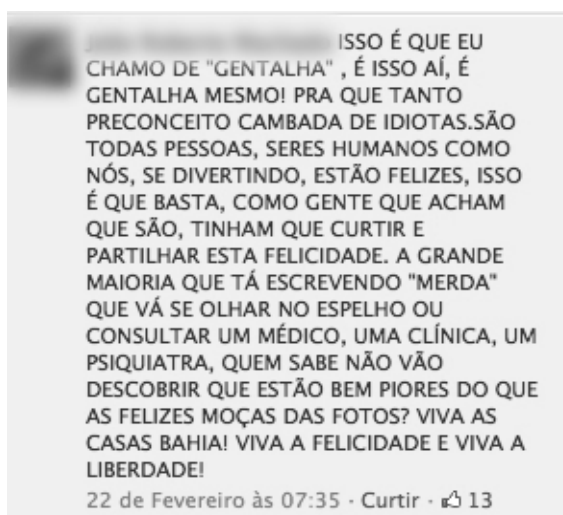


Figura 31. Comentário “Viva as Casas Bahia!”

É interessante observar como, ao tomar a posição defensora, o sujeito aqui acaba por agir com violência, chamando os demais membros que comentaram de gentalha e idiotas. E ainda, como uma defesa pode se tornar acusação e também preconceito sem ele perceber, ao dizer que as pessoas que comentam opinião contrária a sua podem vir a se descobrirem bem *“piores”* do que as moças das fotos, ou seja, dizendo que as mulheres da foto de certa forma têm realmente algo de negativo. Quanto ao final ainda escolhido para a análise, consideramos importante destacar aqui o *“viva as Casas Bahia”* dito no comentário, pois mostra que de certa forma concorda com a publicação e usa o tal parcelamento em 36 vezes como algo bom, como se existisse de fato e fosse algo positivo, além de dar voz ao discurso que relaciona isso a um baixo nível

econômico.

Assim, consideramos a recepção da publicação uma prática discursiva de aceitação para a violência apresentada no objeto 1. Preconceito racial e de classes sociais pareceu divertir bastante os receptores da mensagem, e, apesar de o objeto ter sido alvo de fortes críticas, estas basearam-se em comentários igualmente estereotipados, como o que foi identificado nos comentários 2 e 4.

Tomando agora uma visão interpretativa do objeto, como é característica da Prática Social prevista na análise tridimensional do discurso, podemos dizer que esta publicação claramente apresenta três tipos de violência: contra classes sociais mais baixas, contra mulheres negras, e contra pessoas obesas. Esse conjunto de fatores levamos a pensar que as relações de poder e dominação neste caso usam um preconceito encoberto o outro, como se a soma de todos eles resultasse em um produto pronto, um estereotipo formado por “negra e gorda é pobre”, “pobre compra parcelado no número máximo de vezes que puder”, “gente pobre publica foto feia nos sites redes sociais e isso é culpa de quem vende tecnologia digital para pobres”.

O objeto 1 juntamente aos comentários demonstra o quanto a violência se dá naturalmente nas interações a partir dos SRS, e somente a partir de uma observação não exclusivamente da publicação, mas levando em conta os aspectos de produção e recepção da Prática Discursiva nos comentários selecionados é que podemos perceber um discurso de violência que faz parte do cotidiano de atualizações em sites como o Facebook, e passam despercebidos ou com indiferença dos milhões de usuários que acessam essas informações diariamente, justamente por sua conotação humorística, dotada de um tom debochado, sem parecer à primeira vista agressivo.

3.3.2 Objeto 2: “Machismo nosso de cada dia”

O Objeto 2 constitui-se de uma imagem de um anúncio de remédio para dor de cabeça, que estava exposto em uma estação de metrô da cidade de São Paulo, em que há o texto *“Seu cartão de crédito estourou. Mas sua mulher ficou linda.” A dor de cabeça para. Você vai em frente.*. Na mesma imagem, há uma intervenção feita por um cartaz colado no outdoor que diz *“o machismo nosso de cada dia”* acrescido de uma seta

indicando onde está o machismo no cartaz: “*mas sua mulher ficou linda*”. A imagem foi publicada na página chamada Blogueiras Feministas e tem como legenda “*Intervenção em anúncio publicitário no metrô de São Paulo.*”.



Figura 32. Imagem do Objeto 2: “*Machismo nosso de cada dia*”

3.3.2.1 Análise do Objeto 2

QUADRO DE ANÁLISE		
ACD		
Nível MACRO		Nível MICRO
Concepção Tridimensional do Discurso (Fairclough)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário Cartão de crédito estourou = mulher linda; Estourou → Ficou linda Tudo = dor de cabeça do HOMEM “Machismo” = “sua	Produção Imagem de uma propaganda externa – metrô de São Paulo; Publicado no Facebook por um perfil feminista;	Violência Está no anúncio? Na intervenção feminista? Nos comentários?

mulher ficou linda”		
Semântica Cartão de crédito = gasto da mulher; Dor de cabeça: <u>seu</u> cartão de crédito; “Machismo nosso de cada dia” com uma flecha desenhada apontando para = onde está o machismo referido: “sua mulher ficou linda”	Distribuição Para ao menos 4.890 pessoas (número de conexões do perfil); Através do SRS Facebook; Diretamente para o público feminista ou simpático ao feminismo, por estarem conectados ao perfil.com aceitação.	Cyberbullying Mensagem publicada no SRS; Multiplicada de 4890 para no mínimo 173 vezes mais pessoas; Multiplicação da mensagem, independente da reação, é multiplicar o discurso da violência.
	Recepção 294 “curtir, 173 compartilhamentos, 75 comentários; Dos comentários: • Machistas • Feministas • Neutros	Prática Social Apresenta mais de uma interpretação, apesar da produção e distribuição da prática discursiva ser claramente direcionada para uma única opinião.
Gramática Visual (Kress & Leeuwen)		
Imagem Fotografia de um anúncio de remédio para dor de cabeça que teve a intervenção com um cartaz escrito à mão.	Produtor Anônimo (intervenção) e empresa de remédio para dor de cabeça. Recepção Sociedade no geral que teve acesso ao anúncio físico (metrô) e assinantes da página Blogueiras Feministas, assim como amigos daqueles que compartilharam, comentaram e curtiram a publicação.	Prática Social Recepção do anúncio como uma mensagem machista, publicada diretamente em uma página feminista com o intuito de apresentar a imagem com uma única interpretação.
VIOLÊNCIA		
Moral	Do anúncio: relacionar despesa financeira excessiva com mulheres; Da página: publicação da intervenção como algo positivo e correto; Da audiência: reiterar o discurso sem margem para diferentes interpretações.	
Abuso de poder/domínio	Sim. A partir, em primeiro lugar, da publicação em uma página cujos assinantes se interessam pelo feminismo e estão predispostos a receber aquela informação como machista. E também dos comentários e repercussão que teve a publicação.	
Aumentada/poder coletivo	Está na abrangência que tem a mensagem com os compartilhamentos, curtir e comentários ofensivos.	

Vigilância	É sobre uma marca, mas foca mais na sociedade como um senso comum.
<i>Personagens cyberbullying</i>	Agressor: anúncio, intervenção, blog, participantes dos comentários; vítima: mulher, feministas dos comentários, homens; espectadores: assinantes do conteúdo e membros do Facebook que tiveram acesso à publicação.

Quadro 3. Análise do objeto 2 “Machismo nosso de cada dia”

Sob o primeiro aspecto a ser analisado na perspectiva tridimensional do discurso, destacamos “*cartão de crédito*”, “estourou” ligado à “*ficou*” referindo-se à “*sua mulher ficou linda*”, todo o conjunto do texto com “*dor de cabeça*”, e a intervenção a partir da palavra “*machismo*”. Dentro deste vocabulário, o texto apresenta os indícios de que cartão de crédito estourar tem direta ligação com a mulher ficar linda.

Dor de cabeça está ligada ao fato de o cartão de crédito ter estourado, e a palavra machismo está ali, assim como a própria publicação ter sido feita em uma página feminista, para apresentar “*sua mulher ficou linda*” como um sinal de que a causa de o cartão de crédito ter estourado é o fato de que a mulher ou usou o cartão do marido/homem, ou foi o motivo para ele ter usado o cartão e ultrapassado seu limite no banco. Tais aspectos da linguagem definem um texto passivo à diversas interpretações, como veremos a seguir.

Sob a ótica da Prática Discursiva, analisamos que o objeto é formado por uma foto de um outdoor exposto fisicamente no metrô de São Paulo, composto por um anúncio publicitário que sofreu intervenção. Quanto à distribuição, a imagem foi publicada diretamente por uma página declaradamente feminista no Facebook, cujas conexões tomam mais de 4 mil usuários do SRS. Aqui vale uma observação: a imagem, ainda que passiva de mais de uma interpretação, foi publicada diretamente para uma parcela de pessoas que se interessa pelo feminismo ou é feminista, pois assina as atualizações da página Blogueiras Feministas.

Já quanto à recepção, mais de 294 pessoas curtiram a publicação, 173 compartilharam e 75 comentaram sobre ela. Desses comentários, a maior parte observada se deu com características feministas, mas houve comentários machistas e ainda os neutros, que não viram violência na postagem.

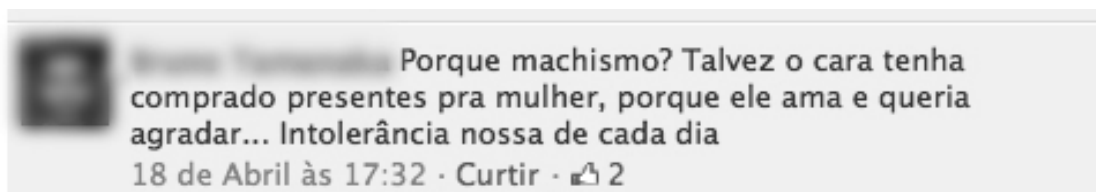


Figura 33. Comentário “Intolerância nossa de cada dia”

Fazendo agora uma interpretação do discurso sob uma ótica da Prática Social, surge um questionamento: onde está a violência neste objeto? Dependendo da forma como é interpretado, o anúncio pode ser machista, mas pode ser também neutro em relação ao feminismo ou machismo, se entendermos que, assim como em um dos comentários, o marido foi quem usou o cartão de crédito para fazer uma surpresa à sua mulher, sem consulta ou pedido dela. Se este fosse o caso, a violência estaria na intervenção que no próprio anúncio chama-o de machista. Assim, a violência pode estar ou não na publicidade. Ela pode estar nos comentários sobre a publicação, ou ainda na intervenção de terceiros. Independente de onde ela está originalmente, analisando as características que tem o objeto por estar em um contexto de multiplicação virtual considerável através dos 173 compartilhamentos realizados, este discurso tem um alcance considerável no SRS, o que faz com que se veja o anúncio de remédio realmente como machista, a partir da foto publicada mas já sobreposta de intervenção que assim lhe chama.

Podemos perceber o poder que há por parte de quem publicou a mensagem, já que soube o que estava publicando e para qual público, cuja tendência é ver o anúncio como machista. Este poder é ainda mais forte através da coletividade que toma com os 173 compartilhamentos e 294 “curtir” que teve a publicação.

A esta multiplicação da mensagem por parte de um perfil com grande número de assinantes podemos chamar de dominante. De fato alguém com tantas conexões detém um poder de comunicação nos SRS relevante, e, ao expor sua opinião através de uma publicação, por menor que ela seja, a repercussão que tem é multiplicada assustadoramente. Isso permite que o *cyberbullying* tome forma quando o que está publicado é algo que ofende, agride e age assim com violência contra algo ou alguém.

Onde está a violência moral neste caso? Sob a análise somente da publicação há

diversas interpretações, como vimos. Mas se tratando do segundo comentário selecionado para análise, que diz “*todas as mulheres do mundo são iguais, todas nasceram com uma única meta: estourar o cartão dos homens que as sustentam*”, fica clara em uma opinião contra a intervenção que há agressão contra as mulheres conferindo a elas uma “*única meta*” ofensiva, que é estourar o cartão dos homens que as sustentam. “*...dos homens que a sustentam*” ainda leva a uma interpretação mais ofensiva, a que diz que o homem no geral acaba por sustentar sua mulher, ela não o faz sozinha.

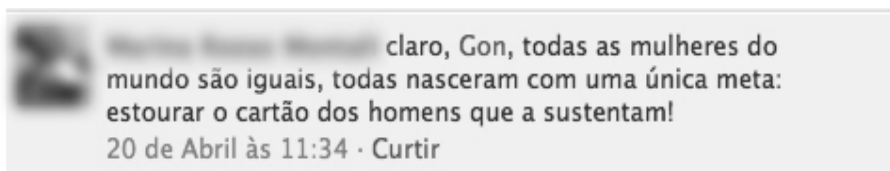


Figura 34. Comentário “todas nasceram com uma única meta”

Portanto, o segundo objeto tem mais de um agressor e mais de uma vítima. O agressor deste tipo de *cyberbullying* é tanto a página Blogueiras Feministas, por publicar algo chamando através da intervenção o anúncio de machista, quanto a pessoa que interveio escrevendo “*machismo nosso de cada dia*”; e também, talvez único recorte certamente agressor do objeto, autor do comentário acima. Portanto, o sujeito ideológico representado como agressor é tanto feminista quanto machista, pois está inserido na opinião de mais de uma pessoa. E novamente a violência é aumentada e gera ainda mais violência. Assim como o primeiro comentário ameniza a discussão para uma opinião neutra, o segundo faz com que aqueles que recebem a publicação tendam para uma ótica feminista na hora de ler o anúncio e o vejam claramente como machista.

Em ambas as publicações analisadas, encontramos a violência escondida no humor, o que pode ser determinante para a recepção dessas mensagens. Levando a quantidade de comentários e compartilhamentos em consideração, é simples entender que cada comentário aqui representando um tipo de reação é apenas uma amostra dentro do universo que tende para o lado violento e ofensivo dessa recepção, cuja manifestação de opiniões a favor ou não do que está sendo dito em primeiro lugar, mas de maneira também agressiva, aumenta o discurso violento e torna o que já possui alto alcance,

ainda maior.

3.3.3 Objeto 3: “Vire político!”

O terceiro objeto é uma publicação que também leva o humor como base, mas que tem características de violência através de montagem com imagens e texto. Trata-se de uma imagem do Congresso Nacional em Brasília, com a imagem do Tiririca sobreposta, e um balão de diálogo em que “ele diz”: “Lula estudou até a 4ª série e foi presidente. Eu, semi-analfabeto, fui eleito como o mais votado. E você **abestado**, se matando de estudar pra que? VIRE POLÍTICO!”.



Figura 35. Imagem do Objeto 3: “Vire político!”

3.3.3.1 Análise do objeto 3

QUADRO DE ANÁLISE – OBJETO 3		
ACD		
Nível MACRO		Nível MICRO
Concepção Tridimensional do Discurso (Fairclough)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário Semi-analfabeto → eleito Você → abestado “se matando de estudar” =	Produção	Violência Generalização de uma condição social; “Você, abestado”: tenta usar

perdendo tempo; “pra quê?” “VIRE POLÍTICO!”		de uma fraqueza para atingir o leitor; Usa de informações generalistas para chamar a atenção do público.
Aspectos Semânticos “abestado”: quem estuda, quem vota. É o termo usado pelo político quando humorista. Usa para referir-se a quem está lendo a mensagem (no mínimo alfabetizado) para dizer que estudar não faz diferença num país assim. pra quê?: não há sentido em estudar se pode ser político sem isso; “VIRE POLÍTICO”: conselho, propaganda; “semi-analfabeto” e com escolaridade até “4ª série”: presidente da República e político mais votado: sucesso na carreira pública. 4ª série: presidente; Semi-analfabeto: mais votado = Governo brasileiro não precisa de Educação.	Distribuição Publicado na página Pensamentos, que tem 349.436 assinantes.	Cyberbullying Multiplicação alta da mensagem; Discussão em torno da publicação; Mensagem foge do controle de quem publicou, devido ao grande número de compartilhamentos;
	Recepção 475 “curtir”; 1.955 compartilhamentos da publicação em perfis de usuários; Comentários	Prática Social Dois exemplos para falar do todo; Apresentar o político como personagem, quase um palhaço; Discurso direto indicando vontade de provocar o receptor, o que funciona pelo número de comentários e compartilhamentos.
Gramática Visual (Kress & Leeuwen)		
Imagem Balão de diálogo com o texto; Deputado caracterizado como artista que era; Sorriso e sinal de positivo;	Produção Balão de diálogo a partir do deputado caracterizado como o personagem Tiririca; Sinal de positivo com as duas mãos: ele está bem, está	Prática Social A composição gráfica tende a revelar o político presente na imagem como ainda um humorista que está “brincando” no Congresso

Congresso Nacional ao fundo da foto.	melhor do que você; Congresso Nacional ao fundo: máximo a que pode chegar um político brasileiro.	Nacional, feliz, fazendo sinal de positivo e sorrindo porque mesmo sem estudo foi o deputado federal com maior número de votos enquanto muitos estão por aí estudando.
	Recepção Grande parte dos comentários sendo a favor do discurso generalizante sobre políticos.	
VIOLÊNCIA		
Moral	Chamar de “abestado” quem estuda; generalização de políticos no Brasil.	
Abuso de poder/domínio	Mais de 300 mil assinantes, quase 2 mil compartilhamentos a favor do discurso violento.	
Aumentada/poder coletivo	2 mil compartilhamentos concordando com o discurso violento.	
Vigilância	“Vigiar é punir” perceptível na publicação através da exposição da imagem e informação de escolaridade justificando um posicionamento sobre o assunto.	
Personagens cyberbullying	Agressor: página pensamentos e alguns membros em comentários; Vítima: políticos expostos, políticos no geral; Espectadores: mais de 300 mil assinantes e demais conexões dos 1.955 que compartilharam a publicação sem se manifestar.	

Quadro 4. Análise do objeto 3 “Vire político”

A primeira parte da publicação apresenta dois exemplos para justificar a segunda parte. “*Lula estudou até a 4ª série e foi presidente*” coloca o exemplo que o Brasil tem de ter tido um Presidente da República com o nível de escolaridade baixo, e, em segundo exemplo, o do Tiririca, cuja imagem ilustra a foto, mostrado como o mais votado em eleições para deputado federal mesmo sendo semi-analfabeto. Após os exemplos, o texto se refere diretamente ao leitor/receptor da mensagem com o “*e você*”, para falar com o público, e usa o “*abestado*” fazendo referência a um termo usado pelo deputado quando era artista de humor utilizando-o para dizer que não faz sentido ficar “*se matando de estudar*”, já que presidente e deputado não fizeram isso e tiveram sucesso como políticos. No final, “*VIRE POLÍTICO!*” traz uma dimensão de publicidade à publicação, usando a imagem e o texto para promover ironicamente a falta de educação e apresentar o receptor – previstamente estudante e com nível de escolaridade alto – como o que deve largar o que está fazendo e se juntar aos de baixa escolaridade mas que na política brasileira conseguem o que o estudante está querendo:

sucesso profissional.

A violência moral está primeiramente em utilizar a imagem de uma pessoa para fazer uma montagem, ligando a ela o texto do balão de diálogo e o sentido que traz de convencer outras pessoas de que não é preciso estudo para ser político no Brasil, ofendendo não somente os políticos expostos, com principalmente os demais, que não fazem parte da minoria com baixa escolaridade.

Esta forma de violência toma por “justificativa” um fato anteriormente já exposto na mídia, considerando que ambos os políticos possuem repercussão midiática significativa no País, mas não podemos afirmar que essa violência tem origem na mídia por causa disso. No entanto, ela é de origem mediática considerando o Facebook como o SRS mais utilizado no mundo e no Brasil, e isso torná-lo automaticamente um meio de comunicação em massa.

Levando em conta texto, a prática discursiva composta pela imagem de Brasília, do Tiririca como artista de humor “palhaço” e analfabeto, aliando o texto com exemplos de baixa escolaridade relacionadas ao sucesso na política e a frase de impacto publicitário, podemos dizer que a produção da publicação foi realizada justamente para impactar o receptor com o contraste de escolaridade entre políticos brasileiros e estudantes, comparando também seu poder financeiro, mas principalmente generalizando a classe de políticos do País. De fato encontramos na generalização, confirmada posteriormente pelos comentários, a violência marcada no discurso, como se esta fosse sua profissão como deputado federal: um artista. Não cabe a autora desta pesquisa julgar aqui se a comparação-acusação é justa ou não, e nem defender o trabalho de ambos os personagens, mas sim verificar os sinais de vigilância como violência na publicação selecionada, o que há neste objeto, seguido de comentários como os mostrados a seguir:

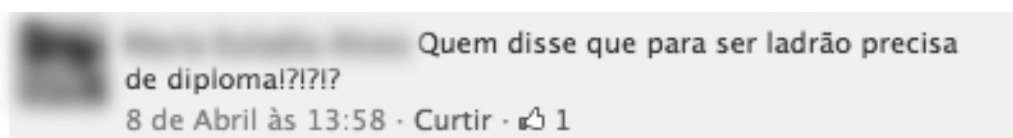


Figura 36. Comentário “Para ser ladrão precisa de diploma?”

O primeiro comentário representa a parcela dos receptores da mensagem que concordam com a publicação e aumentam o seu efeito de acusação, chamando políticos, além de desprovidos de estudo, de ladrões. Neste sentido, a autora do comentário usa de ironia para justificar e dar voz ao apelo feito pelo discurso original, ao usar “*quem disse que para ser ladrão precisa de diploma?*”, reiterando a teoria de que não há necessidade de diploma para ladrão, para ser político o raciocínio é o mesmo.

Um segundo comentário defende a classe de políticos com baixa escolaridade, ao mesmo tempo em que chama de analfabeto o povo que votou no deputado em destaque. “*Analfabeto é o povo, ele pôs em prática seus direitos de cidadão e alcançou seu objetivo. Agora querem cobrar o quê?*”. “Quem cobrar” se refere às pessoas com quem o autor do comentário fala, ou seja, outros receptores da publicação, provavelmente os que apoiavam políticos como decadentes por terem baixa escolaridade.

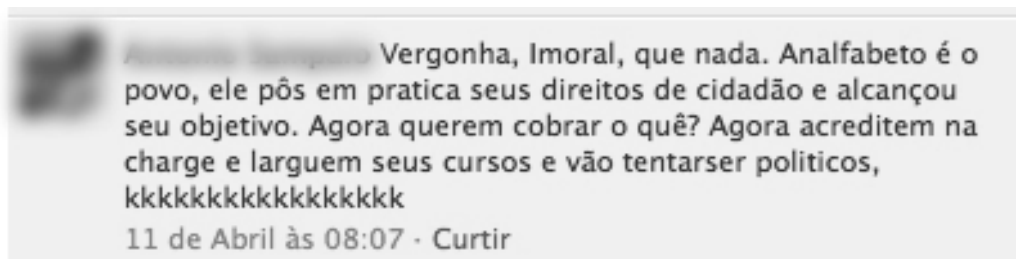


Figura 37. Comentário “Analfabeto é o povo”

A generalização de políticos se dá fortemente através do primeiro comentário, apesar de existir, como vimos, a crítica a esta violência como a apresentada com o segundo. É a partir da generalização que a violência coletiva aumenta o poder do discurso e acaba também sendo aumentada. Ainda mais relevante nos objetos anteriores, o número de 300 mil assinantes apresenta como este discurso teve poder de multiplicação, o que é confirmado pelas 1.955 pessoas que o compartilharam com sua média de 230 conexões, e assim sucessivamente.

Consideramos, então, três personagens (BARBOSA SILVA, 2010): o agressor como a *fan page* e demais que compartilham e comentam aumentando o discurso violento; a vítima como a classe de políticos brasileiros e os espectadores como aqueles

que leram a publicação, mas não se manifestaram.

Quanto à prática social, podemos afirmar que a publicação está repleta de características violentas e propositalmente preconceituosas. A primeira está na generalização de que todo político é semi-analfabeto ou tem escolaridade baixa, usando somente dois exemplos para fazer a publicidade da política como uma área profissional própria de quem não se preocupa com a Educação. A segunda está em usar a imagem do deputado federal Francisco Everaldo Oliveira da Silva, vulgo Tiririca, como garoto-propaganda em uma foto de quando ele era do meio artístico e tinha como uma das principais atividades fazer piadas como forma de promover seu trabalho.

Pelo número de compartilhamentos que teve a publicação, podemos observar que ela cumpriu com o objetivo de quem publicou, já que claramente a montagem da imagem e texto foram feitas para fisgar o receptor desta forma. É interessante analisar que, apesar de a publicação ser uma aglomeração de símbolos e textos originados em diferentes assuntos, ainda assim é tido por diversos comentários e compartilhantes como algo sério. Informações como *“Lula estudou até a quarta série”*, um deputado vestido em roupas de seu tempo artístico chamando estudantes de *“abestados”* e a generalização da escolaridade de políticos no Brasil parecem passar despercebidos pelos compartilhamentos, que reiteram o discurso da violência e fazem a mensagem chegar da forma que está aos seus contatos e aos contatos de seus contatos, como permite o Facebook.

3.3.4 Objeto 4: “É só 10% do teu salário”

O objeto 4 é composto por uma também publicação no Facebook, na qual está a imagem de Jesus Cristo em frente à porta de uma casa residencial, segurando uma arma de fogo na mão e querendo entrar. Na imagem há o texto *“É só 10% do teu salário, mano!”*. A publicação foi feita na página Humor Negro, de mesmo nome que a página onde o objeto 1 foi publicado. Tem mais de 300 mil assinantes.



Figura 38. Imagem do Objeto 4: “É só 10% do teu salário”

3.3.4.1 Análise do Objeto 4

QUADRO DE ANÁLISE – OBJETO 4		
ACD		
Nível MACRO		Nível MICRO
Concepção Tridimensional do Discurso (Fairclough)		
Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário “10% do seu salário”	Produção Imagem de Jesus Cristo com uma arma aliada a um texto; Publicação na página Humor Negro no Facebook; Jesus está na porta da casa de alguém, como se fosse um religioso ambulante que “vende religião” de porta em porta.	Violência: Não se restringe à publicação, é continuada através dos comentários; Apresenta a religião cristã como assaltante, violenta; Generaliza a forma de cobrar o dízimo para todas as religiões cristãs.
Semântica 10%: dízimo que igrejas cobram ou aconselham seus fiéis a contribuírem com a instituição; Jesus armado: conotação humorística, como se fosse ele quem pede o dízimo;	Distribuição Local de publicação: Humor Negro (página 2, com mais de 300 mil assinantes); Compartilhada em 1.187 perfis pessoais; Curtida por mais de 1.160 pessoas;	Ciberbullying: Tem fortes características a partir da distribuição da mensagem; Composição da imagem feita para a violência na Internet.

Arma: mostra que isso é roubo na opinião de quem montou a publicação.		
	Recepção Comentada por 1.077 pessoas; Repercussão dos comentários: apoio à mensagem dada, com ofensas à religião cristã; Discussão sobre religiões; Mais violência no discurso dos comentários.	Prática Social: Composição da imagem colocando Jesus = religião = ladra; Uso de um elemento forte que é a arma nas mãos de um ícone cristão; Apresentação de uma violência contra religião/pessoa-deus/atitude e contra a diversidade nos comentários;
Gramática Visual (Kress & Leeuwen)		
Imagem O desenho de um homem alto, de cabelos castanhos claros compridos, barba, vestido em túnicas branca e vermelha, em frente à uma porta fechada segurando um revólver.	Produtor Página Humor Negro Receptor Assinantes da página, pessoas religiosas que discordam da publicação.	Prática Social A imagem mostra o homem tido no senso comum como Jesus Cristo segurando uma arma, como se fosse assaltar a casa onde está tentando entrar. Usa elementos de diferentes origens para compor uma única imagem, demonstrando uma opinião estereotipada.
VIOLÊNCIA		
Moral	Ofendendo diretamente religiões que pedem o dízimo, ofensa moral entre diferentes crenças a partir dos comentários.	
Abuso de poder/domínio	Sim. Compartilhada e comentada por mais de mil pessoas... Comentários de uma pessoa mais de uma vez dando voz ao discurso violento, e desfocando para outro ponto da violência, mas ainda assim agredindo opiniões alheias.	
Aumentada/poder coletivo	Teve como base mais de mil compartilhamentos	
Vigilância	Vigilância aqui está em querer controlar o outro, impor uma ideologia à outra, expor o pior do outro publicamente etc.	
Personagens cyberbullying	Agressor: página Humor Negro, autores de comentários; vítimas: cristãos e pessoas ofendidas com a mensagem; espectadores: quem leu a mensagem e não passou adiante, não comentou, ou comentou mas sem se sentir ofendido ou sem ser a favor do que percebeu na publicação.	

⁹ **Quadro 5.** Análise do Objeto 4 “É só 10% do teu salário”

Inicialmente analisando o texto associado à imagem, o discurso, sob a perspectiva tridimensional de Fairclough (2003) parte do “10% do seu salário” como uma frase dita pelo homem que está representado, neste caso, como Jesus. Se usarmos uma interpretação literal, podemos dizer que a violência deste discurso está para a figura de Jesus Cristo, mas como devemos levar o contexto e usar de uma perspectiva ideológica, entendemos aí a imagem de Jesus como representante das religiões cristãs.

“10% do seu salário” refere-se ao Dízimo⁹¹, normalmente cobrado ou aconselhado aos fiéis de uma igreja cristã a ser a contribuição mensal para a Igreja ou templo que freqüentam. Este texto, aliado à imagem de Jesus segurando uma arma, faz uma acusação às igrejas chamando-as de ladras, assaltantes, considerando aqui a arma relacionada a um crime como assalto, além de ser um símbolo concreto da violência por si só. Tais observações compõem a violência moral (MICHAUD, 1989) contida no discurso.

Seguindo a análise sob a perspectiva tridimensional da ACD, a produção da publicação já descrita em seu formato é visivelmente proposital para acusação da religião cristã como ladra. Com a distribuição sendo caracterizada por estar em uma página com mais de 300 mil assinantes, ligamos a ela a violência aumentada, pois esta teve como base mais de mil compartilhamentos da mensagem originalmente enviada.

Na recepção, entendemos que esta violência teve aceitação pelo número de compartilhamentos, e também notamos concretamente como a violência se multiplica a partir de alguns comentários.

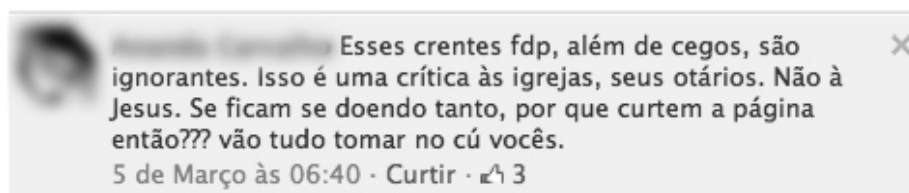


Figura 39. Comentário “Crentes cegos, ignorantes, otários”

⁹¹ Dízimo: significa a décima parte de algo, paga voluntariamente ou através de taxa ou imposto, normalmente para ajudar organizações religiosas judaicas e algumas denominações cristãs. Apesar de atualmente estar associada à religião, muitos reis na Antiguidade exigiam o dízimo de seus povos. Fonte: Wikipédia.

O primeiro comentário analisado é de uma participante da página que chama crentes de cegos, ignorantes e otários. A autora do comentário tenta mostrar que a publicação é uma crítica às igrejas, não a Jesus, e acaba por usar uma linguagem violenta para expor seu ponto de vista, demonstrando uma imagem estereotipada de pessoas que freqüentam igrejas, chamando-as de “crentes”, e provavelmente se referindo àqueles que se manifestaram na mesma publicação.

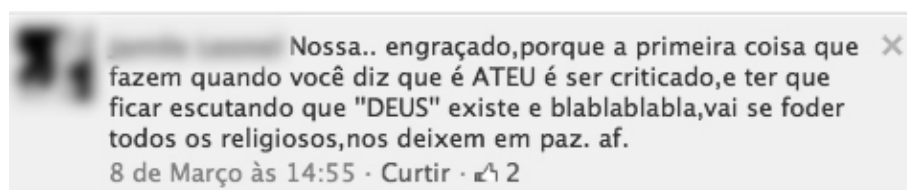


Figura 40. Comentário “Religiosos nos deixem em paz”

Um segundo comentário, ainda na linha da linguagem violenta, aparenta ser de alguém sem religião aparente, frizando a palavra “ATEU” ao reclamar que ao se identificar assim é bastante criticado. Ao dizer “*ter que ficar escutando que ‘DEUS’ existe e blablabla*” demonstra uma impaciência com religiosos, o que é confirmado com “*...todos os religiosos, nos deixem em paz*”, o que confirma também sua posição como ateu. Ainda neste comentário, como no anterior, há um xingamento de impacto para com as pessoas que se manifestaram contra a publicação inicial, como percebido pelas imagens dos comentários.

Percebemos assim uma relação de domínio e poder vinda de um grupo que não se contenta com a agressão da publicação e ataca os cristãos que tentam se defender nos comentários. Muitos deles se auto-denominam ateus, e usam de mais violência para agredir quem tem uma ideologia diferente da sua. No entanto, percebemos também a inclinação que possuem os autores de comentários cristãos para usar do discurso violento e agredir os demais participantes da discussão.

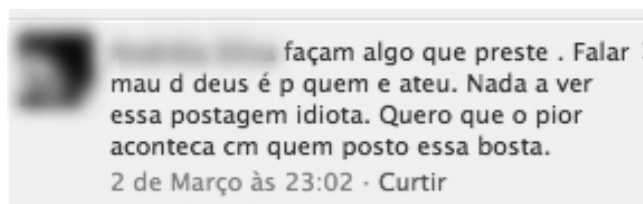


Figura 41. Comentário “Quero que o pior aconteça com quem postou”

Apesar de ambos os lados violentos, há aqueles que mesmo defensores da religião cristã conseguem ver a imagem como algo não ofensivo, mas simplesmente uma crítica à abordagem que algumas igrejas fazem do Dízimo aos seus fiéis.

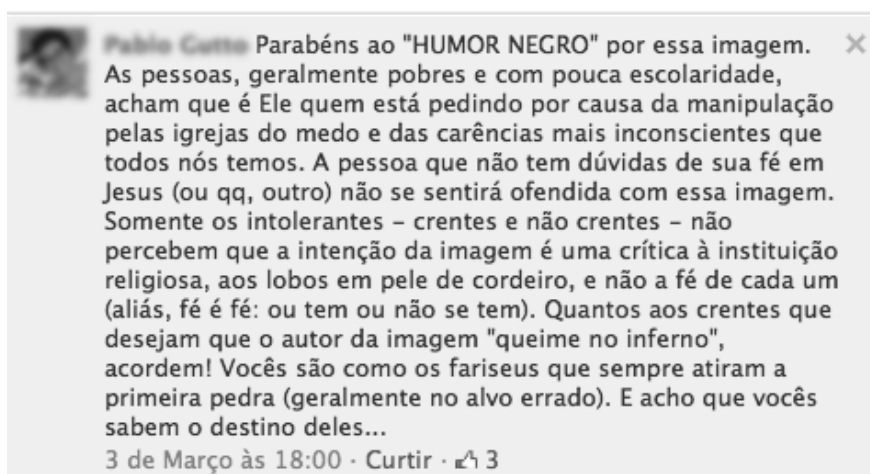


Figura 42. Comentário “sua fé não será ofendida com essa imagem”

Aqui está um exemplo raro de ser encontrado nos casos analisados, quando o personagem que está sendo “atacado” não se deixa ofender pelo agressor e entende o que ele faz, sem nem o defender, nem defender os cristãos vitimizados com a publicação.

Este último caso de recepção dentro do objeto 4 nos apresenta uma breve perspectiva de como cada recepção anterior poderia evitar a violência a partir de um pouco de serenidade, ainda que a reação possa ser interpretada como indiferença.

Após a descrição e análise de cada objeto, passamos agora a discutir como as quatro publicações se relacionam entre si e ao restante das teorias estudadas a partir do quadro de análise proposto como metodologia.

3.4. DISCUSSÃO

Desde o primeiro objeto analisado, com a publicação da foto e comentários de mulheres sendo humilhadas, passando pelo anúncio de remédio cuja interpretação se deu diretamente machista em uma página de feministas, e ainda ao observarmos uma publicação que busca ofender políticos generalizando-os como de profissão fácil, finalizando com um ataque à religiões cristãs, o que menos tivemos foram reações pacíficas ou de empatia para com o que ali estava sendo publicado pela página ou pelos demais autores de comentários. Entre elas, as que predominaram foram definitivamente as de violência. Tais discursos analisados aprovam, confirmam, legitimam e reproduzem as relações de poder e domínio (DIJK, 1993) existentes no SRS.

Esta intolerância quanto à opinião alheia é perceptível demais no Facebook se observarmos publicações como as que foram utilizadas neste estudo, e isso demonstra uma incoerência com o princípio básico da plataforma em que essas pessoas estão inseridas: as redes sociais.

A ACD diz que devemos focar em questões sociais e políticas, desviando de problemas “do momento”. Afirmando aqui que o presente estudo foca em uma questão que aparentemente pode ser confundida com efêmera, mas que, fundada na revolução tecnológica que vivemos desde o ENIAC até os atuais meios de comunicação pela informática, e principalmente com a Internet, o que é analisado no Facebook, assim como em SRS populares, é de fato hospedado em um problema concreto que se encontra em um ambiente cuja tendência é crescer e, utilizado a longo prazo: os SRS, especialmente o Facebook.

As publicações analisadas abriram espaço para surgirem identidades sociais dos receptores/observadores, apresentando aqui também o sujeito ideológico de autores de comentários. O sujeito ideológico da mensagem do primeiro objeto “*Culpa das Casas Bahia*” é alguém que abusa do poder para humilhar publicamente e em grande escala uma classe de pessoas cujo comportamento lhe é inaceitável, seja por deboche, como no terceiro e quarto, ou por indignação, no segundo.

Tal sujeito é o mesmo em todos os demais objetos analisados, com exceção do segundo. O produtor da publicação 2 “*Machismo nosso de cada dia*” foge um pouco do

sujeito *bully* e tem sua motivação em uma ideologia mais séria e menos indiferente ao pensamento alheio. Vale aqui registrar que a única página escolhida para a pesquisa que não demonstra um perfil debochado e disfarçado de humor é exatamente esta, por isso também foi dos objetos o mais complicado de ser analisado devido a sua grande margem de interpretações.

Quanto às imagens, todos fazem jus à Gramática Visual quando esta diz que a imagem pode mudar o sentido ou fazer total diferença na leitura de um texto.

“*Culpa das Casas Bahia, que parcela câmera digital em até 36 vezes*” sem ter anexada uma imagem se tornaria uma frase sem sentido lógico, uma vez que não saberíamos do que as Casas Bahia têm culpa e o que o parcelamento tem a ver com isso. A mesma frase, acompanhada da foto de mulheres negras obesas de biquíni em posição casual imediatamente faz da frase uma acusação humilhante, cuja motivação se dá no preconceito com as pessoas da foto e seu contexto social.

Da mesma forma, “*É só 10% do teu salário, mano!*” sequer chega perto de parecer uma publicação *cyberbullying* se fosse postada somente em texto. Tal frase, solta e sem motivação aparente, só seria interpretada como uma crítica às igrejas se a pessoa que a lesse tivesse consciência sobre a situação do Dízimo, especialmente sobre o que lhe é conferido atualmente na mídia. Ainda assim, enxergar uma frase irônica como esta, e ver a mesma acompanhada de uma imagem do maior ícone da religião cristã, conhecido por seus ensinamentos de amor e paz, usando uma arma de fogo e dizendo a frase, faz toda a diferença, e como vimos, o choque durante a sua publicação.

Essa dependência da imagem para ter sentido explícito não é observada nos objetos 2 e 3, apesar de ambos virem acompanhados dela.

O objeto “*Seu cartão de crédito estourou, mas sua mulher ficou linda*”, se somente apresentado em letras brancas com um fundo preto traria o mesmo significado que teve com a foto do *outdoor* na rua.

Da mesma forma, o objeto 3 poderia ser resumido ao texto que está no balão de diálogo e, ainda que não houvesse a imagem do Tiririca, saberíamos que era seu discurso pela forma de tratamento “*abestado*”, e o uso da primeira pessoa do singular para dizer “*Eu, semi-analfabeto, fui eleito como o mais votado*”.

No entanto, não podemos esquecer o significado que as imagens destes objetos

trouxeram para a análise. No objeto 2, cartaz de intervenção escrito à mão colado no anúncio do outdoor apresentou toda a questão feminista à publicação. Semelhantemente, a imagem do deputado em frente ao Congresso Nacional vestido como artista fazendo sinal de positivo com as mãos trouxe claramente o tom de deboche e humilhação que a publicação intencionava.

Assim concluímos o quanto a Gramática Visual deve estar presente e como seu objeto de estudo, a imagem pode mudar totalmente ou parcialmente o sentido de um texto, e vice-versa.

As diferentes interpretações sobre o mesmo objeto se encaixam no que Wodak (2001) fala sobre tantas opiniões e diferentes conflitos estarem relacionados às instituições e pessoas que têm significados e valores específicos expressos através da linguagem. Cada um traz sua ideologia.

É com esta ideologia que podemos estudar o contexto social em que o discurso tem suas formas simbólicas classificadas (THOMPSON, 1990). Se o objeto fosse selecionado de publicações realizadas em um país diferente, talvez nós não soubéssemos perceber a ideologia contida no Objeto 3, por exemplo, já que se trata de algo específico do Brasil. No entanto, talvez a análise de um objeto como o 2 pudesse ser feita a partir de publicação e comentários de qualquer nacionalidade ou diferentes culturas. Ainda assim, não há chance de se fazer uma análise crítica do discurso sem levar em conta os aspectos culturais do contexto em que o *corpus* está inserido.

Na mesma linha de raciocínio, vale lembrar que a recepção na prática discursiva apresenta realmente leitores e receptores que não ficam passivos sobre o que estão recebendo. Como Wodak (2001) coloca, o receptor do discurso não é passivo. Esta afirmação é válida se levarmos em conta o discurso oriundo de receptores das publicações principais. Todos os objetos apresentaram comentários violentos e de discurso agressivo. Este papel é o mesmo que tem o espectador (BARBOSA SILVA, 2010) no *bullying*.

No Objeto 1 os receptores parecem não ver maldade na publicação e passam a ser ainda mais criativos ao escolherem palavras para qualificar as pessoas da foto, chegando a chamá-las de “hipopótamos”. O mesmo ocorre no Objeto 2, quando, por exemplo, um dos comentários afirma que “mulheres nasceram com uma única meta:

estourar os cartões de créditos de seus maridos”, o que aumenta a voz do discurso principal acusado de machista.

O terceiro objeto, ainda que mais desprovido de contrariedades, também cai na multiplicação do discurso violento. Sobre ele podemos ver políticos sendo chamados de ladrões, como se ambas as palavras fossem sinônimas.

O quarto objeto escancara ainda mais essa violência, a partir de comentários totalmente agressivos e fechados para crenças diferentes das suas. E aqui a violência surge de ambos os lados: religiosos e ateus.

Permanecendo na construção do discurso violento que fazem os receptores das publicações, é interessante observarmos como a mesma voz que defende a vítima é também um agressor e usa a linguagem da violência, como observamos no comentário *“Viva as Casas Bahia”*, do Objeto 1, e *“Quero que o pior aconteça com quem postou”*, do Objeto 4.

É esta construção da mensagem o que assusta e mostra a violência aumentada. A multiplicação do poder do produtor está exatamente aí, na percepção e ação do receptor a partir do seu discurso inicial. Felizmente encontramos sinais não violentos nos comentários, como o *“Intolerância nossa de cada dia”* – Objeto 2 – que mostra claramente sua opinião divergente, mas sem atacar quem pensa de outra forma. Outro exemplo é o *“Analfabeto é o povo”*, o qual apesar deste julgamento soube apresentar seus argumentos focando na defesa da vítima e não no ataque ao que pensa de maneira diferente.

Apesar de boa parte resistir às publicações realizadas discordando do produtor e conferindo-lhe repúdio pela sua opinião, é inegável que em todos os objetos analisados percebemos como existe o controle por parte do produtor do pensamento e opinião dos observadores. *Fan pages* como a Humor Negro e a Pensamentos, cujos membros passam dos 300 mil, possuem enorme influência sobre aqueles que escolheram receber suas atualizações. Se assim o fizeram, é porque querem a opinião, querem a informação através destes produtores. O exemplo mais claro disso se deu com a página Blogueiras Feministas, que publicou uma imagem como certamente machista, quando apenas por um dos comentários que teve apresentou-se como passível de outra interpretação.

A ação que Van Dijk (2003) mostra ser controlada pelo pensamento, e este

controlado por quem detém o poder, pode ser facilmente manipulada por páginas que detém grande capital social no Facebook. E \o que é diário (conversas em família, entre colegas e amigos) passa a uma dimensão maior nos SRS, pois uma única frase adicionada a uma imagem acaba por fazer parte de uma discussão não entre pai e filho ou professora e aluno, mas entre milhares de pessoas. Concluímos assim que quanto mais assinantes tem uma página, maior o seu poder e controle sobre os que a curtem.

Notamos então uma tendência de violência aumentada neste tipo de *cyberbullying*, em que dependendo do poder de persuasão que tem a página publicamente, atinge a muito mais indivíduos do que se poderia calcular. A esse *cyberbullying* relacionamos as teorias de vigilância e afirmamos que esta está presente no discurso da violência na Internet. O Objeto 1, expondo a vida pessoal de pessoas comuns, como mostra Bruno ao dizer que hoje o interesse é pela vigilância de quem não é celebridade, mas sim de pessoas comuns, o que acontece com frequência no Facebook por ter características e ferramentas propícias para a visibilidade (SIBILIA, 2008).

Assim como o primeiro, o terceiro objeto apresenta a vigilância de forma a expor informações de pessoas que, para a página, devem sofrer humilhação. No caso, políticos. O segundo e quarto objetos mostram-se envoltos em vigilância se partirmos da teoria de Foucault (2009) de que vigiar é desprover o outro de liberdade, é puni-lo, expô-lo no seu pior para humilhá-lo. Isso acontece na segunda publicação tanto no anúncio quando a marca apresenta uma abordagem duvidosa sobre o comportamento feminino, julgando-lhe de acordo com uma só óptica que pode ser diferente.

Vigiar no Facebook pode vir a acontecer de diversas formas, até em seu momento mais óbvio e direto como acessar o álbum de fotos de alguém conhecido. Nesta pesquisa, porém, enxergamos a vigilância em seu formato de abuso de poder, publicação do que é privado e intolerância às diferenças. Nos SRS se torna frequente talvez pelo seu complemento e dependência de algo tão presente em páginas populares no Facebook: a visibilidade.

Portanto, as *fan pages* são classificadas como lugares geradores de opinião pública, cujo poder se manifesta através de um discurso construído a partir das publicações feitas na página por um terceiro. Este sequer tem necessidade de ser um laço social forte de suas demais conexões na rede, por isso a despreocupação com a

violência moral que confere a desconhecidos. E qual seria a relação da violência moral caracterizada pelo *cyberbullying* com quatro vítimas comuns e desconhecidas e as dos demais objetos?

Tanto no primeiro quanto nos demais três, pessoas se identificam com as vítimas, apesar de não estarem na foto. Por exemplo, no segundo objeto as vítimas declaradas são as mulheres, mas há um homem que se identifica e se sente ofendido pela publicação ao não conferir-lhe cunho machista. O mesmo ocorre nos demais, com inúmeras pessoas (considerando também aquelas que receberam o discurso, mas não se manifestaram) colocando-se como vítimas e também como agressores, como notamos.

Tantos sinais de humilhação vindos de todos os lados (agressores e vítimas) nos levam a ver o Facebook como um canal para o *cyberbullying* realizado diariamente através da linguagem marcada pela violência.

No estudo de caso apresentamos o Facebook, descrevemos e analisamos individualmente cada objeto do trabalho, e fechamos com uma discussão cujos pontos são a relação entre todos os objetos entre si e com as teorias trazidas para o referencial teórico. Passamos então para a finalização deste trabalho com as considerações finais acerca da pesquisa realizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Redes virtuais são tão intensas quanto as presenciais (CASTELLS, 1999). Talvez até mais, já que no âmbito virtual há coragem até para quem normalmente é tímido, além de mais volume e rapidez ao comunicar, e isso gera também maior proporção de fenômenos sociológicos, como a violência.

Grupos que existem separadamente no ambiente presencial podem conviver no virtual através das redes sociais. Nas discussões apresentadas com os objetos, os comentários não se limitaram a participantes ou assinantes das *fan pages*, mas partiram de pessoas de diversos interesses que mantiveram sua atenção voltada para uma mesma publicação fosse por repúdio ou por atratividade, formando-se como laços sociais associativos (RECUERO, 2009).

Concluimos assim que os SRS propriamente ditos como o Facebook, são o ponto de encontro para todo tipo de perfil e opiniões existentes. O que falta, como percebido pelas análises, é a boa convivência entre elas. A “culpa”, palavra analisada em outro contexto para o primeiro objeto, é marcada provavelmente pela construção que se encontra nos SRS como ambiente virtual: a sua utilização para a cultura do espetáculo. Esta, voltada para um espetáculo violento, aquele que se disfarça de humor para expor além do seu diário, o diário íntimo (SIBILIA, 2008) alheio. É a performance agressiva. O que se observa com comentários, compartilhamentos e demais ferramentas que o Facebook oferece para multiplicar a informação, é que esta violência tornou-se comum, não chama a atenção e em alguns casos não é perceptível sequer para quem testemunha uma de suas vítimas expressando seu sentimento de injustiça.

Vemos aí um SRS tão popular e aderido que torna-se óbvio dizer que a violência, quando ocorre, é aumentada (ARENDETT, 2009). Páginas como a Humor Negro com mais de 300 mil assinantes têm 100% de chance de sua mensagem contaminar outras pessoas, se espalhar para no mínimo estas 300 mil. Este fator diferencia totalmente a violência presencial da virtual, a qual atinge em minutos o que uma mensagem presencial atingiria em mais tempo e com maior esforço.

Esta violência que gera ainda mais violência é classificada neste trabalho como *cyberbullying*, devido ao seu caráter agressivo e com relações de poder e dominação aparentes, e deve ser assim concebido dentro de uma perspectiva mais profunda sobre o *bullying*, o qual ainda é estereotipado dentro de uma dimensão mais conhecida no contexto escolar e adolescência. Assim, apresentando nos objetos e nas teorias apresentadas uma fundamentação sólida, o *cyberbullying* em seu contexto ainda mais freqüente e difundido é neste trabalho demonstrado por discursos que partem de um sujeito não delimitado por faixa etária (Smith *et. al.*, 2009), mas inserido em um contexto sócio-cultural que tem por pré-requisito o uso do SRS ao qual pertence diariamente a atenção de no mínimo 72% dos internautas brasileiros.

Se pensarmos em redes, como foi demonstrado no início pelas teorias de Euler e Castells (1999), entendemos que há conexões entre os indivíduos, o que forma um grupo de pessoas com interesses ou pessoas em comum. Com este estudo podemos perceber como estas redes estão formadas não por conexões que concordam e colaboram entre si, mas por opiniões diversas que não compreendem o significado de diferença enriquecedora, partem do pressuposto de que “o que eu acredito é o certo e se o outro pensa diferente de mim é porque está errado e não merece meu respeito”. Pode parecer uma afirmativa impactante, mas pelo demonstrado nos objetos analisados acrescentados de alguns comentários originados no próprio Facebook sobre eles, a rede social está sim formada por conexões efêmeras, que se conectam por um breve período de tempo e sequer fazem jus a palavra conectar, já que se separam por ideologias, relações de poder e dominação, e, ainda, por falta de respeito às diferenças.

É difícil fazer um trabalho cujo tema é violência, e criar uma linha limite para uma análise crítica do discurso: saber analisar criticamente como a ACD permite, e ao mesmo tempo manter os objetos distantes para que sejam observados em plenitude. Porém a maior dificuldade é saber que, apesar de toda essa discussão a respeito, a violência encontrada nos discursos dos SRS é tão multiplicada que já se tornou incontrolável. Tal característica enquadra o discurso como *cyberbullying* mas também o faz alcançar um nível ainda mais específico de violência na Internet: o *Facebullying*.

Aqui não comparo violência de discursos em outros sites de redes sociais, tão pouco apresento um índice de violência no Facebook, mas é perceptível que um site de

redes sociais tão relevante para o comportamento e contexto social em que vivemos atualmente é um novo universo que tende, pelas estatísticas históricas, a somente aumentar e incluir cada vez mais pessoas. E se a violência lingüística que encontramos neste estudo é apenas um percentual mínimo do *cyberbullying* realizado diariamente através do site, há de se encontrar alternativas eficazes para garantir a segurança dos internautas através de ferramentas que entendam como acontece o processo de violência e quais os mecanismos mais utilizados no Facebook para sua multiplicação.

O que fica aqui é, portanto, uma reflexão sobre como a violência pode estar inserida em contextos virtuais, e como muitas vezes a sutil forma com que aparece através do humor ou outras formas de disfarce pode fazer com que a maioria das pessoas não perceba a agressão que está ali contida. Uma única publicação pode transformar-se em arma se inserida em uma página com muitos assinantes, e, dependendo de como é produzida, distribuída e recebida, espalha-se como um vírus que aparenta estar satisfeito e rir da situação, mas na verdade é motivo para, como Arendt (2009) nos diz, a violência gerar ainda mais violência.

A ACD vem cumprir o seu papel e desperta de alguma forma nas pessoas uma noção de que elas se enganam ao querer o que querem e acreditar no que acreditam. Talvez seja este olhar crítico o que falta naqueles que participam deste discurso da violência, pois este já se tornou comum e correto sob sua óptica.

Se a partir deste trabalho surgir o despertar para questões relativas à violência e vigilância cotidiana, especialmente aquela que criamos, recebemos e mantemos ao nos conectarmos a uma rede social na Internet, já terei cumprido o papel de pesquisadora da linguagem do *cyberbullying* sob a perspectiva da vigilância e ACD, mas, ainda mais importante, como uma agente que encontra na pesquisa e análise crítica do discurso um meio de enfrentar as desigualdades e abusos de poder no que vem a ser a ciberviolência e suas sutis formas de realizar-se no meio virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGER, B. (1992). *The Discourse of Domination. From The Frankfurt School to Postmodernism*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BARBOSA SILVA, Ana Beatriz. **Bullying. Mentis perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BOYD, d. m., & ELLISON, N. B. (2007). *Social network sites: Definition, history, and scholarship*. Journal of Computer-Mediated Communication, 13(1), article 11. <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>

BREIGER, Ronald. *The duality of Persons and Groups*. Social Forces, vol 53, n. 2, p. 181-190, dez 1974.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. Revista da FAMECOS, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/24/Fernanda.pdf>. Acesso em 8 fev. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A Sociedade em Rede**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DERTOUZOS, Michael. **O que será:** Como o Novo Mundo da Informação Transformara Nossas Vidas. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

DIOGENES, Gloria. **Cartografia da cultura e da violência** - gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Anna Blume, 1998.

ELLISON, N. B., STEINFELD, C., & LAMPE, C. (2007). *The benefits of Facebook "friends":* Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), article 1. <http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Traduzido por Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Tradução de: *Discourse and social change*.

_____. **Media Discourse**. New York: Oxford University Press Inc., 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões. Traduzido por Raquel Ramalheite. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Tradução de: *Surveiller et punir*.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para Internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Traduzido por Maria Célia Santos Raposo. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Tradução de: *The presentation of the self in everyday life*.

_____. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GRANOVETTER, Mark S. **The Strength of weak ties**. *The American Journal of Sociology*, Vol. 78, No. 6. (May, 1973), pp. 1360-1380.

HERRING, Susan C. (2002). **Cyber Violence: Recognizing and Resisting Abuse in Online Environments**. *Asian Women* 14 (Summer): 187-212.

KRESS, Gunter R.; LEEUWEN, Theo Van. **Reading images. The grammar of visual design**. 2 ed. London: Routledge, 2006.

LEBRUN, Jean-Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MALVASI, Paulo Arthur; TRASSI, Maria de Lourdes. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência**. São Paulo: Cortez, 2010.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

PEDRO, Emília. **Análise Crítica do Discurso – Uma Perspectiva Sociopolítica e Funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RECUERO, Raquel. **Um estudo do capital social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.pucrs/famecos/pos/revfamecos/28/raquelrecuero.pdf>.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais**. Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-8) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, a ser realizado em setembro de 2004, em Porto Alegre/RS.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica**. In: André Lemos; Paulo Cunha. (Org). *Olhares sobre a Cibercultura*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 139-152.

SLONJE, R. & SMITH, P. K. (2008). *Cyberbullying: Another main type of bullying?* Scandinavian Journal of Psychology, 49. pp. 147-154.

SMITH, Peter k. et al. (2009). *Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory*. Aggression and Violent Behavior, 14, 146-156.

SPYER, Juliano et Al. **Tudo o que você precisa saber sobre o Twitter**. 2009. Disponível no site: <http://www.talk2.com.br/debate/talk-show-sobre-o-twitter/>.

STRASBURGER, Vitor. **Os adolescentes e a mídia - impacto psicológico**. Porto Alegre: Artmedica, 1999.

THOMPSON, J.B. *Ideology and modern culture*. London: Stanford University Press, 1990.

VAN DIJK, Teun A. *Critical Discourse Analysis*. Special issue of *Discourse & Society*, 4(2), 1993. pp. 352-371.

_____. *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel, 2003.

WODAK, Ruth. **Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, v.4, n. Especial, 2004. pp. 223-243.

_____. *Aspects of Critical Discourse Analysis*. Methods of Critical Discourse Analysis, Chapter 1, 2001.

_____. *What is Critical Discourse Analysis? Ruth Wodak in Conversation with Gavin Kendall*. Forum: Qualitative Social Research. Volume 8, no.2, Art. 29 – May 2007.

ANEXOS

Anexo 1 – Notícia da Revista Exame.com sobre os 900 milhões de usuários

EXAME.COM

Redes Sociais | 23/04/2012 17:39

Facebook ultrapassa 900 milhões de usuários

Rede social espera atingir 1 bilhão de perfis até o fim do ano; números foram revelados em adendo que será integrado aos documentos do IPO



lo – Em adendo enviado hoje para integrar a papelada do seu IPO, o **Facebook, rede social** mais popular **o planeta**, divulgou que conta, atualmente, com cerca de 901 milhões de usuários e que deve bater a marca de 1 bilhão até o fim do ano.

Segundo os dados divulgados pelo [Mashable](#), o documento diz que, dos mais de 900 milhões, cerca de 526 milhões são considerados “ativos” e responsáveis por mais de 3,2 bilhões de comentários publicados todos os dias.

Outros números curiosos da rede social incluem o fato de que, diariamente, mais de 300 milhões de fotos são enviadas aos servidores e 125 bilhões de solicitações de amizades são aprovadas. Além disso, estima-se que 488 milhões de pessoas acessem a rede social via smartphones ou tablets.

Brasil entre os mais ativos

De acordo com dados da consultoria [SocialBakers](#), o Brasil é o terceiro maior grupo entre os mais ativos em todo o Facebook, com cerca de 44,6 milhões de brasileiros. A primeira posição continua sólida nas mãos dos americanos, que atualmente são cerca de 156 milhões. O segundo lugar fica com a Índia, que conta com 45,7 milhões de perfis na rede.

Espera-se que o IPO da empresa de Mark Zuckerberg, que recentemente foi às compras e adquiriu o Instagram por 1 bilhão de dólares, aconteça no dia 17 de maio. [O Facebook espera arrecadar 5 bilhões de dólares com a venda dos papéis](#), levando o Facebook a valer 100 bilhões de dólares no mercado.

Anexo 2 - Notícia da BBC Brasil online sobre um caso de *bullying*

Atualizado em 30 de março, 2010 - 08:41 (Brasília) 11:41 GMT

Suicídio de garota após bullying leva a indiciamento de 9 adolescentes nos EUA

Nove adolescentes foram indiciados pela Justiça do Estado americano de Massachussetts após o suicídio de uma estudante de 17 anos que teria sido supostamente vítima de *bullying* (intimidações físicas e psicológicas) do grupo.

Phoebe Prince, que havia imigrado recentemente com a família da Irlanda para a cidade de South Hadley, em Massachussetts, foi encontrada morta na escada do prédio onde morava no dia 14 de janeiro.

Segundo a promotora que cuida do caso, Elizabeth D. Scheibel, Phoebe teria se matado após uma série de ataques físicos e verbais, culminando em um episódio descrito como "torturante" no qual ela teria sido vítima de calúnias e atacada com uma lata de bebida.

Phoebe teria começado a ser perseguida por colegas de escola após um curto relacionamento com um colega popular, terminado seis semanas antes do suicídio.

Os ataques teriam ocorrido principalmente dentro da escola, mas também por meio de mensagens por celular e em sites de relacionamento social.

Abuso sexual

Dois dos adolescentes indiciados foram acusados de abuso sexual, mas a promotora não deu detalhes. Outras sete garotas foram indiciadas por assédio criminoso e por violação dos direitos civis de Phoebe.

Segundo Scheibel, o suicídio de Phoebe foi "a culminação de uma campanha de quase três meses de comportamento verbalmente intimidatório e danos físicos".

A lista de indiciados não inclui nenhum funcionário da escola onde a adolescente estudava, apesar de a promotora ter afirmado que a direção e os funcionários sabiam dos abusos.

Pelo menos quatro estudantes e dois professores teriam tentado impedir os ataques contra Phoebe ou teriam relatado o problema à direção da escola.

"Uma falta de entendimento sobre intimidações associadas com relacionamentos entre adolescentes parece ter sido comum na South Hadley High School", disse Scheibel. "Isso, por sua vez, levou a uma interpretação inconsistente do código de conduta da escola quando os incidentes foram observados e relatados."

"As ações ou inações de alguns dos adultos da escola são preocupantes", afirmou a promotora. Segundo ela, a mãe da garota havia conversado com menos dois funcionários da escola e os problemas eram "amplamente conhecidos" pela direção.


Scheibel afirmou ainda que mais uma pessoa poderá ser indiciada, mas não deu mais detalhes.

Anexo 3 – Página oficial de informações do Facebook

facebook

Newsroom

Facebook's latest news, announcements and media resources.



- Home**
- News
- Company Info
- Products
- Platform
- Engineering
- Advertising
- Safety and Privacy
- Photos and B-Roll
- Contact Info

Highlights

Organ Donation: Friends Saving Lives
 Starting today, you can add that you're an organ donor to your timeline, and share your story about when, where or why you decided to become a donor.
 May 01, 2012

The Next Web Conference: New Timeline Apps
 Since timeline apps began launching, developers have been growing their businesses internationally by building social web and mobile apps
 April 26, 2012

Facebook to Acquire Instagram
 Facebook announced today that it has reached an agreement to acquire Instagram, a fun, popular photo-sharing app for mobile devices.
 April 09, 2012

Anexo 4 - Notícia da INFO Online

INFO Online

72% dos brasileiros acessam o Facebook diariamente

Por Vinicius Aguiari, de INFO Online • Quinta-feira, 19 de abril de 2012 - 10h55

Getty Images



São Paulo - Os brasileiros definitivamente inseriram o Facebook em sua rotina digital. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa Hi-Mídia, 72% dos usuários nacionais cadastrados na rede acessam suas contas pelo menos uma vez ao dia.

O Orkut aparece na segunda posição da lista, com índice de 41%, seguido do Twitter (39%) e do LinkedIn (28%).

No total, 86% dos 484 entrevistados afirmaram que possuem uma conta no Facebook, contra 63% no Orkut, 33% no Google+, 32% no Twitter, 22% no LinkedIn, 16% no Badoo e 10% no Sonico.

O estudo mostra também que as redes sociais facilitam o relacionamento dos consumidores com as marcas – 57% das pessoas afirmaram que curtem alguma marca ou produto no Facebook enquanto 41% o fazem no Twitter. Na rede de microblog, o principal interesse é a busca por promoções enquanto no Facebook os usuários esperam encontrar novidades relacionadas à marca.

Em relação ao aspecto pessoal, os usuários afirmaram que usam o Facebook para se comunicar com amigos e familiares e o Twitter para se atualizar, encontrar notícias e assuntos interessantes.

Brasil já é o terceiro no Facebook

O Brasil superou a Indonésia e se tornou o terceiro maior país em número de usuários no Facebook.

Segundo números do site SocialBakers, 44,6 milhões de brasileiros estão cadastrados na rede social contra 42,6 mi de indonésios. Em março, eram 42,1 mi de brasileiros contra 43,3 mi de indonésios. Estados Unidos, com 156 mi, e Índia, com 45,7 mi, lideram a lista.

Com crescimento de 9,4% ao mês, o Brasil pode se tornar o segundo país da lista já em maio. Hoje a diferença do número de usuários entre Brasil e Índia é de apenas 2 milhões. Em março, a Índia apresentou crescimento de 4,3%.

COMENTÁRIOS ///

Anexo 5 – Página recomendada pelo Facebook sobre segurança ao usar o site

Facebook has a global team of several hundred people working 24/7 on safety.

Facebook Safety
815.556 curtiram · 4.593 falando sobre isso

Internet/Software
At Facebook, nothing is more important than the safety of the people who use our service. On this page you can learn about our safety tools, resources and

Sobre Fotos Opções "Curtir" Resources Digital Citizenship...

Curtir

GLOSSÁRIO

1. Atari: empresa pioneira em jogos, consoles caseiros de videogame e computadores domésticos. Os produtos da empresa, como Pong e Atari 2600 ajudaram a definir a indústria do entretenimento computacional da década de 1970 e meados dos anos 80.

2. Atores: são as pessoas que participam de uma rede social.

3. Facebook: Site de redes sociais que conecta pessoas conhecidas ou não através do sistema de adicionar amigos, enviar recados, curtir eventos em comum, adicionar fotografias, entre outras inúmeras opções como jogos e propagandas. É o SRS mais acessado no mundo, com mais de 900 milhões de usuários. Em 2010 chegou aos cinemas o filme “A Rede Social” baseado na história do Facebook sob a perspectiva do seu co-fundador Mark Zuckerberg.

4. Hipertexto: é o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links.

5. Intel: Intel Corporation é uma empresa multinacional americana que fabrica chips semicondutores. Está localizada na Califórnia, e é considerada a fabricante de chips semicondutores mais valiosa do mundo. Fonte: Wikipedia.com.

6. Internauta: usuário da Internet.

7. Link: conexão que se dá na Internet.

8. Mac OS X: sistema operacional que tem os computadores fabricados pela Apple.

9. Microchip: é um circuito integrado (CI) conhecido por microprocessador.

10. MSN: Programa para mensagens instantâneas do Windows, que permite aos usuários conversarem em tempo real, com texto e vídeo. *Software* semelhante: Skype.

11. MySpace: rede social que tem por principal contribuição criar perfis de artistas musicais para que compartilhem suas músicas e conheçam outros usuários a partir de um perfil musical.

12. NASA: Sigla em inglês para National Aeronautics and Space Administration: Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço), também conhecida como Agência Espacial Americana, é uma agência do Governo dos EUA, responsável pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial. A NASA foi responsável pelo envio do homem à Lua e por diversos outros programas de pesquisa no espaço. Fonte: Wikipédia.

13. Orkut: É um site de rede social que permite ao usuário criar um perfil público onde informações sobre suas preferências pessoais, fotografias, interesses e rede de amigos são expostos para todos os demais usuários ou para alguns amigos (dependendo do nível de privacidade que o usuário escolhe ter ao usar dessas ferramentas. 50,6% dos usuários do Orkut são brasileiros⁹².

14. Skype: programa que permite aos usuários conversarem por texto, voz, vídeo, todos juntos ou cada uma dessas formas individualmente.

15. Software: Um programa de computador ou dispositivo eletrônico cuja finalidade depende do seu tipo programado, e do objetivo de quem o utiliza. Exemplo de softwares: Microsoft Word, Photoshop, Instagram.

16. SRS: Site de Redes Sociais é um site desenvolvido para o relacionamento/conexão entre os indivíduos que fazem parte dele. Tem por base redes sociais para ter sentido o

⁹² Dados acessados em <http://www.orkut.com.br/Main#MembersAll> em Novembro de 2011.

seu funcionamento.

17. TCP: O TCP-IP é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede. Seu nome vem de dois protocolos mais importantes do conjunto: o TCP (Transmission Control Protocol – Protocolo de Controle de Transmissão) e o IP (Internet Protocol – Protocolo de Interconexão). Fonte: Wikipédia

18. Twitter: microblog permite aos usuários escreverem mensagens de até 140 caracteres respondendo à pergunta “*o que está acontecendo?*”, ou falando sobre o que têm vontade. É bastante utilizado por empresas e canais de comunicação para informar em tempo quase real o que acontece.

19. Vale do Silício: região da Califórnia onde estão concentrados os maiores centros de estudo e empresas de informática dos EUA.